



A MINHA VIDA

ENQUANTO BUSCA DO
SENTIDO DA MEDIUNIDADE

EILEEN GARRETT

TRADUÇÃO: AMADÉU ANTÓNIO

EILEEN J. GARRETT
[1893-1970]

NOVA IORQUE

1939

DIREITOS DE AUTOR © 1939 POR EILEEN J. GARRETT

ÍNDICE

Parte Um

MEMÓRIAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

APRENDER A VIVER EM DOIS MUNDOS

I A Casa da Quinta — A Minha Tia e o Meu Tio

II «As Crianças»

III Ir à Escola e os «Entornos» dos Organismos Vivos

IV Descubro a Dança dos Glóbulos de Luz

V Porque é que os Nomes Pouco Me Têm Importado

VI Pôr Deus à Prova

VII A «Visão» da Minha Tia Leon e a Morte dos Patos

VIII Procuro o Sentido da Morte e da Vida no Meu Próprio

Pequeno Mundo

IX A Chegada dos Ciganos

Parte Dois

ADOLESCÊNCIA

A RESPONSABILIDADE DE CRESCER

X Sou Enviada para um Colégio Interno

XI A Morte do Meu Tio e a Minha «Visão» Dele

XII Persigo o Sentido da Morte

XIII Aproximo-me do Mistério da Confirmação

XIV Tomo a Primeira Comunhão

XV Conheço o Meu Primeiro Amigo Bay

XVI Porque é que Sou Expulsa da Escola

XVII Ouço Finalmente a História dos Meus Pais Falecidos

XVIII Da Igreja à Política — A Minha Chegada a Londres

Parte Três

DESCOBRINDO O SENTIDO DO

CASAMENTO, DOS FILHOS E DE UMA CARREIRA

XIX Vida em Londres

XX O Meu Casamento

XXI Depois do Casamento, Vivo Dividida em Mim Mesma

XXII Os Meus Filhos e o Crescente Drama da «Visão»

XXIII As Minhas Primeiras Tentativas nos Negócios e a Doença e Morte

da Minha Tia

XXIV A Minha Carreira Desenvolve-se e Volto a Experimentar a
«Previsão»

XXV Como Acabo por Voltar a Casar — Exploro os Movimentos
Trabalhistas Inglês e Irlandês

Parte Quatro

ENCONTRAR-ME A MIM MESMA

O DESENVOLVIMENTO DOS MEUS PODERES PSÍQUICOS E

O CRESCIMENTO DA MINHA MEDIANIDADE

XXVI Edward Carpenter e o Seu Efeito na Minha Vida

XXVII A Minha Filha Recupera de uma Doença Grave

XXVIII As Minhas Primeiras Experiências no Espiritualismo e o Início do
Transe

XXIX Como o Meu Controlo «Uvani» Surgiu pela Primeira Vez

XXX Hewat McKenzie e o Desenvolvimento da Minha Medianidade
Mental

XXXI Manifestações de Medianidade Física; Experiências com Fenómenos
Poltergeist

XXXII Assumo a Responsabilidade pela Minha Medianidade e Procuro
uma Chave para o Seu Sentido

XXXIII Planeio Deixar de Usar os Meus Poderes Supernormais

Parte Cinco

PODERÁ A CIÊNCIA DESVENDAR O SENTIDO DA

MINHA MEDIANIDADE E DAS PERCEÇÕES SUPERNORMAIS?

XXXIV Aos Estados Unidos em Busca de Investigação Objetiva

XXXV A Minha Atitude Mutável em Relação à Minha Própria
Medianidade

XXXVI O Que Descubro Sobre Telepatia e Clarividência na Investigação
na Universidade de Duke

XXXVII Análise sob Hipnose e Outras Experiências

Dão-me Controlo Sobre os Meus Poderes Supernormais

Parte Seis

DESCOBRO POR MIM UM SENTIDO

PARA A MEDIANIDADE

XXXVIII A Medianidade e Outras Percepções Supernormais como Passei a
Conhecê-las

XXXIX As Minhas Próprias Conclusões sobre Radiação, Mente e
Clarividência

XXXX Onde Estou e no que Acredito Hoje

Parte Um
MEMÓRIAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA
APRENDER A VIVER EM DOIS MUNDOS

Capítulo I
A CASA DA QUINTA — A MINHA TIA E O MEU TIO

As minhas recordações mais antigas começaram numa casa de quinta, na Irlanda. Muitas memórias afloram, desde a época em que eu tinha provavelmente três anos. É difícil, por isso, dar-lhes sequência. Imagens da casa e do jardim fundem-se umas nas outras. Não consigo dizer onde uma termina e a outra começa. Havia uma casa comprida, irregular, de pedra, e cada geração sucessiva tinha-lhe acrescentado mais uma ala, diziam-me. Rom e madressilva cobriam as suas paredes e espreitavam pelas janelas. Para além do jardim ficava o pátio da quinta, os seus abrigos apinhados de gado e os celeiros cheios de feno e forragem. A vereda que conduzia à nossa quinta, lembro-me, estava em flor com espinheiro-alvar e macieiras-bravas; era este o limite, para além do qual me era proibido ir sozinha. Da vereda, um portão dava para um prado por onde os cavalos e as vacas iam e vinham com um exército de mãos firmes.

O meu tio criava cães: terriers e collies. Os canis ficavam no fundo do jardim, e eu podia ir lá quando quisesse. Aos terriers nunca me afeiçoei; eram apenas cães. Os collies eram diferentes; havia um, a minha maior amiga, um cão de pelo comprido e dourado, chamado Ida. O peito era branco e sedoso e os olhos cintilavam de bondade e compreensão. Ela e a sua família eram os meus únicos amigos, e eu amava-os mais do que tudo no mundo.

Devo ter montado a cavalo antes de me lembrar. Não me recordo de ter começado a montar, mas isso não é estranho, pois as crianças aprendem tão cedo na Irlanda. Aos quatro anos, quando fui para a escola, sentia-me perfeitamente à vontade num cavalo, pois vivia no Condado de Meath, que então era o segundo condado de caça mais importante da Irlanda. Nessa altura, a Corte de Inglaterra e a nobreza do continente vinham sempre à Irlanda para as épocas de caça e tiro.

As suas jornadas de caça à raposa realizavam-se a cerca de oitocentos metros de nossa casa, de modo que passavam pela nossa quinta quase diariamente. Às vezes eu segurava abertos os portões do prado para os seus cavalos passarem, e muitas vezes era-me dado o

lugar na sela por esses caçadores que passavam. Eu adorava aqueles cavalos e os casacos de caça vermelho-vivo dos cavaleiros, mas revoltava-me contra ser mimada por estranhos. As suas carícias grosseiras assustavam-me sempre; resistia às suas aproximações da única maneira que conhecia, lutando furiosamente com dentes e unhas para me libertar das suas mãos rudes. O choque dessas experiências muito precoces tornou-me, desde então, receosa e desconfiada de toda a gente. Depois disso, retraí-me mais do que nunca do contacto humano e só era verdadeiramente feliz quando estava sozinha. Em retrospectiva, não há agora dúvida na minha mente de que essas experiências tão iniciais afetaram a minha atitude perante todas as relações humanas e ergueram um entrave definido que perdura até hoje entre mim e as outras pessoas.

A minha tia sempre me apareceu como uma criatura encantadora e imponente, mesmo quando estava irritada. Para mim, parecia sempre fria e distante. Lembro-me de, em criança, correr para ela quando estava alegre com o meu tio e outras pessoas e de tentar fazê-la voltar-se para o meu lado e partilhar comigo as suas risadas; mas as suas mãos firmes agarravam-me pelos ombros e punham-me calmamente de parte.

Nunca me afastava com aspereza; limitava-se a tirar com delicadeza os meus dedos das suas mãos e a virar-se. Ainda hoje penso nela como uma mulher alta e inflexível, vestida com um vestido de tafetá preto engomado, cujo sussurro me avisava sempre da sua aproximação. Os óculos, que usava presos por um cordão de seda preto, pareciam também parte da sua presença e gelavam-me quando não o faziam as suas mãos frias. Tinha o cabelo fulvo, apanhado no alto num coque torcido.

Quando me ralhava — e isso acontecia todos os dias — não me importava tanto se pudesse refugiar-me a contemplar as suas voltas de cabelo ruivo, que eu sempre ansiava tocar. Eu amava o meu tio com profunda devoção. Era feliz quando podia caminhar horas atrás dele enquanto passeava; essa é a minha lembrança mais antiga dele. Nunca se zanga-va comigo; embora nem sempre respondesse quando o bombardeava com perguntas, muitas vezes replicava às minhas observações com a garantia de que eu provavelmente tinha razão. Eu amava e admirava o meu tio.

Tinha um olhar bondoso e era sempre bem-disposto; de porte digno, tinha cabelo branco, olhos cinzentos e barba grisalha; e a espingarda que levava ao ombro era tão parte da sua personalidade como a tosse que o sacudia de manhã e à noite. Fotografias suas, tiradas na meia-idade, ligavam-no claramente à minha concepção longínqua de Deus. Aprendi primeiro a ver o mundo exterior pelos olhos dele e, porque me ensinou que nada na vida existia para me magoar, não conheci medo dos bosques, dos animais ou do escuro. Esperava com impaciência as noites em que me permitia acompanhá-lo ao bosque à procura de furtivos, e vibrava de excitação quando me ensinava a segurar a sua espingarda. Teria morrido antes de o deixar saber que o seu peso era demasiado para mim. A sua palavra era lei para mim e nunca me passava pela cabeça desobedecer-lhe. O meu quarto ficava no topo de uma escada em caracol. Era mais do que casa para mim e conhecia todos os meus segredos.

O resto do edifício era apenas «a casa». A parede do meu quarto inclinava-se de um lado; parecia pender, para espreitar as roseiras que cresciam encostadas a ela e se erguiam até ao colmo onde as andorinhas tinham os ninhos. Por baixo das minhas janelas, as bordaduras do jardim tornavam-se azuis e amarelas até chegarem à horta e às macieiras. A casa tinha dois andares, era de colmo e desalinhada. Parecia querer esconder-se nas roseiras que cresciam em volta. Ao meu quarto eu contava tudo o que sentia, falando em voz alta. Havia quadros nas paredes; os que representavam a primavera eram os que eu mais amava.

A minha cómoda contava-me histórias quando eu lhe tocava na madeira, acariciando-a. Uma velhinha vinha visitar esta cómoda; estava cansada e frágil e nunca falava. Eu não podia conversar com ela, pois tinha-me sido ensinado que nunca devia dirigir a palavra aos mais velhos antes de eles me falarem. Nunca cheguei a saber mais nada sobre a velhinha.

Quando falei dela à minha tia, ela despachou-me com a sugestão de que eu era vítima de uma imaginação demasiado viva. Sobre a cómoda havia um espelho oval; nunca olhava para esse vidro sem primeiro o embaçar com o hálito; gostava de ver os bocados invertidos do quarto refletidos na superfície enevoadada do espelho. Isso fazia-me sentir que, por um momento, estava a viver numa casa nova e diferente. Não me recordo dos outros objetos do quarto, exceto das duas pequenas e discretas fotografias que estavam lado a lado em

cima da cómoda. Uma vez ouvi alguém dizer sobre elas «pobre Anthony e Anna»; a partir daí, os dois nomes ficaram gravados na minha memória e a tudo o que estava lado a lado, em pares — árvores no bosque, plantas no jardim, outeiros e até cães e coelhos — eu dava os nomes de «Anthony» e «Anna».

Quando, aos dez anos, me explicaram que Anthony e Anna eram os nomes dos meus pais falecidos, fiquei contente por eles, por ter chamado pelo nome deles a tantas coisas que eu amava; senti que, de algum modo, lhes tinha dado vida através das coisas que amava. Pode parecer estranho que a minha vida precoce não contenha qualquer associação com pais, nem memória de sentir a sua falta. Nunca me falaram deles e não me lembro de alguma vez ter perguntado porque não tinha pais como as outras crianças. Só alguns anos mais tarde, antes da minha confirmação, me deram os poucos pertences deles e me contaram a história do seu trágico fim. No meu próprio quarto eu podia estender a parte nebulosa, tecida de teias, de mim, que não tinha noutro lugar espaço para se expandir por completo. Respirando para além dos dedos e acima da cabeça, abraçava-me de felicidade.

Esta proteção conquistada no meu quarto deve ter sido o começo da minha capacidade de me recolher e viver sozinha comigo própria. Chegou o momento em que pude usar esse processo para excluir a voz da minha tia. Lembro-me de perceber que conseguia ver os seus lábios mexerem-se sem ouvir som algum das palavras que proferia. Isto deve ter sido o início daquela separação de personalidade que mais tarde levou ao estado conhecido como transe. Desde as minhas primeiras memórias, consegui, deitando-me bem rígida com a cabeça na dobra do braço, estender-me e tocar as flores e o céu.

Também assim senti o sopro de um arbusto distante, a carne de uma flor longínqua ou a seiva de alguma árvore remota. A chuva a cair podia fazer o meu corpo sentir como a erva sentia sob o seu peso, e eu conhecia a sensação da humidade tal como as folhas a conheciam. O ar em redor sustentava-me e alimentava-me como se tivesse recebido comida e bebida. Por muito que, em criança, sentisse necessidade de lágrimas, se a minha cabeça estivesse encaixada na dobra do braço, depressa encontrava a paz para afastar a dor no pulsar do mundo vivo lá fora. Posso, até hoje, deitando-me assim dentro de mim, conhecer a «unidade» com toda a Luz e toda a Vida. «As Crianças» vieram.

Eram duas meninas e um rapaz. Vi-os primeiro emoldurados no vão da porta; eram-me estranhos, como eram todas as crianças; olhei-os atentamente e ansiava brincar com eles, mas não me era permitido conviver com outras crianças. Suponho que me terei virado e prontamente me esquecido deles. Creio que conheci «As Crianças» algum tempo antes de ir para a escola, por volta dos quatro anos. No dia seguinte, ao ar livre, voltei a vê-los. Ficavam, como as crianças fazem, absortos a olhar; juntei-me a eles e, depois disso, vinham ver-me diariamente.

Às vezes ficavam o dia inteiro, outras apenas um pouco, mas não havia dia de que não fizessem parte. Quando procurava «As Crianças», tinha de as buscar ao ar livre; por vezes vinham para dentro, mas aprendi que eram infelizes dentro de casa. Até aos treze anos continuaram em contacto comigo, indo e vindo. Considerava-os «As Minhas Crianças». Desde o momento em que vieram, os brinquedos perderam o sentido para mim. Como as coisas vivas em meu redor, que eu amava, eu amava «As Crianças». Outras pessoas iam e vinham, eu via-as; interessavam-me por um instante e, quando partiam, eu ficava contente; com «As Crianças» não era assim; qualquer coisa que interrompesse a minha vida com elas tornava-me inquieta; tornaram-se tão parte dela como o sol, as flores, a chuva e o vento.

As coisas vivas à minha volta que eu amava começaram a mudar; os animais cresciam, as flores morriam, o jardim alterava-se; mas «As Crianças» nunca mudavam. Receei perdê-las quando a escola começou, mas asseguraram-me que a escola não tinha terrores para elas e prometeram ficar comigo. E assim os dias foram correndo: «As Crianças» e eu falávamos, ríamos e brincávamos juntas e éramos muito felizes. Quando contei à minha tia e ao meu tio acerca de «As Crianças», ficaram manifestamente aborrecidos comigo e voltaram a acusar-me de mentir. Ridicularizaram toda a ideia da existência destes companheiros de brincadeira e perguntaram-me de onde vinham, como se chamavam e onde os tinha conhecido.

A minha tia não acreditou quando lhe disse que os tinha encontrado ao ar livre. Supliquei-lhe que viesse vê-los por si; mas ela respondeu: «Agora, está calada com essas tuas crianças. Estás a inventar tudo; não há tais crianças e Deus há de castigar-te por dizeres tais mentiras.» Todos os dias eu lhe rogava: «Por favor, tia, vem hoje e vê-os agora.» Tentei contar-lhe mais sobre eles, que eram duas

meninas e um rapaz e que uma das raparigas era mais velha do que eu. Ela perguntou-me como é que eu sabia tudo isso. «Falaste com eles ou tocaste-lhes?» Fiquei envergonhada perante as suas dúvidas. «Se alguma vez tentares, descobrirás que eles não são de todo reais. Estás apenas a imaginar essas crianças.»

«As Crianças» riram quando lhes contei como a minha tia duvidava da sua existência. «Somos mais sábios do que ela», pareciam dizer. Nunca duvidei da realidade de «As Minhas Crianças», nem do facto de falarmos de modos que nenhum adulto compreendia. Toquei-lhes e descobri que eram macias e quentes, tal como eu. Havia uma maneira em que diferiam das outras pessoas. Eu via a forma dos humanos comuns rodeada por um nimbo de luz, mas a forma de «As Crianças» consistia inteiramente dessa luz. A minha tia ficou tão aborrecida com as minhas histórias sobre eles que deixei de tentar explicar-lhe que «As Crianças» continuavam a ser minhas. Continuei a contar ao meu tio e ele sorria e dizia: «Talvez.» Gradualmente comecei a suspeitar de que nem tudo o que a minha tia me dizia era verdade.

À medida que passei a conhecer melhor «As Crianças», ensinaram-me a não acreditar muito no que qualquer adulto dissesse ou fizesse; deram-me coragem para desobedecer e enfrentar as consequências de dizer «Não». Ensinaram-me a observar as pessoas e, em especial, a estudar a minha tia. Comecei a ver-lhe o rosto mudar em estados de zanga, dúvida ou medo; reparei que não tinha a placidez de «As Crianças». Também me ensinaram a escutar a voz da minha tia e a notar todas as suas mudanças e humores; observando-a como fazíamos em conjunto, tornei-me menos receosa dela e, quando fui para a escola, já sabia que nenhum adulto dizia inteiramente a verdade.

Mesmo o meu tio, a quem eu amava e que sempre me ouvia, deixei de confiar-lhe as minhas histórias sobre «As Crianças»; e quando, por vezes, ele me perguntava a brincar por eles, eu apressava-me a ir-me embora em vez de responder. «As Crianças» tinham-se tornado minha responsabilidade e tinham de ser protegidas a todo o custo das dúvidas alheias. Partilhavam todos os meus dias, e muitas vezes as minhas noites, comigo. Quando voltavam a aparecer depois de eu me deitar e me pediam para me juntar a elas, nunca hesitava em fazê-lo e nunca me preocupava com as consequências das nossas aventuras; ia sempre com elas, mesmo que ir trouxesse castigo atrás;

nenhuma ameaça de novas surras podia impedir as nossas escapadelas em conjunto.

Para estar com «As Crianças», tornei-me reservada e cautelosa nas ações durante o dia e estava sempre pronta a ir para a cama ao crepúsculo. Tão boa conduta trazia frequentemente a minha tia a correr ao meu quarto, desconfiada de que eu pudesse ter algum plano escondido; vigiava-me constantemente, a perguntar-se, suponho, por que razão a cama me parecia tão desejável enquanto ainda era dia. Muitas vezes, quando ela vinha, eu fingia estar a dormir. Mais tarde, quando «As Crianças» chegavam, eu escorregava pela janela e juntava-me a elas no jardim, ora ao luar, ora sob a luz das estrelas, ora na profunda escuridão de uma noite sem claridade.

Muitas vezes a minha tia e o meu tio apanhavam-me no jardim horas depois de pensarem que eu dormia profundamente na cama. O castigo era aplicado e eu era logo levada para o meu quarto. A minha tia perguntava-me: «Mas por que tens de fazer isto? É certamente mais fácil pedir licença para ficar acordada e brincar no jardim do que ir para a cama ainda com luz e depois levantar-te outra vez sem a roupa própria. Deves querer morrer.» Ao princípio, dizia-lhe entre lágrimas que «As Crianças» tinham vindo buscar-me e que eu tinha de ir. Isto só a irritava e trazia-me novo castigo. Aprendi que o silêncio, a que ela chamava amuanço, era a minha única defesa contra ela. Assim foi crescendo entre nós uma barreira intransponível, que já não tentei remover. Quando «As Crianças» vinham, nunca as via aproximar-se e nunca as via ir-se embora.

Eu podia erguer os olhos e encontrá-las ali ou, de repente, já tinham desaparecido. Quis segui-las nos primeiros tempos, quando me deixavam, mas elas estremeciam e diziam «Não». Depois disso, nunca mais lhes pedi para ir com elas. Se eu soubesse para onde iam, teria dito à minha tia, e então ela poderia tê-las visto. «As Crianças» aborreciam-me quando se recusavam a trepar às árvores comigo, a remar pelo rio ou a chapinhar no regato. Pelos vistos, não gostavam muito de água, embora nunca o tenham dito. Desaprovavam as minhas escaladas às árvores; gostavam de olhar para as árvores e de viver com elas, mas diziam-me que as árvores eram para ficar intactas e não para serem perturbadas pelas nossas trepadelas.

Tudo o resto na minha vida elas partilhavam; amavam tudo o que crescia e floria e despertaram em mim o sentido da beleza.

Partilhavam o meu entusiasmo pelo jardim e pelos campos; cada pedra tinha uma história, cada colina da vizinhança era uma aventura para nós. As árvores e os arbustos tornaram-se nossos amigos. Mostraram-me onde despontavam as primeiras violetas, onde a primula crescia mais densa e a umbigo-de-vénus (cowslip) florescia com maior profusão. Sabiam onde amadureciam as melhores amoras e levavam-me a apanhar cogumelos antes da aurora.

Descobriam onde os carriços e os pisco-de-peito-ruivo faziam os ninhos e conduziam-me a ver os morcegos, escondidos da luz do dia no telhado do celeiro. Quando nasciam as ninhadas de cachorros, eram as primeiras a saber e, quando os borregos vinham ao mundo, apressavam-me para fora de casa para os visitar. Anos mais tarde, quando falei de «As Crianças» aos que sabiam algo da minha infância, perguntavam-me muitas vezes: «Esses companheiros de brincadeira da tua infância assemelhavam-se a alguma criança real que tivesses conhecido?» e a isso respondi muitas vezes: «Não.»

Antes de ir para a escola, quando «As Minhas Crianças» vieram ter comigo pela primeira vez, eu não conhecia outras crianças; via de longe os pequenos da aldeia, mas nunca me era permitido brincar com eles, e não havia mais ninguém na nossa vizinhança. Outras pessoas, tentando compreender a natureza desses companheiros de infância, perguntavam-me: «Essas crianças pareciam-te completamente reais ou seriam talvez fadas?» Para mim, «As Minhas Crianças» de modo nenhum tinham aspeto feérico, a julgar pelo que mais tarde aprendi sobre fadas; porque, na altura em que «As Crianças» apareceram, eu tinha apenas quatro anos e nunca tinha ouvido quaisquer histórias de fadas, nem da minha tia nem do meu tio, antes de ir para a escola.

Só anos mais tarde os velhos do campo me regalaram com contos de brownies e fadas. Também me pediram que dissesse como «As Crianças» comunicavam comigo quando nos encontrávamos. «Usavam palavras?», perguntam muitas vezes. Só posso responder dizendo que eu conversava com as crianças como conversava com tudo o que estava vivo; pois parecia-me que eu sabia o que as flores e as árvores diziam sem recurso a palavras. Assim, parecia-me também que «As Crianças» e eu comunicávamos os nossos significados umas às outras sem o uso de palavras. Ainda hoje, as palavras não têm para mim o valor que outros lhes atribuem. Consigo, num relâmpago, por sensação, comunicar a outra pessoa todos os meus pensamentos e

desejos, assim como perceber os dos outros, sem pronunciar uma única palavra.

A insuficiência das palavras para exprimir emoções, pensamentos e sentimentos criou, de tempos a tempos, uma barreira entre mim e os outros e até fez parecer impossível explicar-me e explicar o meu modo de funcionar à maioria das pessoas. Em criança, ressentia profundamente o facto de nenhum adulto acreditar em nada do que eu dizia. Quando exprimia antipatia por pessoas pelo seu toque ou cheiro, era sempre repreendida pela minha tia.

Quando dizia que alguém me magoara, quem na realidade apenas me alisara o cabelo ou tocara no meu rosto, eu dizia a verdade; mas o horror que tais afirmações provocavam no rosto da minha tia fez-me perceber que ela considerava que eu tinha cometido uma falta; este tratamento deixava-me perplexa. Estava constantemente chorosa e perguntava-me por que motivo ninguém acreditava em mim quando eu descrevia exatamente o que via e sentia. Não entendia por que razão parecia que ninguém gostava de mim. A minha única paz vinha de estar sozinha; não admira que o meu quarto se tornasse o meu refúgio de segurança e que «As Minhas Crianças» e as coisas vivas que cresciam fossem os meus únicos companheiros.

Deve ter sido esse mal-entendido precoce das minhas percepções que me lançou num estado em que a observação se tornou o meu único meio de expressão própria. Depressa descobri que não podia haver para mim troca de compreensão com outras pessoas, já que ninguém admitia alguma vez que eu tivesse razão e eu não conseguia ver as coisas senão à minha maneira. Só muitos anos mais tarde vim a saber que o que se passava à minha volta se tornava visível para mim por um tipo de percepção que as pessoas então chamavam sobrenatural, mas que ainda hoje é considerada supernormal.

Pode, portanto, ver-se por que motivo não estava mais em harmonia com o mundo em que cresci. Ninguém podia transpor esta lacuna, pois ninguém próximo de mim alguma vez conheceu o meu mundo; e eu era tão incapaz de viver no deles quanto eles no meu. Não admira, portanto, que a minha tia visse em mim apenas uma criança carrancuda, de imaginação desenfreada, cujo único escape parecia ser a mentira, a desobediência e a crueldade. Só aos vinte e três anos conheci e falei com Edward Carpenter, o primeiro que me

ajudou de modo a tornar-me consciente do significado e do funcionamento da minha natureza supernormal.

Capítulo III

IR PARA A ESCOLA E OS «ENVOLVIMENTOS» DOS ORGANISMOS VIVOS

Mal tinha quatro anos quando os adultos me diziam, cheios de esperança: «Em breve já poderás ir para a escola.» Pelo tom com que falavam, parecia ser um lugar sombrio, rodeado por altos muros, onde a minha liberdade seria reprimida e onde certamente algum tipo de castigo me seria imposto. A escola soava como um sítio francamente desagradável. Só quando o meu tio falava dela é que a perspetiva se tornava interessante e excitante, algo que eu podia ansiar alcançar.

Quando finalmente fui para a escola, aos quatro anos, fiquei muito aliviada ao descobrir que as suas salas ensolaradas estavam cheias de quadros, mapas e livros. A professora era amável, mas o número de crianças reunidas num mesmo espaço esmagava-me. Até então, só conhecia a minha família e as pessoas da quinta. Ir para a escola trouxe-me um mar confuso de rostos e uma longa viagem de quase cinco quilómetros entre casa e escola, todos os dias. No início, era levada com a filha de um vizinho; gostava do passeio, mas detestava a menina. Falava incessantemente das suas roupas, dos laços do cabelo e do seu avental de sarja. Um dia, irritada, arranquei-lhe o laço e o avental — foi o meu primeiro ato de desgraça. Fui castigada pela professora e pela minha tia, e em seguida essa criança horrível foi-me apresentada como modelo de todas as virtudes que eu não possuía. Não suportava mais ir com ela e consegui obter da minha tia permissão para caminhar sozinha até à escola, só para evitar vê-la na estrada. Escolhi um caminho mais longo e sinuoso; e, durante os sete anos em que frequentei a escola, tal era o meu desgosto por ela que nunca mais usei o atalho.

A escola não me tornava nem feliz nem infeliz. Sempre soube que as crianças e os professores mentiam uns aos outros, assim como a mim. Dava-me um prazer secreto perceber isso e saber que eles não imaginavam que eu podia ver o que se passava dentro deles. As crianças mais novas dependiam de mim para tudo. Eu tinha de as levar à casa de banho, fazer-lhes os trabalhos de casa e enganar as raparigas mais velhas e as professoras por elas. As mais pequenas aborreciam-

me com os seus pedidos constantes, mas nunca tinha coragem de lhes dizer «não». Sabiam tão bem como explorar a minha fraqueza e, por isso, eu nunca conseguia acabar os meus próprios trabalhos. Preferia aceitar em silêncio o castigo da professora por negligenciar as tarefas, a ter de explicar como realmente passava o meu tempo.

Não tinha passado muito tempo na escola quando percebi que as outras raparigas e eu éramos mundos à parte. Elas não viam nem compreendiam nada como eu. Só sabiam o que lhes tinha sido ensinado ou dito e nunca pensavam por si próprias. Dependiam inteiramente da autoridade final dos adultos; a sua falsa aceitação das opiniões da professora e a incapacidade de terem um ponto de vista próprio enojavam-me.

O contraste entre o modo como as minhas colegas e eu lidávamos com a vida deixava-me confusa; eu via as pessoas não apenas como corpos físicos, pois para mim cada ser estava envolto num campo nebuloso em forma de ovo. Esse envolvimento — a que chamo «envolvente», por falta de melhor termo — podia ser composto de cores transparentes e mutáveis, ou por vezes tornar-se denso e baço. O estado dessas envolventes variava de acordo com o humor das pessoas. Desde criança que via esses envoltimentos à volta de cada planta, animal e pessoa viva, e, por isso, prestava pouca atenção ao corpo físico contido em cada uma dessas formas. Tentei falar às raparigas da escola sobre esses halos de névoa que eu via, mas elas não sabiam do que falava. Durante toda a vida foi-me difícil acreditar que os outros não viam, como eu, essas formações que envolvem cada organismo vivo.

Em criança, sabia que o carácter das pessoas dependia dos seus envoltimentos. Pela qualidade da luz e da cor que emanavam, podia julgar-lhes a personalidade. Algumas moviam-se em sombras cinzentas e outras em luzes resplandecentes. Para mim, o mais importante em qualquer pessoa que encontrasse era ver e sentir a qualidade desses envoltimentos. Pela cor e pelo tom, sabia se as pessoas estavam doentes ou saudáveis. O mesmo se aplicava a plantas e animais: sabia, pelo estado das suas envolventes, quando a vitalidade das árvores e flores estava alta ou baixa.

Enquanto as raparigas da escola ignoravam essas coisas, eu tinha a certeza de que os animais as compreendiam. Reparava no modo como se comportavam uns com os outros e com as pessoas, e via que

percebiam esses envolvimentos. Tal como um rato reage à presença de um falcão antes de lhe ver a forma, também eu sabia que todos os animais reagiam a inimigos e amigos através dessas formas envolventes. Era difícil para mim compreender o que os outros queriam dizer com «personalidade»; para mim, a personalidade era a fusão do nimbo de luz que envolve cada forma com o seu corpo físico. Era a cor e o movimento desses envolvimentos dos seres vivos, e não o corpo físico, que me davam a compreensão total do seu ser. Muitas vezes fui chamada de mentirosa pelas colegas e pelas professoras por lhes contar o que realmente via, quando isso não era evidente para elas. Estas acusações magoavam-me e deixavam-me perplexa, porque eu sabia que dizia a verdade.

Com o passar dos meses, convenci-me de que era inútil falar do que via. Fui obrigada a viver no meu próprio mundo, sozinha, e aceitei isso como inevitável. Aprendi a parecer recetiva às ideias dos que me rodeavam em casa e na escola; assim ganhei fama de ser uma criança dócil e silenciosa.

Na realidade, nunca abandonei as minhas próprias convicções, pois tinha a certeza absoluta de que as coisas eram realmente como eu as via. Mas agora aprendera que era inútil tentar discutir «o meu mundo» com os outros. A velha cigana que conheci aos dez anos foi a única pessoa na minha vida que alguma vez compreendeu o que eu sentia e via. Isso continua a ser verdade até hoje.

Como os outros viviam num mundo tão separado do meu, tive de aprender, à minha maneira solitária, a lidar com o que apenas eu via, e por vezes isso deixava-me bastante infeliz e assustada. Os choques que eu percebia nos envolvimentos das pessoas, quando se encontravam e reagiam aos pensamentos e emoções umas das outras, perturbavam-me constantemente. Via como os conflitos das pessoas as abalavam sem que percebessem porquê e, gradualmente, tornei-me consciente de que eram vítimas inconscientes dos humores umas das outras.

Isto levou-me a afastar-me o mais possível da dor dos impactos humanos e a procurar cada vez mais estar sozinha. Após a agitação de cada dia de escola, essa necessidade crescia em mim. Voltava então à serenidade do meu quarto, ao jardim e a «As Minhas Crianças Invisíveis». A experiência amarga ensinara-me a não falar de «As

Minhas Crianças» a nenhum adulto; eles não acreditavam na sua existência e apenas se riam de mim por inventar tais histórias.

Capítulo IV

DESCOBRO A DANÇA DOS GLÓBULOS DE LUZ

Muitas vezes me perguntaram como via formas em luz e movimento. Tornei-me primeiro consciente do movimento na luz e na cor antes dos cinco anos. Tomei consciência disso ficando deitada, imóvel, na cama e olhando para as sombras. Comecei então a ver glóbulos de luz a irromper a intervalos dentro dos feixes de sol. Quando os conheci melhor, descobri-os a mover-se em qualquer espécie de luz; rodopiavam uns em torno dos outros, aumentando e rebentando como as bolhas, quando cedem umas às outras; e tal como as bolhas refletem cor, também os glóbulos que rebentavam tinham cor dentro de si. Essas bolas de luz apresentavam-se em tantas formas e tamanhos que me doía a cabeça de tentar vê-las todas, a moverem-se simultaneamente em muitas direções. Eram sempre ovais, nunca perfeitamente redondas. Os seus movimentos eram como passos de uma dança, tecendo um padrão bem regulado enquanto rodopiavam.

O meu quarto tornou-se um refúgio para onde eu fugia a fim de sacudir o sentimento de estar demasiado próxima das outras crianças. Em criança, sentia-me ferida e oprimida por qualquer contacto próximo com os outros; tanto que lutava violentamente para me libertar se alguém me acariciava. Deitada no meu quarto, apenas respirando, comecei a aperceber-me do movimento no e ao redor do quarto. Em vez de espaço vazio, descobri que o ar estava cheio de sons cantantes, e os meus glóbulos dançavam como minúsculas estrelas, a entrelaçar-se e a circular uns pelos outros de modos ordenados. A partir de então, para mim, não existiu nenhum espaço que fosse vazio; parecia sentir o peso e o movimento de uma área condensada, sem, no entanto, sentir o seu peso ou a sua gravidade. Depressa comecei a mover-me dentro de mim mesma. É difícil explicar o que quero dizer. Se tento descrever como entrava nesse estado, só posso dizer que me sentia atraída para dentro dele. Parecia que eu me dividia, como se fosse repartida em pequenos pedaços, e cada pedaço se localizasse num lugar diferente.

Quando digo que conheço uma árvore ou uma flor, ou até uma rocha, acontece-me esta mesma coisa que tenho tentado descrever, e

então experiencio uma parte fluida de mim a escoar-se, que se dirige para a planta e, ainda assim, permanece eu própria. À medida que os anos passaram, este mecanismo tornou-se para mim mais consciente e utilizável. Descobri que, à vontade, era capaz de projetar a mim mesma, ou algum aspeto de mim, nas personalidades de pessoas e coisas. Isto podia fazê-lo até com pessoas que me eram desconhecidas, vivendo talvez numa casa ou num país longínquos. Esta capacidade de projetar, conscientemente e sem medo, uma parte fluida de mim começou quando eu era muito nova, como um jogo comigo própria, e muito mais tarde desenvolveu-se no que hoje é reconhecido como um aspeto da minha percepção supernormal.

Nos primeiros tempos de escola, tentei dizer a algumas das minhas companheiras que não existia tal coisa como um espaço vazio. Falei de como os brilhantes glóbulos de luz dançavam e enchiam todo o espaço. Mas elas, tal como acontecia com a minha tia, não compreenderam. Os seus sorrisos desdenhosos silenciaram-me e fizeram-me perceber que, para elas, todo o espaço parecia vazio. Mas, mesmo com cinco anos, eu sabia que ele estava apinhado de infinita variedade de forma e movimento. Haveria de passar muitos anos até que as experiências dos químicos e físicos modernos ajudassem a interpretar para o mundo aquilo que a minha percepção supernormal já começara a registar para mim.

Capítulo V

PORQUE É QUE OS NOMES POUCO ME TÊM DITO

Nunca desejei realmente ouvir nomes quando uma pessoa nova se aproximava de mim. Tal como um animal deve conhecer por sensação o aspeto e o cheiro dos objetos, também eu sinto e conheço uma pessoa — nunca pela aparência física, mas pelo sabor, cheiro e toque das suas envolventes que se estendem para além do corpo físico. Ainda hoje sinto claramente as formas que abarcam cada pessoa, planta e ser vivo. Em criança, ressentia o toque ou o sentir dessas envolventes nas pessoas, embora não nos animais ou nas plantas. Tenho-me perguntado, em anos tardios, qual seria a qualidade, nas

envolventes humanas, que eu detestava. Em retrospectiva, estou certa de que julgava as pessoas, à minha maneira infantil, reagindo a elas por algum processo de paladar ou olfato.

Passei então a estudar e a observar essas envolventes que recobriam todos os que eu encontrava, e via como lutavam e se intercambiavam; quando os humores das pessoas mudavam, as suas envolventes debatiam-se umas com as outras e, quando o tom de uma conversa mudava, essas formas nebulosas expandiam-se, contraíam-se e alteravam a cor e a forma de acordo com o tom e a qualidade das palavras proferidas. Com o tempo, deixei de ouvir o que as pessoas diziam quando se dirigiam a mim, ou de prestar atenção ao que diziam umas às outras. Via as suas conversas moldadas no espaço, em cores fluídas que às vezes eram brilhantes e fulgentes, mas mais frequentemente se mostravam em tons fundos e taciturnos. Dentro dessas cores percebia fraturas na massa das envolventes e, nas fraturas, surgiam linhas prateadas, finas como fios de teias de aranha; essas linhas delicadas moviam-se para a frente e para trás, como se respirassem suavemente para si.

Em criança, essas formas e envolventes eram, para mim, mais importantes do que a criatura que abarcavam, e tornaram-se fonte de interesse constante. Falava delas e do seu movimento sem cessar. Observava-as em todas as estações. Quando falei à minha tia e ao meu tio dessas envolventes nebulosas e lhes disse como o seu impacto me feria ou me dava prazer, olharam para mim, chocados, zangaram-se e disseram: «Serás castigada da próxima vez que disseres essas coisas.»

Nessa altura, eu não entendia que as formas e envolventes não eram visíveis a toda a gente. Só muitos anos mais tarde, depois do meu casamento, vim realmente a saber que os outros não viam tais formas. Antes de ir para a escola, aos quatro anos, já aprendera a confiar na minha própria percepção das coisas e a fazer poucas perguntas, pois ninguém as respondia; mas nunca compreendi bem por que razão não devia fazer perguntas sobre o que queria saber. Isso não me tornava infeliz; limitei-me a apertar contra mim o meu mundo de formas e cores, sombras, sons e movimentos. Amava mais do que nunca os momentos do meu dia silencioso em que podia viver com eles a sós.

Capítulo VI

PÔR DEUS À PROVA

Em criança, não tinha medo de nada; mas de Deus, por vezes, tinha grande temor. Quando a minha tia primeiro falou d'Ele como estando pronto para me castigar, imaginei alguém que um dia haveria de cair sobre mim de súbito, e eu deixaria de existir. Como Ele nunca se mostrava, fui ficando menos receosa e até comecei a pensar como poderia forçá-Lo a aparecer. Fiz tudo quanto a minha imaginação infantil pôde inventar para O irritar e acreditei que então, certamente, Ele viria. Nem partir loiça, nem roubar rebuçados, nem outras travessuras infantis minhas O fizeram aparecer. Um dia, tomada de raiva perante o que me parecia um castigo injusto, perguntei a mim mesma que coisa terrível poderia fazer para que Deus finalmente surgisse.

Pegando na Bíblia, rasguei uma ou duas páginas e atirei-a contra a parede do fundo do quarto, chamando-O para que viesse punir-me. Esperei, por horas que me pareceram intermináveis, em terror, sem ousar levantar os olhos ou mover-me. Quando Ele não apareceu, senti primeiro alívio, mas depois o meu medo desse Vingador começou a diminuir e a minha crença em tudo o que me era dito pela minha tia e por outros ficou consideravelmente abalada. Contudo, havia de pôr a Sua Presença à prova mais uma vez antes de me libertar de vez do meu temor infantil.

Por volta dos oito ou nove anos, tomei consciência de problemas na religião para além das ideias que me tinham sido ensinadas em casa. Aí, falava-se do Deus sempre presente, Aquele cuja única missão parecia ser castigar-me. Na Escola Dominical da “Low Church”, essa imagem voltava a ganhar vida no seu monótono ensino do Catecismo e das lições bíblicas. Perto de Dublin, onde vivia, frequentei a Escola Nacional, onde a maioria das crianças era católica romana; na Irlanda não se ensina outra religião nas escolas do governo, e eu, muito espontaneamente, absorvi as suas orações e o seu ritual. A música, as cerimónias e até a cadência cantada com que as crianças católicas entoavam as suas preces fascinavam-me. Eu, sendo protestante, devia sair da sala durante a recitação do Catecismo ou enquanto as crianças rezavam ao toque do Ângelus. Nem sempre o fazia, pois dava-me paz pensar num Deus a que se podia chegar por meio da Capela, da Virgem e dos Santos, e dos bondosos párocos idosos. Era-me descanso e conforto encontrar-me no calor da Capela,

com o seu altar iluminado e o seu incenso. A entoação do serviço dava-me um sentimento de devoção e quietude que não experimentava nem em casa nem na minha própria igreja.

A minha felicidade, porém, era interrompida pelas minhas colegas, todas católicas, que me faziam notar que eu, a única protestante da turma, cometia pecado mortal ao assistir à Capela. Pecado mortal era, para elas, um termo que trazia danação eterna, mas para mim nada significava. Por isso continuei, sempre que possível, a esgueirar-me para a Capela. Essa paz religiosa foi grosseiramente quebrada pela minha tia quando lhe pedi licença para ver as minhas colegas serem crismadas. O bondoso padre já me dissera que eu podia assistir à cerimónia da galeria, onde não seria notada pelos outros. Contei-o, radiante, à minha tia, acreditando que me deixaria ir. Pareceu-lhe chocante que eu desejasse, em qualquer ocasião, visitar a Capela, e recusou perentoriamente o consentimento.

Ao fazê-lo, expressou a esperança de que, como boa protestante, eu nunca antes tivesse entrado na Capela. Receio tê-la magoado profundamente quando confessei que a acolhedora Capela me agradava mais do que a sua igreja severa. Proibiu-me de lá entrar novamente ou de ter qualquer coisa a ver com a religião católica; mas, como a escola ficava no adro da Capela, continuei a visitá-la às escondidas. O efeito de beber de duas religiões ao mesmo tempo tornou-se um pouco esmagador. Em casa, o Deus temível e proibitivo da Igreja Protestante, e a interpretação que a minha tia fazia da Sua Cólera Vingadora à minha espera; na escola, ao alcance da mão, a presença consoladora da Virgem e do Menino. Essas duas atitudes religiosas eram, na minha mente, mundos à parte; não tinham entre si a mínima relação, então nem depois.

Capítulo VII

A «VISÃO» DA MINHA TIA LEON E A MORTE DOS PATOS.

Entre os conflitos de casa e da escola, religiosos e outros, estas emoções e ressentimentos mistos meus cresceram, tornando-me, por

vezes, mais lacrimosa e infeliz. Até então, porém, eu conseguia, de algum modo, lidar com a vida como ela vinha e, embora as crianças da escola e outras pessoas me cansassem, aprendera a guardar para mim o que pensava e consegui tornar-me mais apreciada pelas minhas companheiras.

A situação em casa não mudou. Nunca fui, na minha própria mente, parte do agregado familiar; pertencia mais ao mundo que crescia e vivia fora de casa; se aquela casa e tudo o que nela havia se tivesse dobrado e ido embora num dia qualquer, talvez me tivesse espantado, mas, como um gato que habita mais com o seu ambiente do que com o dono, sempre senti que a casa e os seus ocupantes eram apenas incidentais à minha própria existência. A minha verdadeira vida era vivida sozinha ou perto dos animais e das coisas vivas que cresciam à volta da quinta.

O facto de ninguém prestar atenção ao que eu dizia ou fazia deixou, em breve, de me causar grande perplexidade; mas aconteceu-me então algo que me assustou e abalou, por algum tempo, os alicerces do meu mundo. Estava preguiçosamente sentada na varanda de casa, a folhear o meu livro da escola quando, erguendo de súbito os olhos, vi aproximar-se de mim a minha tia preferida, a Leon. Eu só a vira algumas vezes na vida porque vivia com a família a uns trinta e dois quilómetros.

Sabia que a tia com quem eu morava gostava muito da irmã, a Leon, e ultimamente andava preocupada com a sua saúde. Muitas vezes ouvira dizer em casa que a tia Leon não estivera tão bem como de costume. Não a visitava havia vários meses, por isso era natural que me alegrasse ao ver que viera ter connosco assim. Notei, ao levantar-me para a cumprimentar, como parecia muito cansada e, receando que estivesse mesmo doente, estendi a mão para a segurar e ajudá-la a entrar.

Ficarei sempre certa de que ela me disse: «Tenho de ir embora agora e levar o bebé comigo.» Não esperei ouvir mais e fugi para dentro de casa, para ir buscar a minha outra tia a fim de ajudar a Leon. Ela mostrou-se muito espantada quando a arranquei da cadeira e lhe disse que viesse depressa ver a tia Leon. Apressou-se a sair comigo. Quando chegámos à porta, vi que a minha tia Leon desaparecera. Fui ao jardim e descí a vereda à sua procura, mas não a encontrei em lado nenhum. Quando voltei, a minha tia interrogou-me minuciosamente

sobre o aspeto dela e como ia vestida. Cada pormenor da sua expressão cansada e das suas roupas estava claramente gravado na minha mente, e descrevi-os miudamente.

O bebé que eu vira interessava-me acima de tudo. Observei com cuidado o pequeno embrulho, apertado ao coração da tia Leon; quisera olhá-lo mais de perto, mas não ousara pedir-lho, pois ela parecia tão cansada. Contada a história, enchi-me de perguntas sobre o que poderia estar a acontecer à tia Leon. A minha tia não pareceu acreditar em nada do que descrevi e disse-me que eu fora cruel por lhe pregar tal partida. Debalde a assegurei de que lhe contara exatamente o que vira.

Ela duvidou da minha sinceridade e perguntou-me insistentemente o que tinha já ouvido em casa sobre o novo bebé da minha tia Leon. Disse-lhe que nada ouvira, mas ela repreendeu-me por andar a escutar coisas que não devia. Eu não tinha ouvido nada acerca do novo bebé da minha tia, mas ela não acreditou e disse-me que era perverso da minha parte ter urdido tal história e que me devia castigar severamente por isso. Levei a sova em silêncio, como sempre; mas desta vez a sua fúria contra mim não se aplacou com facilidade.

Nessa noite chorei até adormecer e, de manhã, acordei com a cabeça a doer. O corpo sentia-se-me pesado como uma pedra. Recordei a cena da véspera, quando a minha tia Leon me visitara com o bebé. Estava tão nítida que eu sabia que nunca poderia ter inventado tal história. As lágrimas voltaram a cair e o meu coração doeu como nunca. Nesse instante nasceu em mim um frio ódio pela tia com quem vivia, que permaneceu até à sua morte. Passei o dia a imaginar como poderia feri-la mais profundamente, para me vingar de tudo o que me fizera sofrer.

O medo que tinha dela deixou-me para sempre, pois sabia que me tornara indiferente à opinião que tinha de mim. A oportunidade que eu procurava para a ferir apresentou-se nessa mesma tarde. De manhã estava demasiado doente para ir à escola, por isso deixaram-me ficar na cama até meio do dia. À tarde fui para o jardim, deitar-me quieta à sombra. Brinquei junto ao ribeiro e fui, sem pressa, ver se havia patos a boiar no lago ao fundo. Vi os patinhos que procurava, a tagarelar sobre a água; observei-os a mergulhar aqui e ali e a nadar alegres em pequenos círculos. Soube num relâmpago que eram o meio da minha vingança.

A minha tia amava os seus patos e ficaria profundamente magoada se lhes acontecesse algum mal. Curvada sobre a água, à beira da margem, apanhei cada patinho à medida que passava perto de mim e, em rápida sucessão, segurei cada um debaixo de água até afogar a ninhada inteira. Depois deitei os patos mortos na relva ao meu lado e fui imediatamente tomada por um terror pavoroso da ira da minha tia. Comecei a pensar, enquanto imaginava como me iria castigar, que agora, decerto, Deus havia de vir e o meu castigo seria maior do que qualquer um que a minha tia me pudesse infligir.

Fiquei pregada ao sítio, gelada de medo, à espera que a cólera de Deus caísse. Senti que a minha vida havia de ser seguramente apagada depois desta última e grave maldade. A própria intensidade do meu medo produziu um estranho estado de quietude suspensa, no qual esperei. Nesse estado olhei para os patos estendidos, frouxos, na relva ao meu lado e quase esperei que pudessem ainda estar vivos. Mas, nesse momento, algo de facto surpreendente começou a acontecer.

Os patos estavam quietos, mas havia um movimento a ocorrer em seu redor. Vi, a enroscar-se de cada pequeno corpo, uma substância cinzenta, semelhante a fumo, que subia em espiral. Essa matéria fluida começou a mover-se e a ondular à medida que subia e, gradualmente, vi-a tomar nova forma à medida que se afastava dos corpos daqueles pequenos patos mortos. O medo dera agora lugar ao espanto perante tal espetáculo. Fiquei jubilosa porque soube, naquele instante, que os patos estavam a «ressuscitar».

Esqueci os seus corpos mortos, frouxos, em baixo, e esperei, em tensa expectativa, vê-los tomar nova forma e fugir. Não sei quanto tempo fiquei ali, presa numa fascinada apreensão. Sei apenas que o castigo que seguramente se seguiria à minha maldade nunca me impediria de tentar descobrir como é que os patos me tinham «escapado» daquela maneira estranha. Comecei a perguntar-me se todas as outras criaturas teriam também essa mesma forma de escapar à vida, como aqueles patos.

A única maneira de saber com certeza era começar a matar outra coisa e observar o que se seguia. Todos os pensamentos de vingança contra a minha tia se tinham agora esbatido na minha mente. A única coisa importante para mim, agora, era descobrir se a morte fazia surgir nova vida e, se isso fosse verdade, que espécie de vida produzia a morte. Durante duas semanas, gralhas e coelhinhos tornaram-se as

vítimas da minha busca de conhecimento. Depois, de repente, veio uma terrível repulsa contra mim própria por todas as mortes que causara. A verdade surpreendente surgiu-me então num relâmpago: já tinha visto o suficiente para saber, nessa altura, que eu não matara nada de todo, mas apenas mudara a sua forma. Como resultado dessa descoberta, pedi ao meu tio que deixasse de me levar com ele à caça.

A partir de então comecei a enjoar ao pensar nas criaturas que morriam. A ira tomava-me quando pensava nos que matavam qualquer ser vivo. Um rato apanhado numa ratoeira fazia-me sofrer, e uma fria raiva voltou-me contra os cães sempre que caçavam pequenos animais. Tornou-se-me insuportável ver o gato a espreitar um pássaro. Os trabalhadores da quinta passaram a ser meus inimigos quando eram brutais com os animais. Todas as noites derramava lágrimas por todos os seres vivos que eram mortos diariamente, e chorava amargamente por aqueles patinhos que afogara.

Depois de eu ter afogado os patinhos, o meu tio chegou ao local. Olhou para os patos mortos e depois para mim. A sua presença foi-me um alívio. Não havia raiva na sua voz nem no seu rosto; limitou-se a dizer: «É melhor vires comigo ver a tua tia.» Quando a encontrámos, o meu tio disse-lhe: «É melhor ires ao lago ver o que aconteceu aos teus patos.» Ela olhou para o meu tio e depois para mim, friamente, e foi até ao lago, como ele sugerira. O meu tio e eu ficámos parados à espera do seu regresso e eu nem sequer pensei no momento que se seguiria.

Quando ela voltou, ele esgueirou-se e deixou-me sozinha com ela. Estranhamente, pela primeira vez na vida, não me castigou com uma sova. Disse-me que eu era uma criança tão perversa que tinha de ser mandada para fora de casa. Já não estava apta a viver no seu lar. Falou então longamente de Deus e da Sua dor e da Sua cólera diante da minha falta. Senti alívio ao ouvir que me mandariam embora, embora não soubesse para onde; e não acreditei numa palavra quando disse que Deus me castigaria. «Vai», disse a minha tia, «vai para o teu quarto e não me voltes a aparecer esta noite; e pede a Deus que te perdoe.»

Fui mandada para a cama sem jantar. Não me importei com a comida nem com nada do que dissera. Só sentia alívio por saber que em breve a deixaria. Uma hora depois, a minha tia apareceu no meu quarto e acordou-me de um sono profundo. Sentou-se ao meu lado na

cama, mais benigna do que uma hora antes. Disse-me bruscamente que acabara de receber notícia da morte da minha tia Leon ao dar à luz o bebé, e que o pequenino também morrera. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, a minha tia disse-me: «Nunca mais fales das coisas que vês, porque podem tornar-se realidade.» Depois saiu tão abruptamente como entrara.

Quando se foi embora, fiquei profundamente assustada. Em cada canto do quarto parecia ver a minha tia Leon e o seu bebé, tal como os tinha visto na visão do dia anterior. Tremi de medo pela noite fora, mas recuperei na manhã seguinte, para me ajustar a este novo facto que aprendera — que um bebé nasce da mãe. Nunca me tinham dito como nasce um bebé até esse momento, quando a minha tia me falou da morte da tia Leon e da sua causa. A excitação desta nova descoberta sobre os bebés dissipou a minha tristeza pela morte da tia Leon e atenuou consideravelmente o choque que a minha previsão da sua morte me causara.

Capítulo VIII

PROCURO O SENTIDO DA MORTE E VIVO NO MEU PEQUENO MUNDO

A visão da minha tia Leon e o modo como morrera eram coisas que exigiam explicação. As minhas perguntas repetidas aos que me rodeavam não trouxeram resposta útil. Fui suficientemente prudente para não fazer perguntas na escola; sabia que essas coisas, por mais reais que me parecessem, estavam fora do alcance da compreensão das minhas colegas. Dirigi-me aos velhos da quinta e interroguei-os sobre o que sabiam do processo de morrer; pouco me souberam dizer.

Contei-lhes a minha própria experiência de ver coisas que “voltavam à vida” depois da morte, mas abanaram a cabeça e nada disseram, como se o assunto fosse demasiado para eles. Uma velha assegurou-me que eu fora enfeitiçada pelas fadas que viviam nos vales e ravinas e que, por isso, me haviam feito ver coisas que só o povo das fadas, mas nunca os humanos, podia ver. Acreditei em tudo o que ouvi acerca das fadas e decidi que havia de as ver e encontrar por mim própria. Disseram-me onde viviam — no vale, perto dos espinheiros solitários, ou onde a nascente brotava da terra. Procurei-as em todos os bosques e ravinas, de manhã e à tardinha. Estava tão obcecada com

a necessidade de as encontrar que, embora fosse à escola, custava-me manter-me desperta e interessar-me pelas lições.

Nunca encontrei as fadas. Embora “As Minhas Crianças” viessem e parecessem compreender a minha busca, nunca souberam exatamente o que eu procurava, e, por isso, não puderam ajudar-me a encontrá-las. O que finalmente me fez desistir de procurar os pequenos seres foi a minha nova e empolgante descoberta sobre a vida. Enquanto esperava, imóvel e silenciosa, que as fadas aparecessem, comecei a distinguir novos sons e novas áreas de luz à minha volta e por todo o bosque. Tornei-me consciente de que tudo tinha o seu próprio canto e som.

Com as costas encostadas a uma árvore ou a uma pedra, podia ouvir as suas tonalidades saírem delas e vibrarem através de mim própria. Com a cabeça sobre a erva, ouvia os sons vindos da terra, como um murmúrio suave a passar pelas raízes. Comecei a distinguir o canto da relva do dos insetos sob o solo. À volta de cada árvore, até à mais pequena folha, notava uma envolvente que parecia respirar e mover-se suavemente.

Percebi que esse véu nebuloso que via em torno de todas as coisas vivas era da mesma natureza dos que tinha visto à volta das pessoas. Essas envoltentes eram como berços, dentro dos quais cada criatura animada ou planta em crescimento respirava e se sustentava. Sabia que essas formas envoltentes lhes davam saúde e proteção para viver e crescer. A sua substância parecia emanar de dentro, mas possuía também uma vida própria, exterior, que, se destruída ou esmagada, causaria a morte à forma viva mais densa que envolvia e sustentava.

Deitada assim na erva, vigiando cada movimento nos campos para não perder “os pequenos seres”, observei como as árvores, os arbustos e as flores vivas extraíam o ar e a cor dos glóbulos dançantes de luz que enchiam o que as pessoas chamam espaço. Tais glóbulos eu já os tinha visto há muito, no meu quarto, e sabia que toda a atmosfera era feita dessas pequenas bolas de luz dançante. Agora, pela primeira vez, descobri que esses pequenos redemoinhos tinham dentro de si substância colorida, avidamente absorvida pela envolvente de cada planta e animal.

Percebi que era assim que as plantas recebiam a cor e o perfume. Tive plena certeza disso, pois, sob o sol do meio-dia, via os glóbulos a

afastarem-se das flores, repelidos pelo calor intenso, e depois a serem absorvidos pelos raios solares. De manhã cedo, e sobretudo ao crepúsculo, a substância luminosa dos glóbulos era mais forte e dançava mais velozmente em direção às envoltivas de todos os seres vivos. Pareciam alegres, nesses momentos, por darem a sua substância fluida às coisas vivas, como se assim compensassem a falta de vitalidade das horas de sol. Quando o sol se punha e o crepúsculo findava, via os glóbulos de luz intensificarem-se e tornarem-se mais fortes.

As cores mais profundas dentro dessas pequenas esferas tornavam-se mais vívidas à medida que brincavam na escuridão. Agora entregavam-se de tal modo às flores que o perfume das pétalas se tornava mais forte e as suas hastes mais vigorosas; as flores murchas reviviam por um instante e as plantas pendentes erguiam de novo as folhas. Soube então que o ar da noite, fosse qual fosse o seu conteúdo, carregava e recarregava todos os seres vivos com uma vitalidade nova e estranha. Percebi que as plantas e flores também o sabiam. Observei-as a alimentarem-se dessa misteriosa força noturna e até a guardarem-na, gulosamente, na base da flor e no enrolar das folhas.

Vi também os glóbulos dançar ao luar, num ritmo mais lento e deliberado. Soube que a influência dos raios da lua sobre as pequenas esferas de luz era muito diferente da do sol. Ao luar, os glóbulos tornavam-se fortes como vidro; o seu azul cedia a tons violetas e púrpura profunda; assumiam a luz e a cor da noite. Ao observá-los responder à lua, senti também o efeito da sua luz sobre o meu corpo. Sob a influência da lua, despi-me para deixar que a substância luminosa dos glóbulos tocasse diretamente a minha pele. Quando voltava do jardim e da noite ao meu quarto, abria de par em par a janela e convidava os glóbulos a entrarem e a partilharem comigo o meu sono. Sentia a melodia da noite e da luz lunar enredadas e suspensas na dança dessas pequenas bolas de luz.

Partilhei as minhas novas descobertas apenas com “As Crianças”. Acenaram com a cabeça; eu tinha a certeza de que compreendiam. À parte “As Crianças”, já não necessitava de companhia; vivia no meu pequeno mundo. Só tinha tempo, além delas, para os sons, as cores e os movimentos deste novo Universo.

Capítulo IX

A CHEGADA DOS CIGANOS

Quando tinha dez anos, vieram os ciganos com a sua caravana e os seus animais. Recordava-os vagamente de outros anos, mas, dessa vez, vi-os com novo interesse. Pela primeira vez, o meu tio permitiu-me acompanhá-lo quando foi mostrar-lhes onde poderiam acampar na sua propriedade.

Nessa primeira noite, impressionou-me a estranheza dos ciganos em relação a nós. Maravilhei-me com os seus lenços coloridos, as pulseiras reluzentes e os pesados brincos que até os homens usavam. Intrigaram-me os seus rostos sombrios e os olhos baixos que fitavam de viés, em vez de olharem diretamente. Os dois solenes bebês ciganos interessaram-me ainda mais do que as mulheres que os traziam; tão silenciosos e imóveis eram, que pensei que talvez nem estivessem vivos. Fiquei junto do meu tio, observando cada movimento enquanto os ciganos preparavam o acampamento para a noite.

Na manhã seguinte, bem cedo, antes de a casa acordar, escapei sozinha para o acampamento cigano. Estavam a cozinhar o pequeno-almoço sobre uma fogueira viva e mal levantaram os olhos quando me aproximei. Uma mulher muito velha, que eu não vira na véspera, falou comigo e mandou-me sentar ao seu lado; um homem moveu-se para me abrir espaço. Instintivamente soube que a velha gostava de mim e que ela mandava na família.

O resto dos ciganos ignorou-me, mas isso não importava, pois sabia que ela era minha amiga. Sentei-me, portanto, quieta, e observei-a atentamente; embora estivesse suja e desgrenhada, isso não me incomodava. Notei que os homens quase não falavam com as mulheres, salvo para exigir algo, e numa língua que eu não compreendia. A minha primeira visita aos ciganos terminou subitamente com a chegada do meu tio. Levou-me de volta e advertiu-me para não os visitar demasiado.

Esperei impacientemente todo o dia seguinte pela hora do crepúsculo, quando o meu tio dissera que me deixaria aproximar do acampamento. À tardinha, voltei a eles e conversei com a velha. Achei-a estranhamente compreensiva, e, pelo modo como me olhava

— mais do que pelo que dizia — soube que encontrara nela alguém, finalmente, com quem podia falar e que me compreenderia. Os outros ciganos interessavam-me menos, embora gostasse de os observar e ouvir. Fascinavam-me as cabeças escuras e sombrias dos dois jovens curvados sobre chapas de estanho, moldando-as em latas e utensílios de cozinha; e encantava-me ver os seus dedos morenos a entrelaçar as vergas vermelhas de vime em cadeiras e bancos de jardim, ou a cortar o couro para fazer atacadores de sapatos; moviam-se com tanta destreza que parecia haver magia no seu labor. Os bebés eu podia examinar à vontade; eram decepcionantes, pois mal se moviam e nunca choravam. As duas jovens pareciam cansadas e infelizes, sem autoridade própria no acampamento. Discutiam entre si em vozes ásperas e coléricas.

Quando as mulheres se altercavam, o velho a quem chamavam o “Ancião” mandava-as calar-se; fora isso, mal levantava os olhos do fogo ou falava. Ele e os mais jovens, porém, tratavam a velha com respeito. A sua voz fazia-os ficar em tensa atenção; até os rapazes levantavam o olhar quando ela os interpelava. Via-se facilmente que a sua palavra era lei para todo o acampamento.

Descobri que a melhor hora para visitar os ciganos era o fim da tarde, quando se juntavam em volta do fogo para descansar. Ao aproximar-me, abriam espaço para mim. Se nenhuma palavra de saudação fosse dita, não fazia diferença; o olhar deles continha um acolhimento, e isso bastava.

A velha não tinha aspeto agradável; parecia sempre um feixe de farrapos sem princípio nem fim. Mas o seu rosto sulcado era bondoso, e os seus olhos escuros eram alegres e jovens. Com o tempo, contei-lhe tudo o que me acontecera e tudo o que secretamente pensava, sentia e experimentava. Enquanto lhe falava, observava-lhe o rosto à procura de sinais de incredulidade; mas não encontrei nenhum — e soube, então, que podia contar-lhe as minhas visões e falar-lhe de “As Crianças”. Ouviu-me com interesse e disse apenas:

«Não te aflijas se os outros não acreditarem em ti. Nem todos receberam o dom de conhecer e ver tais coisas; nem todo o meu povo tem essa visão, embora sejamos de uma raça poderosa, a quem Deus deu conhecimento direto», disse ela.

«Anos atrás, nas eras longínquas, o nosso povo falava diretamente com Deus; temos andado a vaguear pela face da Terra há

mais tempo do que a memória dos homens alcança, e esquecemos os métodos dos nossos Pais. Nasci com o “olho vidente” e tenho o poder de curar e de matar. As coisas que vês e ouves não me são, por isso, estranhas. Vejo e ouço para além do entendimento humano desde que pude falar e andar.»

Contou-me então a sua infância na Polónia e o seu primeiro e infeliz casamento em Espanha. Resvalou para histórias da sua juventude formosa, que, dizia, sempre trouxera grande proveito à tribo, em presentes e privilégios, em qualquer país por onde tivessem vagueado. As suas histórias sobre matar rivais interessaram-me mais.

Quando a lua estava cheia, dizia ela, enterrava com especiais encantamentos um feixe de trigo, a noventa centímetros de profundidade, para representar a sua adversária. Durante três semanas esperava; todas as noites trabalhava o feitiço. Depois disso, as rivais murchavam sempre, adoeciam e morriam com grandes dores. Contava histórias de enfeitiçar vacas para que adoecessem e deixassem de dar leite quando um lavrador recusava alimento ou abrigo ao seu povo. E, dizia-me, lançava maldições, por sinais, sobre os portões e portas daqueles que os enxotavam das suas quintas.

Passou a ser hábito eu visitar a velha todos os dias. Permitia que a acompanhasse quando ia fazer o reconhecimento para a tribo. Com um olho infalível, dirigia-se sempre às quintas e aos casebres mais prósperos. Um galinheiro bem fornecido fazia-a rir de prazer; comentava: «Esta noite a minha sopa vai ser boa.» Íamos muitas vezes juntas aos campos colher ervas para os seus temperos e ingredientes para poções e unguentos. Ensinou-me nomes estranhos para todas as flores e contou-me as histórias desses nomes. Mostrou-me todas as plantas que usava nas suas misturas e disse-me quais curavam e quais matavam.

Primeiro ia comigo nessas incursões, mas depois começou a enviar-me sozinha para sondar onde havia comida para ela e apanhar folhas e raízes para os seus preparados misteriosos. Embora adorasse vaguear com ela de dia, esperava com impaciência pela noite, quando, sem que a casa soubesse, deixava a cama, atravessava o jardim, escorregava até ao acampamento e tomava o meu lugar de sempre ao lado da velha junto ao fogo. À luz trémula, sombras estranhas tremeluziam nos rostos; o velho tocava canções ciganas selvagens num violino feito por ele próprio. As mulheres embalavam e cantavam

aos bebés; depois, batendo os calcanhares ao ritmo agudo da música, os homens, às vezes, irrompiam em canto.

A atmosfera estranha, as formas sombrias na noite e a música bravia abalavam-me profundamente. Era como o meu primeiro gosto do céu. Pedia à velha que nunca fosse embora, mas, se tivesse de partir, suplicava-lhe que me levasse; abanava a cabeça e dizia: «Não, não deves pensar nisso.» A ameaça da minha tia de me mandar embora de casa repetia-se muitas vezes, e aquela vida dos ciganos parecia ser uma saída perfeita para os meus problemas.

Uma noite, a velha tirou de dentro das dobras do seu xale esfarrapado uma caixa preta e mostrou-me os seus tesouros: ouro e prata, moedas estranhas e amuletos brilhavam na escuridão, cada um, dizia, dotado de poderes místicos. Do fundo da caixa retirou um baralho de cartas de Tarot, engorduradas e rasgadas; começou então a explicar-me o significado dos símbolos.

O velho ergueu o olhar em protesto, como se a quisesse deter, mas ela respondeu à desaprovação dizendo: «Esta é uma ‘sabedora’ que veio até nós.» Ele aceitou a sua declaração e ela prosseguiu a contar-me a história das cartas. Ensinou-me também a dispô-las e a lê-las por mim, enquanto fazia desenhos na areia e sinais misteriosos. Depois mostrou-me como fazer os desenhos de areia e até como lhes ler o sentido. Advertiu-me, porém, de que nunca deveria contar à família o que me mostrara, pois isso despertaria, decerto, a desaprovação do meu tio pela sua tribo.

Certa noite, estando eu sentada bem junto dela, um dos jovens ciganos entrou, mais tarde do que era costume, trazendo com ele uma rapariga que me pareceu ter uns treze anos. Parecia muito assustada. O cigano aproximou-se do velho e falou com ele em tom zangado. Depois empurrou a rapariga para longe de si; enquanto falava à mulher, ela encolheu-se, a tremer, junto ao fogo. Uma das jovens levantou-se então e, de má vontade, deu-lhe de beber.

Ardendo de curiosidade para saber o que se passava, pedi à velha que me dissesse. Recusou responder e mandou-me para casa. No dia seguinte, quando voltei, estava tão amável como de costume e disse: «Esta noite haverá um casamento, e hás de vir juntar-te a nós.» Isto surpreendeu-me, pois eu sentira que a mulher mais nova da tribo já era esposa do cigano; notara que ela parecera magoada e zangada, talvez ciumenta, na noite anterior, ao ver a outra rapariga.

Nessa tarde, ao chegar ao acampamento, havia no ar uma excitação expectante; as mulheres ainda cozinhavam uma panela de comida sobre o fogo, os homens bebiam juntos e o velho tocava suavemente o violino. Essa noite a velha mal notou a minha presença; andava a tirar coisas das caixas — joias e xailes de cores vivas — a preparar o casamento. Todos estavam mais engalanados do que nunca, com xailes e lenços especialmente vistosos. A noiva perdera o ar assustado da véspera e agora parecia alegre e feliz. A velha envolveu-a num brilhante xaile vermelho, deixando os ombros nus à moda cigana; não trazia joias e o seu longo cabelo negro caía, liso, pelos ombros. A outra jovem, que eu julgava já ser esposa do cigano, estava sentada a chorar baixinho, sozinha. O resto do acampamento estava festivo e jubiloso. Ao lado da velha havia uma mesinha com copos coloridos e instrumentos estranhos. Consegui distinguir um pequeno punhal pousado ao lado.

Para iniciar a cerimónia tiraram a panela do fogo, e a velha distribuiu com a concha parte do seu conteúdo pelos copos coloridos, um para cada cigano. Beberam-no solenemente, em silêncio, e o resto da panela foi então levado e enterrado na terra pela velha, sem uma palavra. Depois, o velho ergueu uma fogueira de ramos e polvilhou cuidadosamente as achas com pó. Antes de acender o fogo, agarrou o pulso direito do jovem cigano e prendeu-o ao pulso esquerdo da rapariga. Em seguida, acendeu a fogueira, pegou no punhal e, com um golpe rápido, trespassou-lhes os pulsos; o sangue jorrou. Vi o velho alcançar um pedaço de linho para lhes atar os pulsos em conjunto, mas a visão daquele sangue enjoou-me e fugi do acampamento aterrorizada.

Na manhã seguinte, quando voltei, os ciganos tinham levantado o acampamento e ido embora. Fiquei triste por perder a velha; senti que nunca mais a veria. As histórias que me contou ficaram comigo e o entusiasmo de possuir o meu próprio jardim de ervas nasceu do contacto com ela. Lembro-me do divertimento no rosto do meu tio quando aquele canteiro de jardim, que me destinara, se tornou abrigo para ervas e “ervas daninhas” estranhas que eu passara a amar e a cultivar. Nunca vi essas ervas bravas como intrusas; para mim, por causa da velha cigana, foram sempre os tesouros curadores do jardim. Dia após dia, ao cavar o meu pedaço de terra e observar o desenvolvimento do que crescia, amei-o mais profundamente. Cada

momento em que podia fugir de casa, vivia com as minhas ervas e flores estranhas.

Fui amplamente recompensada, pois comecei a descobrir como as plantas e as flores recebiam o perfume e a cor. Vi o processo pelo qual as coisas que crescem recebem a sua cor através da luz e soube, sem que mo dissessem, que havia, de facto, uma força oculta e curativa no meu mundo da cor. Comecei a fingir que eu também, como as flores, podia extrair cor da luz; e agora sei, por estranho que pareça, que isso me é realmente possível. Tinha a certeza de que, entre as miríades de flores e plantas, cada uma tinha personalidade própria. E, tal como eu as conhecia, sentia que elas me conheciam a mim. Tornei-me consciente de todas as lutas que decorriam entre as coisas em crescimento no jardim e pressentia os seus amores, as suas alegrias e as suas tristezas.

A vida do jardim tornou-se um mundo assombroso onde um verdadeiro drama se desenrolava diante de mim; por isso, a minha responsabilidade de amar e ajudar o jardim cresceu. Passei a detestar cortar o crescimento das flores tanto quanto detestava a morte de animais; pois tinha a certeza de que as plantas sofriam tanto como outras criaturas vivas quando eram separadas dos seus caules. Sempre que se cortavam flores no jardim, eu tentava confortá-las por simpatia com a sua dor.

Mas então comecei a fazer uma descoberta maravilhosa: verifiquei que as minhas amadas flores eram capazes de desenvolver um processo diferente de respiração no novo ambiente e, assim, sobreviver ao primeiro choque de serem separadas das raízes-mãe. Confortava-me saber que todas as flores colhidas podiam sobreviver deste modo. Erguia-me com a aurora para ver a abertura das taças florais e, de noite, escapulia-me às escondidas para surpreender as flores quando adormeciam ou despertavam para a noite. Vim também a conhecer o modo como o sol do meio-dia absorvia o perfume e roubava a cor às flores, e como elas aguardavam o pôr do sol para poderem reviver. Já então eu começara a observar atentamente e a compreender os processos iniciais de crescimento e de mudança no meu pequeno mundo.

Parte Dois
ADOLESCÊNCIA — A RESPONSABILIDADE
DE CRESCER

Capítulo X
SOU ENVIADA PARA UM COLÉGIO INTERNO

Não sei por quanto tempo poderia ter continuado a viver nas minhas próprias descobertas, agora calada e sem falar de nada que me dissesse respeito, se a minha professora não tivesse reparado no meu cansaço e em que as lições eram interrompidas por dores de cabeça e tosse. Chamou a atenção da minha tia para o meu estado de fraqueza e descobriu-se que eu estava à beira de um colapso completo por catarro brônquico e sarampo. Depois desse cerco, nunca mais voltei a ser uma criança completamente saudável. Seguiu-se uma série de doenças que me deixou sujeita a bronquite. Só muitos anos mais tarde percebi que, nessa altura, eu desenvolvera tuberculose, um legado de família a que a maioria da família da minha mãe fora suscetível. Quando a minha professora alertou a minha tia para este enfraquecimento, a minha tia tornou-se mais amável para comigo e repreendeu-me por não lhe ter dito eu própria que estava a sofrer.

Quando recuperei dessa doença, a minha tia decidiu que eu devia agora ir para um colégio interno, porque era incapaz de controlar os meus hábitos temerários de andar ao ar livre mal agasalhada a todas as horas do dia e da noite. Não senti tristeza ao despedir-me nem da minha tia nem da escola diurna. Apenas me preocupava como é que «As Minhas Crianças Invisíveis» veriam a minha partida e se me seguiriam. A necessidade de deixar o meu quarto e o jardim causava-me a maior infelicidade; sentia que, de algum modo, estava a ser separada de algo que nunca mais voltaria a conhecer.

Lamentei também perder a convivência feliz com o meu tio; ele não estivera bem durante alguns meses e eu pressentia que nunca mais voltaríamos a ter semelhante companhia um do outro. Temia a perspectiva do colégio interno porque estava certa de que ficaria confinada no interior grande parte de cada dia. Nunca fui feliz numa casa sem jardim; uma casa sem jardim era-me inconcebível. Para ser feliz tinha de me relacionar com todas as coisas que crescem; era a única forma de me sentir segura e completa. Apesar da minha relutância em deixar a casa, separei-me da minha tia sem pesar.

A nova escola não me encantou. Situada em Dublin, dentro de um velho largo, a casa era um edifício alegre e acolhedor, de três andares, de época Regência. A diretora era uma criatura sombria, que pouco tinha a dizer; não me impressionou quando me levaram à sua presença à chegada; nem sequer estou certa de que me tenha visto. Suponho que uma aluna nova pouco lhe diria; parecia mais preocupada com a folha de números do que com as alunas. As duas irmãs, ambas de negro, estavam presentes; falavam em voz baixa e assumiam a direção do estabelecimento. Foram gentis quando me conduziram ao meu quarto.

Havia sessenta raparigas na escola, dos dez aos dezasseis anos. Era um estabelecimento protestante rigoroso, escolhido pela minha tia para me ajudar a superar e esquecer os ensinamentos católicos romanos. Partilhava o dormitório com outras cinco; embora fossem mais velhas do que eu, senti de imediato que não teria dificuldade em lidar com elas. Fiquei lisonjeada por as mais velhas me acolherem, tratando-me como alguém da idade delas e fazendo de mim a sua confidente. Gostavam da minha ousadia e da capacidade de entrar em todo o tipo de travessuras que perturbavam a lei e a ordem da escola.

O meu saber de coisas bíblicas ajudou-me bastante ao princípio; o facto de agora conseguir recitar passagens da Bíblia, além de dizer o catecismo e grande parte do Livro de Oração Comum, impressionou as minhas novas professoras. Não tive dificuldades em disciplinas como Inglês, História e Matemática. Mas os problemas começaram logo com Francês, Alemão e Música. A mesma professora ensinava-me Francês e Alemão. Desde o início soube que ela não gostava de mim, e eu sentia o mesmo por ela. Achei-a burocrática e negligente no ensino. Nunca estive disposta a bajulá-la, como faziam algumas das outras. Quando me dava regras secas de gramática para decorar, eu pedia-lhe exemplos de como usá-las.

Ela irritava-se e dizia: «Ainda não estás suficientemente adiantada para isso.»

Não consigo absorver informação a menos que a ouça primeiro e a veja escrita. Conseguia aprender escrevendo e reescrevendo, mas nunca pela repetição de cor. A minha insistência em tentar compreender e aprender à minha maneira foi mal-entendida e tomada por impertinência. O antagonismo que sentia por essa professora levou-me a provocar novas perturbações sempre que podia. Ela passou

a supor que todo o sinal de desordem na sala era causado por mim e, por isso, punia-me por todas as faltas do nosso grupo. Instalou-se uma inimizade aberta entre nós e, à medida que se aprofundou, tornou-se-me impossível aprender ou absorver fosse o que fosse com ela. Devido à resistência que me gerou, nunca, até hoje, consegui aprender qualquer língua estrangeira.

Adorava música até começar a estudá-la na escola. Ali fui desencorajada e repreendida porque cantava desafinada. Quando a professora me pedia para cantar ou fazer escalas, eu tentava colocar semitons adicionais entre as notas inteiras habituais. Fui censurada por isso. Não conseguia fazê-la entender que eu ouvia intervalos mais finos entre as notas normais da escala. Sentia que esses tons deviam ter algum lugar no teclado do piano à minha frente.

Vez após vez ela dizia: «Ouve isto», tocava a escala e acrescentava: «Não há outras notas a ouvir.» Enquanto ela tocava aquelas escalas sem fim, eu ouvia cada nota desdobrar-se e tornar-se dois tons: a nota que ela tocava e o semitom abaixo. Chegámos a um impasse; recusou-se a continuar a ensinar-me, dizendo que eu era uma criança voluntariosa e desobediente e que não queria ouvir as escalas. Fiquei magoada e vexada quando disse que eu não sabia ouvir. Eu sabia que ouvia o que ela ouvia — e muito mais.

Certa vez, tentando defender-me, disse-lhe que ouvia os sons não apenas com os ouvidos, mas que os sentia atravessar-me a coluna e vibrar nos joelhos. Respondeu: «Podes enganar os outros, mas a mim não.» Foi a última vez que me deu aula. Outra vez fui forçada a recolher-me ao meu próprio mundo de escuta e visão, que ninguém entendia nem acreditava. Passariam vinte anos até obter confirmação objetiva de que a minha audição e visão de criança estavam ligadas às minhas faculdades reais de clariaudiência e clarividência.

Chegou o momento em que já não conseguia lutar contra os mal-entendidos e as acusações das professoras. Ficava a chorar, acordada, à noite, por não conseguir ajustar-me ao ponto de vista que encontrava na escola. Naturalmente curiosa e ávida de aprender, desejava ardentemente compreender a música e as línguas. Sentia agora que o meu espírito se quebrava. Eu dizia conscienciosamente às professoras a verdade do que via, ouvia e sentia; elas não me acreditavam.

A rutura da minha saúde seguiu-se de perto ao meu desespero; tive de ser levada para casa. Desenvolvi pneumonia brônquica que

depois deu lugar à tosse convulsa, e estive fraca e doentia durante muitos meses. Este regresso a casa foi um alívio misericordioso em relação às noites de angústia e aos dias de frustração na escola. Um dia, quando convalescia, ouvi o médico dizer à minha tia que era um milagre eu não ter morrido. Eu não mostrara, disse, vontade de viver. Eu sabia que ele tinha razão. Estava exausta, uma criança a lutar contra um mundo que nunca compreendera a verdade de nenhuma das minhas experiências.

Voltei à escola quando recuperei. A minha atitude mudara. Passaria, tanto quanto pudesse, a cumprir as formas exteriores das exigências escolares sem resistência ativa. Detestava a ideia, mas não via outra saída. Toda a gente na escola parecia contente por me ver; as professoras tratavam-me com mais gentileza, mas continuavam a censurar o que chamavam o meu comportamento incorrigível. Não me mudaram o ponto de vista; retraí-me e deixei de tentar estudar ou trabalhar, pois não conseguia cumprir o programa completo, já que ainda não recuperara a saúde normal. O médico insistira que a minha doença se devia a excesso de estudo e trabalho e, finalmente, as professoras mostraram-se solícitas e concederam-me privilégios especiais, que me granjearam a inveja de todas as colegas.

Capítulo XI

A MORTE DO MEU TIO E A MINHA «VISÃO» DELE

Quando convalescia em casa de uma pneumonia brônquica, o médico fazia visitas frequentes ao meu tio, que se mostrava visivelmente cansado e tossia muito. De repente, um dia, a minha tia chamou-me ao quarto do meu tio. Estava manifestamente perturbada, estado em que nunca a vira. Entrei no quarto e fiquei a olhar para ele. Estava imóvel, mal respirando. Soube que estava a morrer e, mais uma vez, a fascinação da morte apoderou-se de mim.

Ele olhou para mim com um ar que me pareceu preocupado, tentou falar, mas não lhe saíram palavras. Toquei-lhe suavemente nas mãos — estavam frias. Não me ocorreu nada para dizer, e só me lembrava de quantas vezes lhe agarrara na mão, antes, para me firmar nas nossas caminhadas pelos bosques e pelos campos. Embora não andássemos juntos desde que eu fora para a escola, senti agora uma necessidade enorme da sua presença. Não posso dizer que estivesse emocionalmente transtornada, mas sentia-me terrivelmente vazia,

como se me tivessem aberto um buraco na cabeça e o cérebro me estivesse a escorregar.

Quanto tempo vivi nessa sensação, não sei. Quando o meu tio morreu, os acontecimentos, durante algum tempo, deixaram de ter significado para mim. A perda do meu tio, nesses dias que antecederam o funeral, foi uma dor funda. Olhar para a frente era sentir a sua falta com mais acuidade. Não suportava contemplar a vida com a minha tia sem ele; apercebi-me de quão vastamente importante ele fora para a minha vida. Só ele a tornara suportável, interpretando as minhas necessidades e desejos à minha tia quando eu não conseguia.

Durante esses dias, ninguém expressava condolências à minha tia sem se virar para mim e dizer: «Agora tens de ser um conforto para a tua tia.» Eu, que nunca soubera o que era ser confortada, era agora suposta confortar outra pessoa. Não fui ao quarto do meu tio depois de ele morrer. Pelas minhas observações do que acontecia na morte, tinha a certeza de que ele já não estava ali. Na minha mente, tinha a certeza de que se cansara de viver e escapara do corpo. Tão seguramente acreditava nisso que, no dia marcado para o funeral, fui ao jardim onde ele gostava de se sentar ao sol e falei-lhe em voz alta, dizendo que, pelo menos eu, compreendia porque se fora. Nunca me ocorreu duvidar de que me tivesse ouvido. Quando chegou a hora de levarem o corpo de casa, recusei ir ao cemitério. No domingo seguinte ao funeral, deram-me um ramo de flores para colocar na campa. Levei-o ao adro, mas, ressentindo a ideia de que o corpo dele pudesse querê-las, atirei-o para fora de vista, por cima do muro do cemitério. Nunca consegui aproximar-me da campa dele nem da de quem quer que eu tivesse amado.

Umas semanas após a morte do meu tio, estava sentada no meu quarto, ao crepúsculo, sentindo-me muito inquieta e deprimida. Não me deixaram sair nesse dia porque o peito me incomodava. Enquanto esperava que trouxessem as lâmpadas, a porta abriu-se silenciosamente. Ali, à luz da lâmpada do corredor, vi o meu querido tio, de pé, claramente diante de mim. Surpreendeu-me vê-lo tão bem, pois, nas semanas antes de morrer, parecia fraco e consumido. Agora estava como dantes, aprumado e forte. Fiquei tomada de alegria por o voltar a ver e ele mostrou-se feliz por estar de novo comigo.

Falou comigo e pediu que obedecesse aos desejos da minha tia, sempre que possível. Disse que compreendia as dificuldades da minha vida presente com ela e previu que, daí a dois anos, eu ficaria livre para a deixar e ir para Londres. Depois, antes que eu tivesse tempo de fazer perguntas, a porta fechou-se suavemente e ele desapareceu. O meu primeiro impulso foi correr atrás dele, mas senti-me presa ao sítio. Gradualmente apercebi-me de que ele se fora e já não o podia alcançar. De súbito, desabei numa cadeira e tentei compreender o que acontecera. Quando acenderam as lâmpadas, eu começara a perguntar-me se ousaria contar a alguém esta experiência. À medida que a noite caía, comecei a sentir paz, sabendo, definitivamente pela primeira vez, que a morte era, na verdade, um tornar a viver, num lugar para além do meu ver comum.

Ao princípio, senti-me estranhamente exultante com a visita inesperada do meu tio; mas, depois, veio um terrível vazio com a sua partida. Cresceu em mim a convicção profunda de que o meu tio conhecia as minhas necessidades e continuaria a cuidar de mim, com a mesma compreensão que mostrara antes de morrer. Nunca me ocorreu que tivesse visto um fantasma, ou que algo de estranho tivesse acontecido. Expliquei simplesmente a mim própria a aparição do meu tio pelo meu saber de que todas as coisas «saíam para fora», e que ele também partilhava esse destino. Nunca mais o meu tio me visitou. No entanto, continuei a acreditar que permanecia perto de mim e pronto a ouvir sempre que eu falasse. Esse conhecimento confortou-me. Quem entenderia esta experiência do regresso do meu tio? Sabia que não era para partilhar com ninguém.

Capítulo XII

PERSIGO O SENTIDO DA MORTE

Naquela primavera, o meu deleite no isolamento do meu quarto e do jardim foi grosseiramente quebrado pelo regresso a casa da minha prima Ann. Ela sempre fora um mistério e eu nunca dera grande importância às suas breves visitas. Mas agora, a minha tia informou-me de que Ann fora obrigada pelo médico a fazer um longo descanso e a abandonar o trabalho. Desde a morte do meu tio, a minha tia perdera o pulso da vida e a sua saúde desfizera-se. Agora soube que eu havia de ser corrida do meu quarto amado, que continha todos os segredos da minha vida; tinha de me recolher e deixar esse refúgio de

onde, de noite ou ao amanhecer, eu podia escorregar para o jardim e fugir para os campos por horas sem conta; horas preciosas que eram só minhas, para viver com as coisas que eu conhecia e amava.

Um quarto no andar de cima, que fora o gabinete do meu tio, passou a ser meu. Era agradável e soalheiro e as roseiras espreitavam pelas janelas. Noutras circunstâncias, talvez eu tivesse amado esse quarto que, em retrospectiva, me parece ter sido um abrigo encantador para qualquer criança; mas o meu anseio pela liberdade do jardim fazia-o parecer-me uma prisão. Era verdade que esse quarto também dava para o jardim, mas, estando agora tão alto acima dele, sentia-me a quilómetros das coisas verdes e vivas que eu amava.

O regresso de Ann foi motivo de alegria para a minha tia, mas, para mim, foi uma catástrofe. Nunca me acostumei a ela. Andara a fazer curas no estrangeiro durante dois ou três anos, razão por que não a via há muito. A minha tia, percebendo que o estado de Ann era sem esperança, trouxera-a para casa. Nesse outono, morreu subitamente. Como mal a conhecia, a sua morte não me tocou. Foi a segunda morte de um ser humano que eu conhecera, mas perturbou-me menos do que a do meu tio; certamente menos do que a dos pequenos animais que eu matara.

Poucas horas após a morte da minha prima, pedi licença para visitar o seu quarto. Entrei de mansinho e permaneci em silêncio, perdida a imaginar para onde teria ido agora a personalidade da Ann. Novamente, como com os patinhos, vi, a elevar-se do corpo da Ann, uma substância cinzenta, sombria, em espiral. Quando entrei no quarto, ela já se reunia, em movimento lento, numa forma espiral que acabou por desaparecer na atmosfera acima da cabeça dela. Interessou-me muito descobrir que este processo de separação levava, no corpo humano, horas a mais do que quando a substância sombria se separara dos corpos dos pequenos patos.

Enquanto conseguira escapar a assistir ao funeral do meu tio, fui obrigada a estar presente no da Ann. O mesmo pavor de tais cerimónias lúgubres apoderou-se de mim agora, como quando o meu tio morrera. Repeliam-me os grupos de enlutados e a satisfação evidente que tiravam das roupas pretas e do luto de curta duração. O ministro começou o serviço fúnebre com solenidade, mas, antes de ir a meio, já o apressava, sem cerimónia, para o fim. Aproximei-me silenciosamente da borda da cova enquanto ele falava e olhei para ver

descer o caixão. A cabeça rodou-me e senti-me de súbito enjoada. Agarrei-me ao braço da minha tia e pedi-lhe licença para ir para casa, mas ela não me deixou.

Uma súbita indignação submergiu-me diante do luto fingido da minha tia e dos que a rodeavam, perante o processo justo e inevitável da morte. Eu sabia que, no mundo animal, havia uma partida limpa e natural da forma física no momento de morrer. Estava convencida de que toda esta encenação lúgubre da cerimónia fúnebre nada tinha que ver com as mudanças verdadeiramente simples que ocorrem a todas as criaturas, no momento a que os humanos chamam morte. Essa transformação rítmica que eu observara, vezes sem conta, em todos os seres vivos, não me dava qualquer sentido de final, mas sim de um movimento contínuo e rítmico rumo a nova aventura.

Vivendo perto dos mundos animal e vegetal, eu viera a compreender que parecia haver pouca diferença entre nascimento e morte para quaisquer criaturas vivas, exceto os humanos. Quanta miséria desnecessária e desesperada poderia ter sido poupada ao homem, se ele tivesse observado, como eu, a verdadeira natureza do nascer e do morrer. Eu conhecia ambos esses processos de mudança como sendo jubilosos e igualmente criativos. Por que razão, se o equilíbrio de todo o universo é mantido tão perfeitamente por Direção Infinita, há de o homem, só ele, entre todos os seres vivos, temer o seu lugar no esquema das coisas e ficar tão perdido e aterrorizado ao enfrentar o que ele chama morte?

Depois da partida da Ann, a atitude da minha tia sofreu uma mudança. Tornou-se meiga comigo e castigava-me menos. Quando o fazia, já não tomava forma física. Dava-me passagens da Bíblia para decorar; mas isso não era castigo nenhum, pois eu apreciava-o imenso. Nessa altura, tomava a Bíblia, como muitos outros, ao pé da letra. Deus tornou-se uma realidade para mim e afeiçoei-me a este «Velho Invisível dos Céus», como Lhe chamava.

Dava-me um prazer vivo a Sua capacidade de saber o que o Seu Povo andava a fazer. Adorava a ideia de que estava sempre a provocar guerras e a dividir os povos. Esta ideia de castigo contínuo aproximava-se tanto da minha vida em casa que comecei a pôr a minha tia na mesma categoria de Deus. Às vezes, porém, achava que Ele exagerava no castigo ao Seu Povo e, à medida que mais lia a Bíblia, sentia menos simpatia pelas Suas medidas severas.

Gradualmente, vi as minhas simpatias deslocarem-se por completo do Deus trovejante do Génesis para a beleza serena dos Salmos.

Capítulo XIII

APROXIMO-ME DO MISTÉRIO DA CONFIRMAÇÃO

O meu tio esperava que eu fosse crismada na Igreja Anglicana, e a escola preparava-me para isso antes da sua morte. Eu aguardava a cerimónia com expectativa; embora nunca tivesse obtido permissão da minha tia para assistir a um serviço semelhante na Igreja Católica, alguns anos antes eu tinha ido à capela e visto, às escondidas, a confirmação das minhas colegas católicas. Essas raparigas não tinham mais de oito ou nove anos; antes da cerimónia pareciam reverentes e impressionadas com o serviço em que estavam prestes a participar.

Fiquei desiludida, quando tentei interrogá-las, ao descobrir que percebiam muito pouco do verdadeiro significado desse Sacramento que iam receber. Assim, sentindo que tinha de o ver por mim própria para o compreender mais completamente, apesar da ordem da minha tia, escondi-me na galeria da capela. Dali, estava longe o suficiente do altar para ser impressionada tanto pelo mistério como pela beleza do ritual da Missa de Confirmação. Depois, falei com as crianças que tinham sido crismadas e esperava que as que tinham participado no serviço estivessem ainda mais comovidas do que eu. Não foi assim; não tinham sido nada tocadas por essa experiência, embora estivessem agradavelmente excitadas com os seus vestidos brancos novos, as grinaldas de flores e véus leves, e sentissem a importância de fazer a primeira comunhão no domingo seguinte.

Quando tinha doze anos voltei do colégio interno para ser eu própria crismada, na Igreja de Inglaterra. Apesar da ligeira impressão que a confirmação fizera naquelas crianças católicas a quem eu assistira cumprir a cerimónia anos antes, tinha a certeza de que algo de profundo e grave estava prestes a acontecer-me na minha própria experiência, ou o meu tio nunca lhe teria dado tanta importância.

Chegou por fim o dia. Eu estava cheia de expectativa. Nessa manhã reli o catecismo, para ter a certeza de que entendia a importância do Sacramento em que ia participar. Com meia dúzia de outras raparigas, ajoelhei à balaustrada da comunhão, cheia de esperança e profundamente comovida pela expectativa de ser

transformada numa pessoa mais grave e responsável. O primeiro choque veio quando levantei os olhos e vi o Bispo. Era um homem grosseiro, de rosto vermelho e mãos pesadas.

Soube de imediato que ele não poderia ser o instrumento de me trazer a experiência profunda e mística que eu esperava. Tentei refrear e negar essa impressão a mim própria, mas foi inútil. Pelo canto do olho, vi as suas mãos rudes a conceder bênçãos com má vontade e temi verdadeiramente o momento em que, por fim, haveria de avançar na fila das crianças e tocar-me na cabeça. A memória da confirmação católica a que eu assistira voltou-me à mente. Via de novo o bondoso prelado católico a pousar as mãos em bênção suave sobre as cabeças das minhas colegas. Lembrava-me ainda de como eu então ficara profundamente comovida com o cenário místico e o canto e a entoação harmoniosa dos sacerdotes. Aqui, nesta igreja, não havia beleza nem emoção verdadeira; tudo era apressado, rotineiro e frio.

Quando a minha confirmação terminou, fui para casa e, sem demora, procurei o fundo do jardim, onde o meu tio gostava de se sentar. Falei-lhe em voz alta, sabendo que me ouviria. Disse: «Lamento tanto; receio tê-lo desiludido. A minha confirmação não mudou nada na minha vida, como eu esperava. Como posso assumir nova vida e responsabilidade, se não entendo as promessas que fiz de renunciar “ao Demónio e a todas as suas Obras e às Concupiscências da Carne”?» Tentei explicar a esse tio, que morrera, que toda essa conversa do Demónio e das tentações da carne nada me dizia. Até então, nunca estivera em termos de falar com o Demónio e as suas obras, como poderia, então, renunciá-los? Estava de coração desfeito e chorei; entre soluços, disse ao meu tio: «Se o senhor aqui estivesse, teria ajudado a compreender.»

Nessa noite perguntei à minha tia porque é que tinha passado pelo serviço de confirmação sem emoção nem mudança de espírito. Respondeu-me: «Suponho que endureceste o teu coração contra Deus.» Isso deixou-me sem esperança de entender. Passei a noite a chorar na cama, mais só e à deriva do que alguma vez estivera. Foi o fim de toda a minha esperança de regeneração espiritual.

Capítulo XIV

TENHO A MINHA PRIMEIRA COMUNHÃO

Depois de recuperar da desilusão da confirmação, surgiu-me uma ténue esperança de que, na primeira comunhão, eu pudesse ainda experimentar o renascimento de mim mesma, que faltara na cerimónia anterior. Fui ao serviço de comunhão cedo, no domingo, esperando de novo que, nesse momento, sentisse a Presença da Hóstia. As palavras em sussurro, «Tomai e comei», acompanhadas pela participação no ritual do Pão e do Vinho, não me trouxeram qualquer sentido de Presença Potente.

Afastei-me da balaustrada, percebendo mais uma vez que aquele ministro de Deus — um homem adoentado — não era representante adequado da Graça de Deus na Terra. Soube de chofre que, fosse quem fosse Deus, não tinha culpa da interpretação rotineira e vazia das Suas Palavras e Obras dada por aqueles consagrados como Seus ministros na Igreja. Apercebi-me de que esses homens de Deus falavam d’Ele no mesmo tom de voz com que perguntavam pelo tempo e pela próxima refeição.

Depois da primeira comunhão, como continuava obrigada pela minha tia a ir à igreja, desenvolvi uma atitude diferente. Ouvia e observava com espírito crítico, encontrando falhas nas leituras dos textos pelo ministro, e tinha especial gozo em notar quantas vezes o velho repetia os mesmos sermões. A nobreza da nossa região ia à igreja e sentava-se apartada da multidão, em baixo. Pagavam pelos seus bancos nas galerias, reservadas apenas às famílias tituladas. Observava um certo baronete olhar de cima e contar a criadagem nos lugares que lhes eram reservados, no corredor, em baixo. Se algum ousasse faltar a um serviço, eu sabia que seria repreendido. Ao sentar-se, via-o passar o dedo à volta dos hinários nos suportes, à procura de pó com a mão enluvada de camurça. Fazia-o todos os domingos, e aí do sacristão se algum pó fosse encontrado. Sabia que o sacristão nunca teria oportunidade de ouvir a Palavra de Deus sem interrupção. Mantinham-no demasiado ocupado a regular a fornalha para manter a temperatura da igreja suportável.

Muitas vezes Sua Senhoria chegava cedo, em busca de problemas, e, quando o seu banco não estava em ordem, chegava a interromper o repique do sacristão e a injuriá-lo com palavras como: «Que diabo é isto de deixarem estas flores mortas debaixo da janela de memória da minha família?» Acontecia com tanta regularidade que se tornou, para mim, parte do ritual dominical. O velho baronete muitas

vezes me ameaçara com castigo corporal se eu não fizesse uma vénia adequada quando ele aparecia.

O nosso banco de família ficava no fundo da igreja, perto da pia batismal. Dali, tinha uma visão completa da comunidade local a entrar, de traje de domingo, para adorar a Deus. Os mais prósperos sentavam-se à frente, nas suas roupas aprumadas; os mais pobres alinhavam-se atrás deles, vestidos de preto desbotado. Às vezes, tentava imaginar o que aconteceria se uma mulher pobre, mais ousada do que as restantes, viesse ao serviço com uma papoila viva no chapéu ou vestida de alguma cor inesperada e brilhante.

Perguntava-me também se toda aquela monótona pasmaceira do nosso serviço dominical dava a Deus algum prazer. Houve momentos em que tive um desejo ímpio de que Deus viesse mesmo e manifestasse a Sua Presença àquela congregação entorpecida. Como ficariam então sobressaltados e cheios de medo ao descobrirem que Ele existia de facto. Era assim que eu imaginava que o drama de Deus era representado, todos os domingos de manhã, quando era obrigada, contra a minha vontade, a assistir aos serviços religiosos.

Capítulo XV

CONHEÇO O MEU PRIMEIRO NAMORADO

Depois da primeira comunhão, voltei à escola com a sensação de que algo me deveria ter acontecido, mesmo não sentindo mudança nenhuma. Por isso, comecei a fingir que sabia muito mais do que realmente sabia. Ao regressar à escola, as raparigas mais velhas começaram a tomar-me em confiança à noite, no dormitório. Comentando a minha nova “adultice”, começaram a falar-me dos seus romances em botão. A maioria começava com a troca de bilhetes com rapazes de uma escola próxima. Como na maior parte dos colégios internos irlandeses de então, saíamos à tarde com os nossos uniformes escuros, andando sempre duas a duas no que chamávamos um “crocodile”. Acompanhadas por duas professoras que conduziam o passeio, as mais altas iam à frente, as mais baixas atrás.

Embora eu fosse bastante alta, muitas vezes manobrei para andar com uma das mais pequenas, de modo a ficar no fim da fila. Era uma posição estratégica; ali, estava para lá da supervisão direta dos olhos da professora e podia passar recados das outras raparigas a um

batedor, à espera, da escola dos rapazes. Ele, por sua vez, levava essas missivas aos rapazes a quem se destinavam. Gostava de conquistar a aprovação das mais velhas pela forma como transmitia as suas cartas. Mas nunca tive qualquer interesse pessoal em toda essa troca de mensagens.

O contacto ou a comunicação entre alunos e alunas é absolutamente proibido na Irlanda, durante ou depois das aulas. Mas, mal uma rapariga deixa a escola, espera-se que se estabeleça e case. Na Irlanda de então, havia pouca hipótese de uma rapariga ter uma carreira profissional; o casamento era a única solução para a maioria. Essa atitude tensa e reprimida perante a convivência normal entre rapazes e raparigas em crescimento resultava numa corrente subterrânea histórica de manobras secretas. Essa atmosfera repelia-me e excitava-me ao mesmo tempo. Os locais preferidos para trocar confidências eram os dormitórios à noite e durante o serviço religioso aos domingos. Na igreja, rapazes e raparigas estavam debaixo do mesmo teto, nos serviços da manhã e da tarde.

Na igreja, comecei aos poucos a aperceber-me de um jovem muito alto e bem-parecido que me observava, domingos seguidos, quando eu entrava e saía. Quando me apanhava a olhar para cima, sorria-me, e eu sorria de volta. Umas semanas depois, uma das raparigas mais velhas, para quem eu entregava bilhetes constantemente, veio ter comigo com um ar muito misterioso e confidenciou-me que várias raparigas tinham por hábito fugir da escola à noite para encontros secretos com rapazes de uma escola vizinha.

Disse que fora incumbida de me levar para conhecer alguém que queria conhecer-me. Mas não me deu pormenores. Foi a primeira vez que soube desses encontros secretos. Fiquei muito entusiasmada com a perspectiva da aventura e fui com ela nessa noite, quando escapou para se encontrar com o seu amigo especial. Fiquei agradavelmente surpreendida ao descobrir que o rapaz que queria conhecer-me era o admirador que tantas vezes me sorria na igreja. Era mais velho do que a maioria dos alunos e estudava Medicina no Trinity; a sua casa ficava na Argentina. O nosso primeiro encontro foi fácil e natural. Pediu desculpa pela necessidade de me encontrar dessa forma secreta, mas não conhecia outro meio de contactar-me. Tinha a impressão, por me ver na igreja, de que eu era bastante mais velha do que realmente

era, e ficou bastante preocupado quando se apercebeu de que eu tinha menos de treze anos e de que ele já tinha vinte e quatro.

Capítulo XVI

EXPULSA DA ESCOLA

Após esta reunião, regressei ao meu dormitório agradavelmente animada, mas com uma sensação desconfortável de que toda a aventura estava errada e que não só tinha falhado para comigo própria, como me tinha exposto a uma repreensão justificável, caso o meu encontro secreto fosse descoberto. Acostumada que estava a castigos, no entanto, senti-me confortado por saber que até àquele momento não tinha agido de forma errada, de acordo com os meus próprios padrões. Agora sabia que não só tinha infringido a lei da escola, como tinha entrado em algo que me trazia uma desconfortável sensação de culpa. Quando o expressei, no dia seguinte, à rapariga que tinha sido minha companheira, ela disse: "Não sejas tola! Toda a gente foge da escola para ir ao encontro dos meninos, porque não haveríamos nós?"

Essa resposta não me fez sentir menos culpada. Mas os dias foram passando e comecei a sentir-me menos perturbada e até esperava poder acompanhá-la de novo para conhecer os nossos rapazes. Não tive mais escrúpulos em ir. Quando nos reencontrámos, o meu amigo sul-americano ficou tão feliz por me ver como eu por estar com ele. Entrámos no parque e sentámo-nos em um banco. Enquanto nos sentávamos um ao lado do outro, ele pegou-me nas mãos e explicou-me, com muita seriedade, qual poderia ser o resultado inevitável desses encontros. Pela primeira vez, ouvi a explicação sobre o significado do sexo, e ele, sendo um estudante de medicina com quase o dobro da minha idade, enfatizou o seu próprio sentido de responsabilidade sobre a nossa conduta. Disse-me que ficara surpreso ao descobrir que eu tinha apenas treze anos; a minha aparência e porte tinham-lhe dado a impressão de eu ser muito mais velha. Disse-me que se soubesse que eu era tão jovem, nunca me teria enviado a mensagem para ir ao encontro dele. Alertou-me ainda que a minha maturidade, ainda criança, me poderia levar a situações com outros rapazes para as quais não estava preparada. Ficou surpreso ao descobrir que eu não tinha qualquer conhecimento

sexual, nem em casa nem na escola, e orientou as minhas leituras sobre este assunto para futuro.

Eu tinha ouvido atentamente tudo o que ele tinha a dizer. Embora tivesse observado o processo de vida e morte na natureza e o processo sexual nos animais, nunca tinha pensado em nenhum desses princípios como tendo qualquer relação prática com a minha própria vida. No caminho para casa, enquanto caminhávamos juntas, ocorreu-me que a felicidade que sentia na proximidade e companhia deste novo amigo talvez estivesse ligada ao que o catecismo chamava "Os desejos pecaminosos da carne". Oprimida por tal ideia, regressei à escola com uma sensação deprimente da responsabilidade de crescer e a sentir que afinal não seria uma aventura assim tão agradável.

Regressei ao local combinado para me encontrar com a minha colega de escola, para que pudéssemos regressar juntas ao dormitório. Ela não estava lá e eu corri de volta apenas para descobrir que ela tinha chegado à escola antes de mim; algumas das meninas estavam curvadas sobre a sua cama enquanto ela chorava desolada. Tentaram em vão acalmar-lhe os soluços. Tudo o que consegui descobrir dessas meninas assustadas foi que "algo terrível tinha sucedido". Imaginei que o que lhe tinha acontecido eram provavelmente as "trágicas consequências" para as quais a minha amiga já me havia alertado. Deitei-me muito perturbada, a rezear a chegada da manhã.

Quando a diretora me chamou, a minha colega já lá estava na sua sala. Assustada com a sua amarga experiência, dirigira-se à diretora da escola, não apenas para confessar o que lhe tinha acontecido e a mim na noite anterior, mas também para expor todo o sistema pelo qual as raparigas da escola fugiam à noite para se encontrarem com os seus namorados no exterior. A minha participação em todo o lamentável caso parecia grave, pois estava com ela. Então, também eu fui obrigada a contar tudo o que sabia e admiti livremente a minha responsabilidade em desonrar o bom nome da escola. Sentia-me uma pária e uma pecadora. Não sabia como as outras meninas se sentiam.

No dia seguinte, fui expulsa da escola e mandada para casa em desgraça. Aí, tive de enfrentar a raiva e a condenação da minha tia. Quando cheguei a casa, ela encontrou-me na estação. Usou de cumprimentos bruscos e frios. Nenhuma de nós disse uma palavra durante o caminho para casa, mas quando chegámos a casa, ela disse-

me para ir para o meu quarto, onde iria tomar o meu chá e, assim que terminasse, eu deveria descer e dar-lhe alguma explicação sobre a minha infeliz conduta na escola. Ao entrar para ver a minha tia, senti-me aliviada por, finalmente, aquele ser o fim do meu sofrimento.

Qualquer castigo que sentisse pareceria um alívio bem-vindo após a confusão dos últimos dias. Quando a vi, decidi não me pôr com rodeios, e contar-lhe a verdade sobre tudo o que tinha acontecido. Enquanto eu explicava como a aventura começara, ela pressionou-me para continuar, dizendo: "Sobre o que é que o jovem falou contigo?" Quando lhe disse que ele me tinha explicado o verdadeiro significado do sexo e me ajudara a compreender os riscos que havia para uma rapariga sozinha no mundo sem a compreensão disso, ela interrompeu para dizer: "Não tens vergonha do teu comportamento pecaminoso e venial?"

Respondi que, embora estivesse arrependida de ter infringido as regras da escola, não sentia vergonha nem desgraça pessoal pelo que tinha feito. Eu estava ansiosa por terminar e acatar o castigo para poder voltar a ficar a sós e em paz comigo própria. A minha entrevista terminou com as palavras finais que proferiu: "Agora vai para a tua cama e, pela manhã, terei decidido o que fazer contigo e falar-te-ei sobre os teus pais."

Supus, pelo tom da voz dela, que as revelações do dia seguinte sobre os meus pais, que tinham falecido eu era ainda bebé, não seriam nada agradáveis. Tantos eventos se tinham acumulado nos últimos dias que me deitei perturbada e confusa, e dormi pouco.

Capítulo XVII

OUÇO, POR FIM, A HISTÓRIA DOS MEUS FALECIDOS PAIS

Na manhã seguinte a minha tia estava distante e fria e fez-me sentir de novo a enormidade da minha conduta. Sem qualquer explicação, entregou-me duas fotografias de uma jovem, que reconheci como a "Anna" pertencente a "Anthony". De forma vaga, eu tinha pensado nestas duas pessoas como sendo o meu pai e a minha mãe, sem dar importância ao que tal relação implicava. Ao entregar-me as duas fotografias, a minha tia disse: "Esta era a tua mãe em rapariga, e na altura do casamento. Rezei quando ela... que também tu

morresses e fosses poupada à herança dela, pois era má. A tua mãe era como se fosse minha própria filha. Era a mais nova de uma família de treze, da qual eu era a mais velha.

A saúde da tua avó fraquejou depois do nascimento da tua mãe, por isso fiquei, durante algum tempo, responsável pela família, especialmente por ela, um bebé que crescia. Amei-a como se fosse minha própria filha. Era muito diferente das outras crianças da família e tinha uma natureza rebelde e independente como tu. Amava as coisas agradáveis e artísticas da vida e não se enquadrava na rígida tradição familiar.

“A tua avó, uma francesa, amava muito esta última filha e deu permissão para que fosse educada no estrangeiro, embora isso fosse amargamente contestado por outros membros da família. Foi para a escola na Bélgica e, mais tarde, foi autorizada a visitar os parentes e amigos da nossa mãe em França e em Argel. Numa dessas viagens a Argel, conheceu um jovem espanhol e correspondeu-se com ele. Quando se verificou que ela estava a levar a sério as atenções dele e a considerá-lo como pretendente, os nossos pais proibiram a correspondência. Ele era católico romano e, além disso, não tinha nem posição nem dinheiro.

Os nossos pais nunca consentiriam que a tua mãe casasse com alguém que não fosse da sua própria fé; ela fora educada estritamente, como todos nós, na Igreja Presbiteriana. Os nossos pais esperavam que ela casasse com um homem da sua própria fé, bem conhecido de ambos, um jovem clérigo que tinha sido devotado à tua mãe, mesmo em criança. Ela parecia conformar-se com o ponto de vista deles para o seu futuro e ter renunciado ao jovem espanhol como pretendente. Prosseguiram, na família, os preparativos para o seu iminente casamento com o clérigo, mas, na véspera da cerimónia, ela desapareceu sem dar qualquer explicação sobre para onde ia.

“Eu estava convencida de que tinha ido ter com o seu espanhol. Nunca me deixei enganar completamente, pela sua atitude aquiescente, como o resto da família, a ponto de acreditar que o tinha abandonado. O nosso pai e a nossa mãe passaram dias de ansiedade a tentar descobrir o seu paradeiro; depois chegou uma carta dizendo apenas que ela estava em Paris, para onde fora a fim de casar com o seu espanhol. A família, ultrajada pelo casamento da tua mãe com um homem que era estranho à sua fé e que nada tinha para lhe oferecer

nem em posição nem em riqueza, proibiu-a até de comunicar de novo com qualquer membro da nossa família, e nada mais se soube dela durante quatro meses.

“Depois chegou uma carta para a nossa mãe dizendo-lhe que ia ter uma criança. Estava infeliz e com medo de ficar sozinha e pediu autorização para regressar à Irlanda e ter a criança em sua casa. Os pais não a quiseram receber, mas eu, que me tinha casado recentemente, disse-lhe para vir ter comigo. Veio com o marido.

“Desde o primeiro momento, não gostei dele. Ele ressentia-se amargamente da atitude da família para com ele.” A minha tia voltou-se para mim e explicou: “Vês, ele não tinha o direito de se ressentir. Não tinha posição nem dinheiro quando casou com a tua mãe e, além disso, era católico romano. Não suportava tê-lo em casa; nunca poderia haver paz entre nós. Arranjou um emprego como secretário particular que o afastou da minha casa; depois, logo que teve dinheiro suficiente, tomou uma casinha não muito longe de nós, onde a tua mãe foi viver até nasceres.

“Durante todo esse tempo antes do teu nascimento, a tua mãe foi muito infeliz, porque os pais continuavam a recusar recebê-la. Nestas circunstâncias, dei-lhe todo o amor que tinha, mas isso não chegava para lhe dar paz. Adoeceu e ficou triste antes do teu nascimento e era tornada miserável pelo ódio que o teu pai tinha à família dela. Ele era taciturno e ressentido e, por isso, muitas vezes se tornava irritadiço com ela. Talvez me pudesse ter apiedado dele então, mas nunca lhe pude perdoar por a ter afastado da nossa Igreja e do nosso lar. Em breve se tornou amargamente ciumento da minha influência sobre ela.

“Tu nasceste com grande dificuldade. Ela esperava que a tua vinda fosse o meio de operar a reconciliação com a família por que ainda ansiava. Mas eu disse-lhe, quando já estava restabelecida, que a nossa mãe e o nosso pai nunca a perdoariam. Sabia, demasiado bem, que para eles as barreiras da religião nunca poderiam ser derrubadas. O teu pai nunca poderia ser aceite na nossa família.

“No dia seguinte vi o corpo sem vida da tua mãe a ser erguido do poço do jardim. Depois disso, nunca mais pude suportar ver o teu pai. Insisti então em que fosses criada por mim na nossa religião, mas cedi mais tarde ao teu tio e permiti que te tornasses membro da Igreja Estabelecida a que ele pertencia. O teu pai esperava levar-te e fazer-te criar pela irmã dele. Isso, a nossa família não permitiria. Seis semanas

após a morte da tua mãe, o teu pai matou-se a tiro no escritório do patrão. Mais tarde, mandei mudar o teu apelido de Vancho para o do teu tio.

“Contei-te hoje a história dos teus pais para te mostrar como é fácil ao filho de duas pessoas de tal temperamento pecar. Vês como a tua mãe e o teu pai foram castigados pelas suas faltas. As leis de Deus não podem ser postas de parte. Não te esqueças de que tens o sangue deles nas veias. Rezei muitas vezes para que essa herança não viesse a manifestar-se no teu comportamento. Já mostras uma tendência para a laxidão. A tua mãe também era voluntariosa e obstinada. Nunca esqueças como ela cedeu aos desejos da carne com um estrangeiro e um católico que nada tinha para lhe oferecer e de modo algum lhe era igual.

A luxúria que venceu a tua mãe terminou em vergonha e desgraça para a nossa família. Acautela-te para que a tua própria busca de conhecimento não seja um manto para o desejo de te afastares da graça espiritual. A menos que te voltes para Deus e para a tua Igreja e confesses os teus pecados, será demasiado tarde para procurares redenção. Não me parece possível voltar a mandar-te para um colégio interno, mas, se estiveres em casa e fores diariamente à escola, sob a minha supervisão pessoal poderás aprender a portar-te como deve ser.”

A tragédia da morte dos meus pais não conseguiu transmitir-me a lição moral que a minha tia esperava salientar. Vi apenas, na sua triste história, a injustiça e a intolerância da família, que na realidade tinham causado as suas mortes; simpatia e compreensão poderiam tê-los ajudado a viver. Não conseguia descobrir pecado algum no amor e no casamento dos meus pais. Como já não levava muito a sério nem a religião protestante nem a católica romana, falhei por completo em ver a enormidade do crime da minha mãe ao casar com um católico. Sabia que sentiria ser horrível que quaisquer duas pessoas no mundo, próximas de mim ou não, fossem impedidas de fazer aquilo que realmente queriam.

Esta revelação da história dos meus pais não os tornou mais reais do que tinham sido antes. O que ficou em mim foi um ódio intenso à intolerância da minha tia e o reconhecimento de que ela, naquele dia, erguera entre nós uma barreira ainda maior à nossa compreensão mútua.

A minha crescente infelicidade levou-me a procurar “As Minhas Crianças” mais do que nunca. Tinham-me visitado menos vezes no colégio interno e eu esperava, agora que estava de volta, que recuperássemos os nossos tempos felizes em conjunto. Mas, para minha desilusão, vinham menos vezes. Por volta dos treze anos, “As Minhas Crianças” foram-se embora tão de repente como tinham vindo, quando eu tinha quatro. Desde então, muitas vezes me perguntei por que razão, quando parecia precisar delas mais, deixaram de vir.

Capítulo XVIII

DA IGREJA À POLÍTICA — A MINHA CHEGADA A LONDRES

Agora que voltara a viver em casa, a religião formal tinha de ser retomada no lar da minha tia. Isto obrigou-me a perguntar-me, de novo, se a Igreja Protestante ou a Igreja Católica me poderiam dar o conforto espiritual que eu procurava na religião. Para o descobrir, fui aos serviços de ambas as igrejas. Agora, porém, nenhuma delas me dava nada. À minha maneira infantil, acreditava já ter descoberto demasiado sobre as limitações daqueles responsáveis pelo destino e pelo ensino de ambas as religiões.

Eu ouvira as crianças católicas prepararem-se para a Confissão e fiquei chocada ao verificar que, para elas, o confessionário não era um meio de libertação espiritual, mas um lugar onde pequeninos pecados, ditos quase por rotina, podiam ser recitados todas as semanas ao padre. Concluí, portanto, que a Confissão, à qual essa Igreja atribui tanta importância, era para a maioria das minhas colegas apenas uma fórmula vazia. E, no entanto, ainda hoje sei que, se tivesse de ir à igreja, preferiria o contacto com o mistério e o fervor emocional da Igreja Católica ao frio formalismo da Igreja de Inglaterra.

Infelizmente, muito cedo deparei, de forma inesperada, com a zombaria do princípio do celibato entre o clero. Soube de mais do que um rapaz infeliz que fora arrastado para relações ilícitas pelo seu próprio pastor. Foi infeliz para mim que tais experiências me surgissem numa idade em que eu procurava na igreja aquela paz que me era negada em casa. Passei a ir à igreja apenas para satisfazer a minha tia e manter, por ela, uma aparência de devoção. Aos treze anos, idade em que a maioria das crianças só começa a pensar

seriamente no significado da religião, eu já tinha acabado com o que se tornara, para mim, as formas vazias tanto da Igreja Protestante como da Igreja Católica.

Como a maior parte das crianças irlandesas, cresci numa atmosfera em que a política estava viva e era realmente importante. A história da Irlanda tornou-se uma coisa viva, que não começava nem acabava no manual. Aos domingos de manhã, depois de a missa terminar, realizavam-se reuniões políticas na Escola Nacional. O povo do campo, de longe e de perto, assistia.

O seu interesse muito evidente e a sua sinceridade sempre me atraíram, mas nunca me tinham permitido ir a essas reuniões quando era mais nova. Agora que estava novamente em casa e mais madura, decidi investigar por mim própria o cenário político local. Saía para ir à igreja aos domingos de manhã, para apaziguar a minha tia, mas, em vez de entrar, seguia até à escola da aldeia para assistir a uma reunião política.

Homens da posição e do prestígio de Joe Devlin e John Redmond vinham por vezes dirigir essas reuniões; havia também oradores menores, cuja sinceridade e entusiasmo os marcavam para futuras honras; entre estes estava Jim Larkin. A sua oratória era soberba. Fiquei profundamente comovida por um uso da linguagem como nunca antes ouvira. Enquanto me sentia movida pela música das suas palavras, tomei consciência, pela primeira vez, das vibrações que as palavras produzem no espaço. A intensidade do sentimento libertada através dos sons da voz projetava uma energia comovente no espaço, que me surgia visível sob a forma de linhas ondulantes.

Ao olhar para essas correntes rítmicas, produzidas pelo som, comecei a perguntar-me se os primórdios da música não teriam nascido, para o homem primitivo, da percepção dessas linhas carregadas no espaço. Perdi-me na magia da minha própria contemplação e não sei se a música da voz do orador, ou as linhas que emanavam do seu discurso, me fascinavam mais. Reconheci que as palavras do orador, com a sua profunda sinceridade nascida da emoção, constituíam, no sentido mais verdadeiro da palavra, uma oração profunda pela liberdade da Irlanda. Eu sabia que a qualidade dessas palavras iria arrancar ao Sopro Vivo uma resposta verdadeira, tal como sabia que as minhas próprias preces seriam sempre atendidas nessa mesma Fonte.

Embora amasse a sinceridade e o empenho destes Líderes do Home Rule, intuía limitações na atitude de alguns deles. As táticas violentas de um Jim Larkin, a enxotar o gado e os cavalos das propriedades dos proprietários, por vezes causando-lhes ferimentos, perturbavam os meus ideais sobre como o Home Rule deveria ser alcançado. Embora aceitasse tais métodos políticos como temporariamente inevitáveis, isso levou-me, mais tarde, a perder a simpatia por muitos dos Líderes do movimento do Home Rule; embora nunca perdesse a fé no sonho de uma Irlanda livre.

Durante este período, tive muitas alterações com a minha tia por causa da minha devoção à “Causa Rebelde”, como ela lhe chamava. Fora educada como Conservadora e só conseguia aceitar o Governo Soberano como sendo correto e necessário para a Irlanda. Nem sequer sobre política tínhamos um terreno de entendimento.

Continuei a frequentar a escola diurna que a minha tia encontrara nas proximidades para mim; e lá fiz grandes esforços para me conformar com a rotina escolar e reprimi, tanto quanto pude, os meus impulsos aventureiros e a minha rebeldia contra a autoridade. Fui bem-sucedida e tornei-me a preferida das professoras. Mas desta vez mantive-me à parte das minhas colegas. Embora ficasse sempre contente com uma palavra de aprovação, já não necessitava de companhia, porque estava profundamente sintonizada com o viver num mundo só meu.

O poder de sentir e ver as envolvências dos seres vivos, e a minha crescente capacidade de visualizar formas e sons no espaço, mantinham-me absorvida. Já não precisava de falar a ninguém destas coisas que eu sabia. Nem estava convencida do seu significado e realidade para mim, e já não tinha esperança de obter compreensão por parte de outros.

Aos quinze anos, tive outra grave quebra de saúde e passei o inverno na cama; a tuberculose latente, que era uma herança de família, tornou-se ativa. Na primavera, o médico disse que eu não poderia ter recuperação permanente no clima irlandês e aconselhou a minha tia a enviar-me para a atmosfera mais seca do sul de Inglaterra. Ela encontrou lá uma escola do seu agrado para onde eu iria depois das férias da Páscoa. Entretanto, deveria visitar, por algum tempo, uma amiga da família em Londres.

Estava interiormente excitada por deixar a minha tia e nem me passou pela cabeça o que ela sentia com tudo isso; na verdade, nunca acreditei que sentisse fosse o que fosse, tão pouca emoção me mostrara alguma vez. Despedir-me das pessoas da quinta não me ocorreu, mas, durante dias antes de partir, passei horas a despedir-me das árvores e das flores e dos ribeiros que eu amava, e de todos os recantos escondidos do bosque que me conheciam, assim como “As Crianças”. Na noite antes de deixar a casa, senti uma convicção terrível de que nunca mais seria feliz da mesma maneira, nem veria essas coisas com os mesmos olhos. Chorei por todos os arbustos e flores e aves que eu amava, sem saber bem por que chorava; uma sensação fria e vaga de desconforto apoderou-se de mim.

Se, naquele momento, eu sentisse que a minha tia ouviria o meu apelo e me permitiria ficar em casa, teria pedido essa mercê; mas sabia, por longa experiência, que esse pedido seria inútil. Ainda triste por me afastar de todos os seres vivos que amava, fui ao jardim e, ali, encarei serenamente o conhecimento de que o tumulto futuro da minha vida tornaria este tipo de paz impossível de novo. Assim, gravemente, despedi-me da minha infância e do mundo de força vivente ali, que estava tão intimamente ligado a todo o meu ser.

Despedimo-nos formalmente, a minha tia e eu. Ela exortou-me a refrear o meu temperamento e a lembrar-me de manter a minha formação religiosa. O seu filho, a quem eu raramente conhecera ou vira, levou-me ao barco; disse-me que eu era muito parecida com a minha mãe e prometeu enviar-me algumas fotografias antigas dela. Falou bastante do meu pai, dos seus antecedentes familiares em Espanha e da sua morte trágica. Sempre, no passado, me alegrara não ter pais, quando ouvia outras crianças falarem do quanto os temiam. Agora, pela primeira vez, ao ouvi-lo falar da minha mãe e do meu pai, com calor e compreensão, desejei ter conhecido esses dois que eram meus pais.

Quando o meu primo falou dos meus pais, recontou muito do que a minha tia já dissera, mas deu à história uma simpatia e uma compreensão que ela negara. Fez-me perceber algo da profunda sensibilidade e natureza trágica do meu pai e que ele fora dilacerado de dor e perplexidade com a morte da minha mãe. Contou-me também como a minha tia ficara profundamente magoada quando a minha mãe

decidira viver de forma independente, e como passara a francamente não gostar dela e a desaprová-la antes da sua morte.

A minha chegada a Londres entusiasmou-me. Embora nunca tenha compreendido totalmente o temperamento inglês, entreguei o coração, de imediato, àquela grande cidade. Fui viver com uma prima da minha tia. Frequentei a escola por um curto período com a filha dela, que em breve se casaria. Pela primeira vez fui lançada na sociedade adulta, e fiquei agradavelmente surpreendida por gostar, e imensamente satisfeita por me ver tratada como uma pessoa madura. Essas pessoas, para meu espanto, ouviam as minhas opiniões e ideias como se tivessem importância. Comentavam o quanto eu já tinha vivido e experimentado, para conhecer tanto da vida aos dezasseis anos. Tive a experiência inédita de ser constantemente requisitada por todos quantos conhecia. Então percebi que todas as dificuldades e mal-entendidos em casa não tinham sido em vão; apercebi-me de que, através desses conflitos, me tornara um indivíduo e de que, por causa deles, conseguia lidar mais facilmente com este grande novo mundo que encontrei em Londres. Riram-se da ideia de uma rapariga da minha maturidade continuar num colégio interno; comecei a concordar com eles, e perguntei aos meus novos amigos como poderia evitá-lo.

PARTE TRÊS

DESCOBRIR O SIGNIFICADO DO CASAMENTO, DOS FILHOS E DE UMA CARREIRA

Capítulo XIX

VIDA EM LONDRES

Numa noite, a amiga da tia com quem eu vivia deu um pequeno jantar; era para celebrar o casamento iminente da minha prima. O homem que se sentou ao meu lado no jantar era uma pessoa morena, alegre, de olhos azuis, de quem toda a gente parecia gostar. Na nossa conversa, encheu-me de perguntas e divertiu-se ao ouvir que eu viera para Inglaterra para ir para a escola e ao descobrir que aquele era o meu primeiro jantar. Virando-se para a anfitriã, comentou: “Esta criança é deliciosa; antes de ela ir para a escola, tem de me deixar levá-la a passear e mostrar-lhe Londres. Sabe”, disse, a rir, “gosto de educar os jovens.” Ela respondeu: “Estamos todos tão ocupados com

os preparativos do casamento que vai ser um grande presente para ela poder contar consigo.”

Ficou então combinado que ele passaria por mim daí a um dia ou dois. Levou-me a todos os lugares a que uma criança deve ir; a Torre de Londres, a Catedral de São Paulo, Westminster e todos os museus, até que a minha cabeça girava. Disse-lhe que me sentia sufocada por tantos edifícios e perguntei onde poderia ver alguns jardins; então levou-me ao St. James’s Park e a Kew. Arranjava tempo todos os dias para me levar a passear; quando estava demasiado ocupado para tirar tempo para explorar a cidade, ao menos levava-me a almoçar. Gradualmente comecei a aceitá-lo como parte da minha vida diária e a sentir que aquela agradável companhia continuaria para sempre. Desde o primeiro dia chamara-o pelo nome próprio, Clive; agora, em casa, começaram, bem-dispostos, a trocar de mim pela maneira como eu tinha tomado posse dele.

Ele tornara-se o confidente das minhas apreensões quanto a ir para um novo colégio interno; à minha ansiedade respondia sempre: “Não te preocupes. Quando chegar a hora, havemos de encontrar uma saída.” Esta frase, embora vaga, acalmava-me por momentos; eu ficava satisfeita, como sempre, em viver o “agora” e deixar que os acontecimentos das horas seguintes cuidassem de si próprios; nesse estado de espírito, desfrutava cada momento com o Clive e punha a escola fora dos meus pensamentos.

O casamento da filha da casa aconteceu dez dias antes de eu partir para a escola. Causou-me uma profunda impressão emocional, porque eu via o casamento como um dos sacramentos mais sérios da Igreja. Preparei-me para o dia do casamento lendo o ritual da cerimónia matrimonial tal como está no Livro de Oração Comum; fui ao casamento num estado de espírito exaltado, esperando ver ocorrer alguma transformação poderosa em ambos os seres, o da noiva e o do noivo. Esperava que a experiência fosse tão avassaladora que a noiva provavelmente não conseguiria participar no copo-de-água. Os meus sentimentos em relação a essa cerimónia de casamento eram totalmente místicos; parecia-me estar a participar nalguma outra cerimónia semelhante que me acontecera, há muito, e que depois fora esquecida. Sentia, de algum modo, a necessidade de algum derramamento de sangue; talvez, inconscientemente, me lembrasse do que vira em criança no casamento cigano.

Fiquei desapontada ao ver a noiva aparecer no copo-de-água bem-disposta e despreocupada; eu ainda estava mergulhada no mistério da cerimónia de casamento e esperava que ela estivesse no mesmo estado, e choquei-me ao constatar que, após o ofício, não ocorrera qualquer mudança no seu estado de ser; o significado elevado e impressionante da cerimónia passara-lhe ao lado; ela respondia com tal leviandade aos brindes dos convidados e bebeu tanto champanhe que me chocou. Nesse dia, a cerimónia do casamento, tal como a conhecia no Livro de Oração Comum, perdeu, para mim, algo da sua beleza sagrada, devido ao comportamento irreverente, aos meus jovens olhos, da noiva e do noivo e dos seus convidados.

Capítulo XX

O MEU CASAMENTO

No dia seguinte, o Clive veio, como de costume, buscar-me para sair. Disse-lhe que esperara que a noiva fosse transformada pela cerimónia e que ficara desapontada por ela ter levado tudo com tanta naturalidade, como coisa de todos os dias. Ele riu-se de mim e perguntou se eu não gostaria de ter um casamento meu, um dia. “Sim”, respondi, mas “um dia” parecia muito distante para os meus dezasseis anos.

O Clive ficou para jantar nessa noite; a conversa voltou-se para o casamento do dia anterior. De repente, o Clive virou-se para a família e disse: “A Eileen disse hoje que se casaria comigo.” A minha anfitriã virou-se indignada para ele e disse: “Clive, não sejas tolo. Tens andado a virar a cabeça à miúda. Ela foi criada com muita rigidez e eu sou responsável por ela enquanto estiver em Londres. Não tens o direito de brincar com ela acerca de assuntos tão sérios.” Fiquei magoada com as palavras dele e pensei que me estava a troçar por ter levado o casamento demasiado a sério; mas ele virou-se para mim e disse: “Falo a sério. Vais casar comigo, não vais?” Fiquei calada. A minha anfitriã perguntou-lhe: “Estás fora de ti, Clive, ou tens bebido, para fazeres tal proposta? Ela é apenas uma criança.” Fiquei magoada e humilhada com o rumo da conversa e abandonei-os apressadamente para ir para o meu quarto.

No dia seguinte, a minha anfitriã falou comigo antes de eu sair para um almoço combinado com o Clive; estava manifestamente preocupada com a conversa que tivera lugar depois de eu me deitar. Disse, com muita gentileza: “Vai almoçar com ele, minha querida,

mas não o leves demasiado a sério. A tua tia nunca consentiria numa coisa dessas — esse casamento — e eu seria tida por responsável.”

No almoço, o Clive mostrou-se mais sério do que alguma vez o vira. Virou-se para mim e disse: “Eileen, falo muito a sério quanto a esta proposta. Eu amo-te e quero casar contigo.” Fiquei lisonjeada e, devo confessar, na minha jovem ignorância vi nessa proposta um meio de evitar o novo colégio interno. Depois do almoço, rebentou a tempestade quando disse à prima da minha tia que eu tinha dito “sim” à proposta do Clive. Quando me perguntou porquê e percebeu que eu via nisso um modo de escapar à escola, ficou terrivelmente perturbada e mandou recado, a toda a pressa, à minha tia, que me ordenou que voltasse imediatamente para casa, na Irlanda. Mostrei a carta da minha tia ao Clive; ele indignou-se e fez-me ver que, se eu fosse agora para casa, a minha tia tornaria a minha vida mais insuportável do que nunca. Devo dizer que ainda era capaz de me assustar com a desaprovação dela, mas a sua atitude negativa despertou em mim o espírito combativo. Agora, pela primeira vez, esse casamento pareceu-me realmente necessário e importante; com um brio recém-convocado, estava decidida a casar com o Clive, por mais que os meus amigos e a família se opusessem. Quando, mais tarde nesse dia, soube que a minha tia já pusera o filho a caminho de Londres para me levar de volta, fiquei mais determinada do que nunca a levar o casamento por diante.

Mudei-me para casa de um amigo do Clive e ele tratou então de uma licença especial para me poder casar o mais depressa possível. Quando o meu primo chegou da Irlanda, em vez de se opor ao casamento como eu esperava, adiantou os nossos planos por duas razões: antes de mais, porque gostou imediatamente do Clive e se tornou rapidamente seu amigo; e depois disse-lhe que, sabendo que eu era uma criança estranha, receava que outra tragédia, como a do meu pai e da minha mãe, pudesse ocorrer na família; declarou que não se poria no caminho do casamento. Dentro de poucos dias, casei-me sem a aprovação nem da minha tia nem dos meus amigos de Londres.

Capítulo XXI

DEPOIS DO CASAMENTO, VIVO DIVIDIDA EM MIM MESMA

Casei-me às onze da manhã e, às quatro, partíamos de Londres para Paris, em lua de mel. Depois do almoço, quando fiquei um

momento sozinha, consegui pela primeira vez aperceber-me do passo terrível que tinha dado. Estava prestes a entrar numa vida nova com um completo estranho que, a partir de agora, como meu marido, teria controlo sobre mim e sobre a minha vida. Nesse instante de lucidez aguda, desejei poder correr de volta para a minha casa, na Irlanda; pelo menos conhecia a medida da severidade da minha tia; mas acerca desse homem estranho a quem me tinha ligado tão de repente, nada sabia. Um medo abjeto do futuro e do que ele continha apoderou-se de mim.

A minha lua de mel foi uma experiência miserável. Via-me, dia após dia, a rebelar-me contra aquilo que tinha feito e teria feito qualquer sacrifício se encontrasse maneira de me ver livre da nova relação. Estava ainda pouco desenvolvida e bastante ignorante do que o casamento significava. Na realidade, não gostava do meu marido senão depois do nascimento do nosso primeiro filho.

A casa onde nos instalámos em Londres, no regresso, tinha sido recentemente construída e eu podia plantar o meu próprio jardim. Apesar de outras restrições, foi uma grande alegria para mim ter aquela casa. Como a minha tia me treinara bem para ser uma dona de casa eficiente, eu estava ansiosa por mostrar ao meu marido como era capaz de cozinhar, coser e cuidar do nosso lar. Ele lembrou-me que me proporcionara criadas competentes para tratar da casa e que considerava que a sua mulher devia estar bem-vestida e ser encantadora e receber com estilo. Esperava que eu estivesse pronta, sempre que chegasse a casa, para me ajustar aos seus desejos e interesses. Se, disse ele, tivesse querido uma governanta, teria casado com uma! Fiquei terrivelmente desapontada, mas já aprendera que discutir com ele de nada valia. Percebi então que ele ia pensar pelos dois e que o que eu queria não lhe importava nada; disse-me mais de uma vez, durante aquele primeiro ano, que eu era demasiado nova para ter vontade própria.

Durante esse período, a minha sogra ajudou-me a compreender a natureza voluntariosa e difícil do filho; ensinou-me a importância de aderir aos costumes sociais e deu-me o sentido da dignidade da minha nova posição, como esposa do seu filho. Muitas vezes, apontava uma ponte entre nós, levando-o a perceber que eu tinha demasiado espírito e energia para ficar sem uma atividade definida minha, e ajudou-me a reconhecer que o seu filho não era o macho autossuficiente que eu

imaginara, mas um ser humano limitado, como eu, com necessidades que tinham de ser consideradas.

Gradualmente comecei a aceitar a minha sogra como amiga; podia confiar-lhe os meus pensamentos mais íntimos e fiquei agradavelmente surpreendida por ela se interessar em ouvir. Vinha ver-me todos os dias e íamos frequentemente em pequenas excursões juntas, tornando-nos depressa companheiras próximas. À medida que a nossa amizade crescia, pedia-me muitas vezes que falasse com o meu marido com a mesma franqueza com que falava com ela. Não compreendia porque não conseguia eu falar mais livremente com o Clive.

No regresso da nossa viagem de núpcias, o meu marido falou-me muito seriamente da necessidade de abandonar o meu modo de visionar. Disse-me que as outras pessoas não sentiam nem viam tais coisas e que, se outros me ouvissem falar assim, haveriam certamente de me considerar desequilibrada. Insistiu em que, se eu continuasse com tais formas de perceção, isso me levaria seguramente à loucura; lembrou-me que eu provavelmente herdara tais tendências doentias da minha mãe e do meu pai. A frieza do seu tom e a ênfase das suas palavras fizeram-me perceber, de forma muito nítida, que o mundo das pessoas adultas “normais” não sentia nem via como eu.

Tomei as suas palavras à letra e acreditei que caminhava seguramente para a loucura. Aceitei o que disse quando me afirmou que as coisas que eu via não tinham realidade para os outros; lamentava que não existissem para os outros, mas sabia que, para mim, eram mais reais do que nunca. No entanto, as suas palavras deram-me um grande choque, porque, até então, nunca acreditara verdadeiramente no que me diziam em casa e as minhas companheiras de brincadeiras: que as outras pessoas não percebiam da mesma maneira que eu. Uma parte superficial de mim aceitou agora esse facto, mas o meu “eu” interior ouviu uma voz a dizer: “Mas isso não é verdade.”

A partir desse momento, tornei-me consciente de viver em dois mundos separados. Num, eu era a esposa alegre, superficial e conformada; no outro, era a personalidade sensível, observadora, verdadeiramente ativa, pertencente apenas a mim própria. Ao segundo mundo, ninguém mais teve jamais hipótese de entrar, o meu marido menos do que ninguém. À medida que a divisão entre os meus dois

estados de espírito crescia, escolhi novamente recolher-me e viver comigo mesma, como fizera em criança. Isso tornou-se agora fácil para lidar tanto com o meu marido como com as minhas amigas; quando vivia nesse estado separado, ninguém conseguia realmente alcançar-me e já não me podiam causar nem ferida nem confusão. Se isto fosse loucura, então eu já não a temia, porque só nesse estado eu era verdadeiramente pacífica e feliz.

Devia estar casada há uns quatro meses quando soube que ia ter um filho. Fiquei intensamente feliz com a perspectiva; sentia que, enquanto antes estivera de fora a espreitar a vida, agora participava ativamente na sua criação. Dar vida era algo que eu compreendia; tantas vezes me sentara com os animais e ajudara as suas crias a nascer. Agora podia identificar-me com esse milagre do nascimento. Eu ia ter um filho homem, eu sabia, cheio de força e rijo de saúde; e, mesmo nesse primeiro êxtase, o meu desejo era dar à luz o meu bebé completamente sozinha e que isso acontecesse ao ar livre, de noite, sob as estrelas. Não queria nada do modo convencional de tratar a minha gravidez; para mim, eu era um animal jovem prestes a parir a sua cria.

Essa exaltação de carregar o meu filho voltou a abrir-me ao ritmo dos seres vivos, um estado que raramente experimentara desde que vivia em Londres. Agora eu caminhava em cor, na qual o meu filho também era banhado. Afastei-me das pessoas e procurei os campos abertos e os bosques; novamente estava em casa com as árvores e a terra viva; deixei de ser “eu” e tornei-me um vaso através do qual a corrente da vida corria, torrencial e inevitável. As roupas eram um entrave à carícia das energias que me vinham do dia e da noite vivos; de novo me envolvi na voz do vento, da chuva e do sol; despi as roupas e rastejei para o jardim para dormir. Ressentia a enfermeira escolhida para me ajudar no trabalho de parto; não estava disposta a que me impusessem períodos de repouso e tornava-me irritável se alguém tentava interferir no meu modo de viver.

O meu marido tinha pouco interesse em tornar-se pai; isso convinha-me, porque já sentia que a criança não pertencia a mais ninguém senão a mim. Mas as nossas relações estavam agora tensas. Soube com choque, por uma prima dele, que uma amante, que fizera parte da vida dele antes de casar comigo, nunca saíra realmente dela. Essa prima mostrou-me uma das cartas do meu marido, em que ele escrevia sobre mim: “Estou farto da sua virgindade e ignorância.” A

infelicidade dessa revelação feriu-me e esmagou-me, e o meu primeiro impulso foi fugir; mas então ainda aceitava o ensinamento formal da Igreja, com a qual parecia ter tido tão pouca relação, de que “o que Deus uniu não o separe o homem”. Agora a solidão empurrava-me para uma identificação mais profunda com o bebé que trazia.

O meu filho nasceu depressa, um pouco antes do esperado. Por isso, pude dá-lo à luz sozinha. Não tive medo por ele nem por mim, embora estivesse dilacerada pela dor. A exaustão que se seguiu a esse esforço deu-me uma reação da qual quase morri. Embora tivesse ficado grata ao meu marido pela sua bondade para comigo durante os meses de gravidez, agora pouco me importava o que ele fizesse da vida dele. Senti alívio por ficar dispensada de me arranjar e de receber homens cansados e mulheres feias à sua mesa. Vivia para a criança e aborrecia-me com a sociedade que compunha os nossos vizinhos e conhecidos.

Viver afastada das pessoas, tendo o bebé como o meu único e absorvente interesse, fez com que o mundo da natureza se abrisse novamente para mim. Vivi num estado de bem-aventurança, roçando a exaltação. Isso assustou o meu marido, e eu não conseguia fazê-lo compreender que estava novamente a viver, como na infância, em contacto íntimo com todos os seres vivos. O meu estado preocupava-o, e ele voltou a suplicar-me que não falasse com ninguém sobre as minhas perceções ou experiências interiores. De repente, percebi que toda a profundidade de mal-entendidos que vivera com o meu marido, bem como anteriormente com a minha tia e os professores, provinha do facto de esse contacto com todas as forças vivas que fluíam através de mim não ser perceptível para eles, nem para ninguém mais que eu conhecesse. Talvez, pensei, essa diferença entre mim e as outras pessoas fosse a linha fronteira entre a sanidade e a loucura. Senti que não havia absolutamente ninguém que me compreendesse ou ajudasse; fui forçada a voltar a viver neste mundo do meu verdadeiro ser, completamente sozinha — mas nunca com medo.

Capítulo XXII

OS MEUS FILHOS E O CRESCENTE DRAMA DA “VISÃO”

O meu filho crescia em graça e encanto. Quis cuidar dele sozinha, mas depressa percebi que não recuperara forças suficientes para o fazer sem ajuda. A vida decorria na casa com relativa facilidade, até o meu menino ter cinco meses. Então, uma tarde, quando o levava a passear no carrinho, ele ficou rabugento e irritado; parei um instante para mudar-lhe a posição, peguei nele e sacudi-o impacientemente. Ao colocá-lo de novo, mais confortável, ouvi, para minha surpresa, um leve suspiro por trás de mim; depois, ouvi claramente chamarem-me pelo nome, e uma voz fria e admoestadora avisou-me de que não devia perder a paciência com a criança, pois ela não estaria comigo por muito mais tempo.

Virei a cabeça na direção da voz, mas não vi ninguém. A voz não era de pessoa alguma que eu conhecesse; era fria e impessoal. Fiquei doente e aterrorizada com aquelas palavras de aviso, e meditei sobre elas durante dias. À medida que o meu filho crescia e prosperava, comecei a suspeitar que fora vítima da minha própria imaginação; mas inquietava-me sempre que o menino mostrava o mais pequeno sinal de não estar bem.

No ano seguinte, nasceu o meu segundo filho. Não senti por esta criança a mesma intensidade de sentimento que tivera pelo primeiro, nem durante a gravidez nem depois do nascimento. Ele veio ao mundo tranquilamente, um bebé de olhos muito abertos. Assim que recuperei, comecei a sentir que ele não ficaria comigo por muito tempo; estava muito deprimida sem saber bem porquê. A memória do aviso que recebera acerca da morte do meu primeiro filho crescia em intensidade. Por mais que tentasse esquecê-la, não o conseguia. A preocupação pelos dois filhos e o meu próprio estado de saúde, cada vez mais frágil, atormentavam-me tanto que decidi contar tudo ao meu marido. Sentia que já não podia suportar sozinha o peso daquela depressão; contei-lhe os avisos que recebera a respeito de ambos os filhos e o meu medo de que se cumprissem.

Ele tentou ser compreensivo, mas garantiu-me que eu era vítima das minhas próprias fantasias, devidas inteiramente ao meu estado nervoso e deprimido. Mandou-me a um médico que me receitou um tónico e sugeriu que eu precisava de alguma atividade fora de casa, que me desviasse a atenção de mim mesma e das crianças. Aconselhou também uma mudança de clima; recusei o conselho — a minha casa e os meus filhos significavam demasiado para mim, e eu não queria deixá-los. Sabia que não estava realmente doente nem

necessitava de outro clima; apenas temia que a minha depressão crescente anunciasse uma trágica verdade sobre a perda iminente dos meus filhos.

Segui, no entanto, o conselho do médico quanto a redirecionar as minhas energias para além dos limites do lar e das crianças. Inscrevi-me num clube feminino e tentei participar ativamente nas obras de caridade locais. Tudo aquilo me pareceu uma perda de tempo e fútil; preferia infinitamente ler na quietude do meu quarto do que matar as horas do dia em fingimentos sociais. Crescia também em mim um sentimento profundo de que, dentro em pouco, o casamento deixaria de preencher a minha vida. O meu crescente sentido de legítima independência, essa força cada vez maior, não me permitiria submeter-me por muito mais tempo à autoridade de um marido dominador e às restrições da vida que eu levava.

Ainda não tinha um sentido definido de como ou quando a minha vida conjugal mudaria, mas sabia, de modo muito claro, que além de mim um processo de transformação já começara a agir sobre mim, vindo de fora, do próprio Universo. Aprendera que não era necessário agir diretamente para que as coisas acontecessem. Tudo o que se tinha de fazer era expressar a própria necessidade, com fé e convicção, ao Sopro Vivo; este, a seu tempo e medida, faria o resto.

Por essa altura, o meu marido reparou que eu aparentemente não recuperara da depressão e da ansiedade em relação aos filhos e levou-me a um psiquiatra. Tudo o que esse médico sugeriu foi um reajuste entre mim e o meu marido nas nossas relações conjugais. Poucos dias depois dessa visita, o meu filho mais velho, então com dois anos, adoeceu subitamente. Durante vários dias os médicos não conseguiram diagnosticar a sua condição; insinuaram paralisia infantil e, em poucos dias, instalou-se febre cerebral. Dentro de uma semana, estava morto. Decidiram que a meningite fora a causa da sua morte.

Cinco meses depois, o segundo menino morreu da mesma terrível doença. Agora eu estava sem filhos; toda a minha coragem e fortaleza me abandonaram. Durante muitos meses estive nervosamente doente e abalada pela perda dos meus dois filhos, mas não conseguia lamentá-los no sentido convencional da palavra, pois sabia já que o drama da morte conduzia a outros estados de vida. Voltei a ver a personalidade nebulosa do meu filho elevar-se e flutuar para longe do corpo, enquanto o segurava nos braços. Foi, para mim, como se dedos

invisíveis tecessem um fio de seda. O movimento dessa substância flutuante ondulava e girava ritmicamente, como numa dança, até desaparecer para além da minha visão. Mas sentia-me doente e revoltada, porque não compreendia por que razão os meus filhos haviam de nascer apenas para morrer tão cedo.

O sofrimento que se seguiu à morte dos meus filhos levou-me a procurar mais a fundo a resposta à revelação que este fenómeno me permitira novamente testemunhar. Queria encontrar um método que me permitisse seguir a jornada dessas energias em movimento para além do ponto que a minha visão não podia abarcar, e acompanhá-las até qualquer estado que ainda pudesse existir para elas, para lá da minha compreensão atual. Embora a intensidade do meu desejo de alcançar esse estado não me levasse tão longe no espaço quanto eu queria, comecei a ver através, para dentro e para além da forma densa. Tomei consciência de que os processos de crescimento na vida orgânica ocorriam de fora para dentro, assim como de dentro para fora do organismo vivo.

Vi que a envolvência flutuante de todos os organismos vivos sustentava o organismo e a vida do seu corpo físico interior, como se fosse um pulmão exterior e respirante. Soube então, pela primeira vez — como mais tarde viria a verificar — que essas envolvências eram sustentadas e mantidas em forma não pela respiração do oxigénio, mas pelo gás carbónico. Vi com muita clareza, nessa altura, que as envolvências de toda a matéria viva consistiam principalmente no que a ciência chama ácido carbónico; se a matéria viva se tornava congestionada, observava que o processo de respiração de oxigénio abrandava e o gás carbónico se tornava mais denso. No caso do corpo humano, observei muitas vezes o mesmo processo ocorrer durante períodos de doença.

Toda essa atividade de “ver” me deixava fisicamente cansada, pois, por muito pouco que eu participasse nessa mescla de movimentos, a sua força passava por mim e sacudia o meu ser. Sentia uma ardência, como se cargas constantes de eletricidade me atravessassem. De novo, como na infância, via agora correntes de cor e luz a fundirem-se e a permutarem as suas forças; um casamento no espaço, toda a luz contendo cor, toda a cor contendo luz. A luz e a cor deixaram de surgir como feixes ou raios, mas curvavam-se e tornavam-se eixos cilíndricos, lentamente rotativos, estendendo-se sem fim pelo espaço. Comecei também a sentir e a perceber os

pensamentos dos outros e via-os como formas de luz, movendo-se rumo ao seu destino, dissipando-se ou impactando, conforme a força com que tinham sido projetados.

Por estas experiências, soube que os pensamentos eram coisas, revestidas de vida e poder próprios, uma vez nascidos. Assim prosseguiu o drama da visão durante muitas semanas. Se ao menos eu encontrasse alguém que compreendesse o que eu via! Eu sabia que aquilo tinha um significado profundo, se conseguisse penetrar-lhe o sentido. Quando tentava explicar essas experiências e lutava por encontrar palavras para descrever o que via e sentia, a ansiedade do meu marido pela minha sanidade obrigava-me a calar. Procurei em livros científicos e religiosos, na esperança de encontrar uma explicação para o que estava a viver; mas dessas fontes não me veio ajuda nenhuma.

Tornei-me então mais claramente consciente do que me acontecia, quando começara a viver em dois estados mentais separados, ao mesmo tempo. Sempre soubera que podia retirar-me do meu corpo físico; aprendera, em menina, esse método de evitar o sofrimento; agora, pela primeira vez, pude ver o processo a ter lugar, ao ocorrer em mim própria. Estava um dia sentada numa cadeira, num estado bastante relaxado e passivo, a pensar se me levantaria, quando, olhando em frente, vi uma réplica sombria de mim mesma. Nunca levara um tal choque; mal podia acreditar que eu fosse uma criatura tão vulgar como agora me via ser. Levantei-me e tentei aproximar-me do meu outro eu; ao fazê-lo, perdeu o contorno e começou a recuar para mim, voltando ao seu lugar protetor como minha própria envolvência. Vim a perceber, mais tarde, que tais projeções eram apenas extensões da minha própria envolvência e também cheguei a saber que essas projeções só acontecem quando a mente consciente está completamente relaxada. Com o tempo vi, e comecei a entender, que, em toda a gente, em estados de sono, de intoxicação alcoólica ou sob a influência de certas drogas, essa envolvência se separa e avança para fora e para além do corpo físico.

Estudando, nos anos seguintes, a natureza dessas envolvências e o seu funcionamento, convenci-me de que tinham uma função positiva e importante, como proteção daquilo a que chamamos corpo físico. Tornei-me consciente de que, envolvendo e estendendo-se para além do organismo vivo, as nossas envolvências recebem e condensam todos os impactos de som, luz e movimento, diminuindo-lhes a

violência antes de penetrarem os nossos corpos físicos. Vendo e sentindo isto, percebi que outra função das nossas envoltórias era a de um olho que tudo discerne, que penetra para além da visão comum do homem.

Como esse processo de separação da mente, com as suas variações, me era natural desde a infância, não me causava medo quando acontecia. Aprendi a usar essa divisão da consciência de forma prática. Descobri que essa envoltória se tornava um verdadeiro espelho para meu uso, no qual eu podia ver-me claramente a qualquer momento; sempre que queria assegurar-me de que o meu aspeto pessoal estava em ordem, não precisava de olhar para um espelho; podia passar o baton ou pôr pó no nariz refletindo-me na minha própria envoltória. Anos depois, vim a saber que essa envoltória tinha funções muito mais importantes do que as que então descobrira.

As experiências intensas decorrentes de me lançar para o espaço, para explorar o significado da morte, deixaram-me exausta e mentalmente cansada. Tornava-se cada vez mais difícil enfrentar a rotina da vida doméstica; mais do que nunca, o meu casamento perdera interesse para mim e eu queria afastar-me do meu ambiente presente e das suas associações dolorosas. O único lugar que me ocorria para ir e encontrar paz era a minha antiga casa, na Irlanda. Sabia que os bosques e os recantos bem lembrados da infância me curariam. Hesitava apenas porque a minha tia certamente voltaria a ser crítica e difícil comigo; mas a necessidade de regressar à Irlanda era tão profunda que não deixei que essa dúvida me impedisse de ir. A saudação fria da minha tia, ao abrir a porta, gelou-me de novo, como na infância. Parecia mais frágil agora, mas a sua determinação sombria de mandar e ser obedecida parecia ainda mais forte do que antes. Desaprovou o meu regresso, deixando o meu marido, insinuando que o meu lugar era ao lado dele, na minha própria casa. Mas essa atitude pouco amistosa não me impediu de desfrutar do meu jardim e da quinta. Voltei a ter o meu quatinho, que me dava conforto e acolhimento.

Havia mudanças no pessoal; tinham vindo uma nova governanta e um novo jardineiro, e isso fazia o lugar parecer menos a minha velha casa. Eu voltara, esperando encontrar a antiga paz nos cenários da infância, mas comecei a perceber que esta visita à Irlanda não passava de uma tentativa de fugir aos problemas do meu casamento, e não

seria o meio de os resolver. Agora senti que nada havia a ganhar em ficar mais tempo e segui para Dublin, antes de regressar ao meu marido, em Londres.

Quando estivera na escola em Dublin, interessara-me pelo Abbey Theatre. Agora, procurando para mim uma expressão de vida para além do meu papel de esposa, pensei seriamente no teatro como profissão. Procurei alguns atores do Abbey e outras pessoas ligadas ao teatro, para obter conselhos. Sempre encarara os atores e a gente do palco com espanto e reverência, como indivíduos muito dotados e separados dos demais. O meu primeiro contacto íntimo com o teatro desiludiu-me; os atores, descobri, tendiam a ser vaidosos e interessados apenas em si.

Além disso, ao perceber a quantidade de rotina e treino exigidos no teatro, a perspectiva de representar tornou-se menos atraente. Senti que, na representação, como noutras coisas da vida, ou se faz bem ou não se faz. Esta atitude, ao longo de toda a minha vida, tornou-me incapaz de suportar a rotina de formação ou ensino por parte de outrem. Sei imediatamente se posso ou não fazer uma coisa; se a posso fazer, sei que a farei bem e depressa; se não, deixo-a. Nunca houve meias-medidas possíveis para mim.

Deixando Dublin, voltei para casa, para Londres. Mas a visita ajudara a clarificar a minha visão; eu estava agora pronta a enfrentar a questão e a encontrar maneira de pôr termo ao casamento; queria mesmo encontrar um trabalho que fosse expressão de mim própria e desse alguma razão e significado ao viver. Fui ter com a minha sogra para lhe expor a necessidade de uma saída através do trabalho, mas ela, longe de ser compreensiva, disse-me que o meu primeiro dever era para com o marido e o lar e que a minha tarefa, naquele momento, era ter outra criança. Assinalou que a perda dos nossos filhos fora tão aguda para o meu marido como para mim; até então eu, egoisticamente, pensara nas crianças como completamente minhas; nunca me ocorrera que ele também sofrera. O seu argumento convenceu-me de que deveria retomar a vida em conjunto. Com o tempo, dei à luz outro filho. Esse bebé morreu poucas horas após nascer. A minha recuperação foi rápida — tão rápida que mal conseguia perceber que acabara de passar por outra tragédia. Tinha gerado essa criança por dever, para agradar ao meu marido, mas nunca a considerei minha, nem tive grande emoção nem pelo nascimento nem pela subsequente morte.

Depois disto, fiz outro esforço para me interessar por alguma atividade fora de casa, mas ainda mantendo-me parte dela. Inscrevi-me numa escola de Economia Doméstica e voltei a tentar ser ativa na vida da comunidade, participando em vendas de caridade e bazares. Mas toda essa aparência de atividade era superficial e forçada, e não me dava qualquer satisfação verdadeira.

Experimentei outro aspeto do teatro; desta vez, a comédia musical. Consegui facilmente um emprego e teria gostado de continuar tempo suficiente para realizar algo, mas o meu marido e a sua família ficaram descontentes e insistiram em que eu voltasse para casa. Era a segunda vez que aceitava um trabalho remunerado fora de casa e do meu marido, e em ambas as ocasiões ele ficara perturbado com a minha independência e insistira que era perfeitamente capaz de cuidar de mim.

Falou asperamente das minhas obrigações para com ele e salientou que havia muitas maneiras agradáveis de uma esposa “matar o tempo”, continuando a ser atraente e atenta para com o marido. Embora tenha regressado nas duas ocasiões, depois de provar a mim mesma que podia ser economicamente independente, fiz isso com grande relutância; foram apenas as minhas primeiras tentativas de libertar-me da servidão económica que uma casa e um marido então representavam para mim.

De volta a casa, logo que as atividades externas deixaram de consumir as minhas energias, o mundo interior voltou a abrir-se sem qualquer esforço da minha parte. Eu era vítima da minha própria hipersensibilidade. Vendo agora este período à distância, é-me difícil formular, até para mim mesma, a verdadeira natureza das sensações dessas semanas. Hesito até em falar dos estados em que então me encontrava, pois suspeito que a maioria das pessoas os associaria a uma condição de desequilíbrio. No entanto, continham sinais preliminares de percepção supranormal, mais profundos e intensos do que quaisquer outros que desde então experimentei, exceto em períodos de doença grave.

Por incrível que pareça, descobri-me agora a ver mais facilmente e claramente com as pontas dos dedos ou pela nuca do que com os olhos; e o som chegava-me pelos pés e pelos joelhos. Nesse estado, sentia o som como uma corrente externa a penetrar-me o corpo e a vibrar através da estrutura óssea. A partir daí, tomei consciência de

sensações auditivas que me alcançavam do exterior, mas não através da audição dos ouvidos; esse tipo de escuta veio depois a tornar-se mais desenvolvido e coerente, e permanece comigo até hoje, como o que se chama atualmente percepção clariaudiente — tal como a visão que ocorre sem o uso dos olhos é geralmente denominada percepção clarividente.

Quando me deitava para descansar, exausta por essas experiências, sentia subitamente uma náusea e uma leveza, e, acima de mim, via-me, tão claramente como se estivesse a olhar para outra pessoa. Embora não saiba ao certo que processo se dava nesse momento, acredito que isso deve ter sido o início daqueles esforços mais conscientes e controlados de projeção, que mais tarde fui capaz de utilizar em experiências telepáticas controladas. Até o meu marido mo dizer, eu não sabia que, nesse período, também tinha breves episódios de amnésia, durante os quais falava em voz alta.

Fiquei profundamente assustada com todas essas experiências e pedi ao meu marido que me levasse a consultar um bom psiquiatra. Temia que fosse, de facto, a loucura — essa loucura que o meu marido tantas vezes me advertira estar a cercar-me. Quando chegámos ao consultório do psiquiatra, estava preparada para lhe contar estas experiências, que agora começavam a dominar-me. Esperava obter ajuda para lidar com elas e compreender a sua causa; mas ele não me deu oportunidade de falar por mim mesma e limitou-se a voltar-se para o meu marido, pedindo-lhe um relato detalhado do historial da minha família.

Entrei para o consultar, convencida de que devia estar à beira da loucura; saí não só convencida de que estava prestes a enlouquecer, mas também de que fora a causa da morte dos meus filhos, através de uma herança de doença. A única sugestão concreta que o psiquiatra fez foi a de que a insuficiência sexual do meu marido era provavelmente a causa das minhas alucinações; o meu marido, homem apaixonado, ficou furioso. Estava muito mais próxima de um colapso nervoso quando saí do consultório do que quando lá entrei.

O resultado total desse diagnóstico levou, eventualmente, à rutura do nosso casamento — embora isso não tenha acontecido de imediato. Revoltada e doente de coração com o que acabara de ouvir, fui imediatamente fazer as análises de sangue necessárias e depressa

obtive prova de que as declarações do psiquiatra sobre o meu estado de saúde eram totalmente falsas.

Convencida de que não podia obter ajuda nem compreensão da medicina da época, comecei a desejar estudar por mim mesma as bases da medicina, da química e da física; estava certa de que a chave da minha condição poderia ser encontrada nos conhecimentos contidos nessas áreas. O meu marido, naturalmente, opôs-se a esse meu esforço, como bloqueava todas as minhas outras tentativas de independência, e os meus próprios meios não me permitiam lançar-me em anos de estudo, como então teria feito.

Capítulo XXIII

AS MINHAS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE NEGÓCIO E A DOENÇA E MORTE DA MINHA TIA

Depois de várias consultas decepcionantes com médicos e psiquiatras, que claramente nada compreendiam do meu estado mental, concluí que era inútil procurar mais ajuda ou conselho externos. Tinha, portanto, de aprender a conhecer-me a mim própria. Sempre tivera a certeza de que o trabalho que me interessasse seria o único antídoto para o meu estado nervoso e infeliz. Em breve surgiu a oportunidade de me curar. Um dia, ao almoço, uma amiga contou-me que estava a abrir um serviço de restauração com o capital que lhe restara após a morte do marido.

Pedi-me que me juntasse a ela nessa iniciativa, e eu agarrei com entusiasmo a oportunidade de me dedicar a um trabalho sério que absorvesse as minhas energias e preenchesse a minha vida. Desta vez, saí de casa sem hesitação e lancei-me de corpo e alma no novo projeto. Fiquei feliz com essa nova ocupação, pois tinha sido treinada pela minha tia para ser uma boa cozinheira e gerir uma casa com competência. Alegrou-me descobrir que conseguia trabalhar bem e facilmente e que a minha sócia me elogiava pela especial capacidade de fazer com que as pessoas comprassem e comessem muito mais do que tinham intenção quando entravam na nossa loja! À medida que o negócio prosperava, a minha saúde melhorava, pois o cansaço natural do trabalho árduo deixava à minha mente menos oportunidade de se dividir nos seus dois aspetos.

Então chegou-me a notícia de que a minha tia estava gravemente doente; ninguém me pediu que fosse vê-la, mas senti a necessidade de regressar para a ver e rever a minha casa. Quando cheguei, as irmãs dela, de rostos sombrios e fechados, gelaram-me com a frieza da sua saudação. Pedi para ver a minha tia, mas mantiveram-me afastada, dizendo que já não estava consciente e muito próxima do fim. Consegui, no entanto, entrar no quarto por uns momentos; jazia na cama, num estado semicôncio, e voltou os olhos para mim, abrindo-os por um instante. Creio que me reconheceu, pois olhou-me com a expressão dura e implacável que eu há muito associava a ela.

Ao sair do quarto, só consegui pensar que estava a deixar esta vida da mesma forma dura e implacável com que sempre a vivera. Quando cheguei ao vestíbulo, vi os parentes da minha tia à espera, a exibirem os seus trajes negros, antecipando com prazer o “divertido” cerimonial e o luto que se seguiriam à morte dela. Como a minha relação com a tia terminara e nada tinha em comum com o resto da família, não via razão para participar nessa horrível farsa de lamento junto dos parentes, nem esperar pelo fim do funeral após a sua morte. Assim, anunciei de imediato a minha partida e, embora soubesse que a família se sentia aliviada por eu ir embora, não hesitaram em exprimir a sua desaprovação pelo meu comportamento pouco convencional, ao partir antes de se realizar o enterro da minha tia.

Não quis ir-me embora sem voltar ao meu jardim para uma última despedida do lugar onde tinha conhecido tanta felicidade. Fiquei ali no escuro e tentei recuperar a atmosfera da minha infância, passada entre as árvores e as flores. Quase ainda esperava voltar a ouvir a voz do meu tio, a falar comigo como dantes; mas o sonho da minha infância tinha acabado. Quando a minha tia morreu, essa fase da minha vida ficou fechada para sempre. E toda a confusão que ela tinha provocado na minha vida agora tinha caído por terra. Soube naquele momento que estava livre. Daí em diante, por muito difícil que a vida se pudesse tornar, eu estava sempre pronta para enfrentar cada situação nova antes de ela me cair em cima, graças a uma certa antevisão do que estava reservado para mim.

A Grande Guerra rebentou quase assim que eu tinha regressado a Londres daquela viagem à Irlanda. O meu marido, que era da Territorial, foi imediatamente destacado para serviço no estrangeiro. Na crise emocional e na reviravolta que se seguiram à perspetiva da guerra e da partida dele para a frente, eu sentia muito remorso pela

minha própria insuficiência no nosso casamento; por isso, de boa vontade, prometi largar o meu trabalho e tratar da casa dele na ausência dele. Tratei da casa dele, mas o meu outro trabalho entretanto tinha-se tornado cada vez mais importante para a minha própria vida e eu não consegui abdicar dele.

Uns meses depois da partida dele, voltei a encontrar-me grávida; desta vez não tive a sensação de que a criança fosse ser um rapaz. Nasceu uma menina, como eu esperava, e durante vários meses depois do nascimento dela estive perigosamente doente. Daí em diante, os meus pulmões nunca mais foram fortes. Desde então não passou um único ano sem muitas interrupções por doença.

Quando a minha filha tinha três meses e eu começava a sentir-me um pouco mais forte, o meu marido voltou a Inglaterra vindo da frente, para passar para o Corpo de Aviação; isso queria dizer que ia estar em Inglaterra durante várias semanas. Eu ansiava pelo regresso dele; a guerra e os sacrifícios exigidos aos homens faziam-me, enquanto mulher, sentir que agora tinha muito a compensar-lhe pela natureza insatisfatória do nosso casamento. Estava cheia de boas resoluções de me refazer e tornar-me numa esposa satisfatória. Ao regressar, ele foi meigo para comigo, mas não mostrou o mínimo interesse pela nossa bebé; parecia preocupado e absorvido, e ficava contente por estar longe de mim sempre que podia.

Um dia, a minha sogra veio ver-me num estado muito nervoso e infeliz; disse-me que tinha tido uma discussão com o Clive por causa do comportamento recente dele. Achava que estava na altura de eu saber que ele tinha estado em termos íntimos com outra mulher desde que regressara da frente. Estava transtornada com aquilo tudo e implorou-me que eu me recompusesse e ficasse boa o mais depressa possível para que ele não tivesse desculpa para me negligenciar. A minha primeira reação foi ter pena do Clive, por a mãe dele ter descoberto a relação com outra mulher; só desejava que ele tivesse tido a coragem de mo contar, porque eu teria ficado contente pela felicidade dele se ele tivesse encontrado alguém de quem pudesse realmente gostar. Embora o meu orgulho tenha ficado magoado por um momento, isso não durou. Outra vez, ouvi uma voz a dizer-me: “Tu sabias que este casamento não ia durar.”

A família do meu marido levou a infidelidade dele mais a peito do que eu; eu agora sabia que o meu casamento estava mesmo

acabado para mim depois de todas as tentativas inúteis de me libertar dele. A minha mente saltou logo para um futuro dedicado a criar a minha filha e a fazer uma carreira própria. Uma parte de mim sempre soube que um dia tinha de criar um lugar para mim no mundo. Mal chegou esta libertação final, eu já queria pôr-me a andar muito antes de me ter voltado a força.

A rapidez da minha decisão de acabar com o casamento chocou tanto a minha sogra como o meu marido. Ele não percebia porque é que a infidelidade temporária dele, enquanto eu ainda estava doente, podia ser motivo suficiente para a rutura do nosso casamento. Disse-lhe que assumia a minha parte de responsabilidade pelo fracasso do nosso casamento, mas que não estava no meu poder satisfazer as necessidades dele, nos termos em que ele as exigia; e ele ficou irritado com esta indiferença para com ele e a minha falta de preocupação com a última infidelidade dele. Eu não estava com disposição para o ouvir quando ele insistiu que ainda me queria como esposa.

Capítulo XXIV

A MINHA CARREIRA DESENVOLVE-SE

E VOLTO A TER “PREVISÃO”

O sucesso que tive enquanto ajudava, como sócia, no restaurante da minha amiga fez-me decidir que podia abrir um meu. Nos dois anos em que dirigi o meu próprio espaço, ele cresceu rapidamente, com a clientela dos soldados feridos dos hospitais ali perto. Eu estava ocupadíssima demais para mimar a minha filha e só tinha tempo para lhe dar os devidos cuidados e atenção físicos; isto, pelos vistos, foi bom para ela, porque não me dava trabalho e cresceu saudável e satisfeita.

Para comigo, no entanto, eu continuava a ser um problema; tinha aceite o juízo do meu marido e da minha sogra, que acreditavam mesmo que eu estava à beira da insanidade. Os dois martelaram este ponto quando eu me mostrei determinada a desfazer o casamento para ter a minha liberdade; ambos também suspeitavam que, por detrás do meu desejo de ser livre, espreitava um amante que eu agora queria desposar; vinham ver-me ao local de trabalho com muitos pretextos e, no fim, a minha sogra perguntou-me se não seria outro homem a verdadeira razão por eu querer o divórcio. Eles não conseguiam

acreditar que a liberdade, por si só, fosse o grande objetivo da minha vida. O facto de eu me atirar ao trabalho com tanta intensidade, quando ainda podia ser protegida e cuidada pelo meu marido, parecia-lhes mais uma prova de que eu estava mesmo desequilibrada; não conseguiam perceber que eu tinha descoberto por mim que o trabalho duro era a única coisa que gastava a minha energia tremenda e, assim, por agora, preservava a minha sanidade.

Eu vivia, então, a acreditar que a minha capacidade aumentada de ver para lá da visão física e de ouvir para lá da audição física eram, de certeza, sinais de uma mente desordenada. Perguntava-me, dia após dia, quanto tempo é que esse estado ia continuar, ou se acabaria por levar a um estado mais violento. Em criança, na Irlanda, eu tinha visto várias pessoas desequilibradas; sabia que podia ser algo brando e inofensivo ou que podia de repente tornar-se violento e perigoso. Por causa das observações da minha infância, eu tinha uma atitude mais desprendida e objetiva em relação à loucura. Sem essa preparação, eu podia, de facto, ter estado em perigo, pelo próprio medo de um colapso iminente.

Ainda assim, considerava que devia ser vítima de alguma forma ligeira de desequilíbrio que, a qualquer momento, podia tornar-se mais do que eu conseguia aguentar. Para me assegurar de que não estava a sofrer nenhuma mudança subtil para pior, tentava estudar as reações dos meus amigos ao meu comportamento e perguntava-lhes, de tempos a tempos, se achavam que as minhas respostas eram muito diferentes das das outras pessoas. Eles normalmente riam-se de mim, por eu imaginar tais absurdos, e assim desfaziam os meus medos. Fui, portanto, aceitando-me a mim própria e o meu estado de sensibilidade extrema como algo natural em mim e aprendi, aos poucos, a viver com a minha aparente “loucura”.

O meu restaurante tornou-se tão bem-sucedido que, se eu quisesse continuar, ia precisar de instalações maiores. Quando chegou a esse ponto, decidi que já tinha tido o suficiente desse tipo específico de atividade. Nessa altura toda a gente andava metida em algum tipo de trabalho de guerra e eu sentia-me impelida a fazer algo desse género. Os meus novos planos, neste ponto, ficaram em suspenso por causa de um ataque forte de febre reumática que o médico atribuiu a excesso de trabalho. Quando recuperei, arrendei umas instalações grandes no centro de Londres, onde montei um lar de repouso para oficiais feridos. Combinava o ambiente de casa e de clube; o meu

hostel foi iniciado com o produto do meu restaurante e algum capital emprestado. Muita gente tentou dissuadir-me de o lançar, dizendo que não havia nem espaço nem necessidade de um lugar assim; essa oposição só me deixou mais determinada a fazer do hostel um sucesso.

Para mim, traçar um plano é estar já a meio caminho de o concluir. O meu amor crescente pelo esforço organizado e o meu então sentido prático e comercial ajudaram-me a levar os meus planos avante com sucesso. Ao gerir o meu espaço de forma profissional, choquei muita gente que, naquela altura, estava varrida pela sentimentalidade da histeria da guerra. Eu não tinha tais emoções em relação à guerra; odiava-a e a todas as suas consequências. Em criança, quando o meu tio lia em voz alta as notícias da Guerra dos Bóeres e às vezes me contava histórias dos horrores dos massacres na Índia, eu nunca conseguia entender a tolice inútil e a crueldade desnecessária do homem; porque é que o homem há de querer matar o homem. Ao lidar com os resultados da guerra, encontrei um meio-termo para mim, ao criar este lar de repouso para oficiais, onde eu podia fazer alguma coisa para ajudar indivíduos destruídos a recuperarem a saúde e a força para voltarem a pegar na vida.

Começando com uma casa, o meu hostel cresceu até eu conseguir acomodar até cinquenta oficiais de cada vez; isto deixou-me muito feliz porque tinha crescido de forma tão espontânea. Embora a supervisão pessoal do espaço me ocupasse imenso tempo e energia, ainda assim não absorvia todas as minhas forças, e, nos meus momentos a sós, eu dava por mim a ver e a sentir que agora se abriam para outros tipos de perceções. Comecei a ver fragmentos de incidentes e episódios ligados a pessoas que eu conhecia, a passarem à minha frente como imagens desfocadas num ecrã escuro.

Esta intrusão nova e não procurada de visão perturbava-me bastante; sobretudo quando comecei a ver acontecimentos a terem lugar na vida dos meus amigos, antes de lhes terem de facto acontecido. Via imagens de pessoas e acontecimentos de que eu nada sabia; talvez uns dias ou até meses mais tarde, eu vinha a conhecer alguns desses mesmos homens ou mulheres que já tinha visto assim. Às vezes, uma imagem de um incêndio ou de uma explosão surgia-me de repente e, no dia seguinte, eu podia ler no jornal uma descrição precisamente desse acontecimento que eu tinha testemunhado numa visão.

A abertura destas novas sensibilidades abalou o meu organismo nervoso e físico; ondas de náusea muitas vezes acompanhavam tais visões e às vezes deixavam-me exausta e doente, como se eu tivesse gasto a minha força a viver a experiência que acabara de ver. Comecei também a reparar que, quando tais sensibilidades estavam ativas, sentia uma atração intensa sobre os centros sexuais; isto aumentou a minha ansiedade e perplexidade quanto ao significado e propósito destas novas extensões de sensibilidade. Como resultado desta percepção crescente, que naquele momento me parecia tão inútil e sem sentido e completamente extenuante para a minha saúde, senti-me mais só e desorientada do que nunca.

Pelas experiências desagradáveis anteriores com médicos, eu sabia que o conselho deles seria inútil; por isso, a tentar restabelecer um equilíbrio rumo à “normalidade”, atirei-me a um turbilhão de festas sociais e a uma roda-viva de diversão para tentar calar a invasão destas percepções indesejadas. Passados uns meses deste tipo de vida, cheguei à conclusão de que me drenava menos a força viver com as minhas próprias percepções do que com as pessoas; por isso, fui aceitando aos poucos estas percepções como uma parte inevitável de mim e deixei de tentar fugir-lhes.

Entre os oficiais do hostel havia um por quem sentia uma atração particular e com quem passei bastante tempo. Era sensível, tinha gostos artísticos e era lindo de se ver. Ainda não tinha ido à frente, mas apanhara uma febre que o tinha incapacitado e impedido de ir. Eu reparava, quando os homens falavam das experiências de guerra, que ele estremecia e dizia: “Gostava que vocês não fossem tão sanguinários.” Tive pena dele e, quando ele me confessou um dia que temia ir para a guerra, enchi-me de pena por ele.

Ele tinha receio de que eu contasse aos outros como se sentia; ele tinha-se alistado, como tantos outros, porque não havia outra coisa que pudesse fazer. À medida que os dias passavam, ele voltava-se cada vez mais para mim em busca de companhia e simpatia; dizia que eu lhe dava força e coragem para enfrentar o dia em que fosse chamado a ir para a frente. Eu gostava dele e respondia a todas as suas carências de maternalidade.

Um dia ele chegou a casa muito transtornado e disse-me que o regimento dele sairia dali a uma semana para a frente. “Eu não consigo”, disse ele, “encarar ir-me embora de ti, nem o horror da

guerra, a não ser que te cases comigo.” Eu gostava dele, mas não estava apaixonada; tinha uma sensação tão nítida de que, se ele fosse, nunca voltaria; pareceu-me, por isso, uma coisa tão pequena casar com ele e dar-lhe esta breve felicidade. Foi o que fiz, e dei-lhe todo o sustento que pude, construindo uma fantasia da vida alegre e feliz que seria nossa quando ele voltasse da guerra. Quando o fui despedir, ele tinha mais coragem perante o que o esperava, mas eu sabia que ele nunca voltaria. Quando ele partiu, atirei-me outra vez ao turbilhão social à minha volta.

Cerca de um mês depois, chegou um dia em que eu soube que o meu marido estava a passar por horas de sofrimento e medo terríveis. Para aliviar a tensão do que eu estava a sentir por ele, juntei uns amigos para sairmos para jantar e dançar. Às onze e meia, quando saí da sala cheia, começou a abrir-se a visão do meu marido a morrer; por um momento pareceu que eu tinha perdido a minha própria identidade e fiquei apanhada no meio de uma explosão horrível. Vi aquele homem doce, de cabelo dourado, a ser despedaçado — vi os pedaços a cair; nadei num mar de som. Quando voltei a mim, estava sentada no foyer do restaurante, sozinha. Eu sabia que o meu marido tinha sido morto. Recuperei a força suficiente para voltar para o meu grupo; tive medo de lhes contar o que acabara de passar.

Dois dias depois, o meu marido foi dado como desaparecido. Uma semana depois, chegou a confirmação oficial do Ministério da Guerra de que constava como morto. Nunca mais ninguém soube dele. Os camaradas oficiais dele escreveram-me a dizer que ele tinha saído numa expedição de corte de arame e nunca regressou. Anos mais tarde, depois de a guerra ter acabado, vi o nome dele entre os desaparecidos na Porta de Menin, em Ypres. Eu era a única que sabia a maneira como ele tinha ido.

Nos poucos dias que se seguiram a esta experiência de visão eu estive doente de choque. Fiquei dilacerada pela incerteza sobre se tinha sido vítima de alucinação ou destinatária de uma experiência verdadeira a acontecer à distância. Esta segunda explicação parecia-me a mais difícil de aceitar, porque eu, até ali, nunca tinha ouvido falar de previsão. O meu fundo irlandês fez-me pensar se isto não seria aquilo a que o povo chamava segunda vista. Não me atrevi a mencionar a visão a ninguém e esperei ansiosamente pelos dias seguintes.

Quando chegou a notícia de que ele estava entre os desaparecidos, deixei de poder duvidar da veracidade do que eu tinha visto. O medo apoderou-se de mim quando percebi que havia em mim qualquer coisa de invulgar que tornava possível os acontecimentos registarem-se vividamente em alguma parte do meu ser, quisesse eu ou não. Além disso, comecei a perceber que o acontecimento podia estar a dar-se perto de mim ou ao longe, podia estar a ocorrer no presente, ou ter ocorrido no passado, ou até poder estar prestes a acontecer no futuro.

A tensão insuportável de ser a destinatária involuntária de tais acontecimentos, a ocorrerem dentro ou fora do nosso padrão habitual de tempo do relógio, desfez, por um tempo, a minha maneira do dia a dia de encarar a vida. Nesse estado comecei a pensar como poderia impedir que esta invasão de ocorrências externas me rasgasse o sistema nervoso. À noite, na cama, comecei a fazer o que sempre fizera em tempos de stress e emergência — apelava ao Sopro do Universo para me ajudar a construir alguma força que me ajudasse a bloquear o impacto destas experiências indesejadas; depois, deitada, costumava, com bastante firmeza, dirigir-me às câmaras da minha mente, tal como eu aprendera a conhecê-las, pedindo a cada uma, por sua vez, que travasse a invasão das impressões externas dos meus dois eus.

Tinha já chegado ao ponto de me aceitar como tendo dois eus separados com que lidar. Neste dilema, tropecei na técnica daquilo que, mais tarde, vim a saber chamar-se autossugestão. Aos poucos reparei que, à medida que continuava este método de apelar aos meus dois eus, a invasão das coisas externas diminuía. Se, no entanto, eu relaxava o uso constante deste processo, as impressões vindas de fora voltavam a precipitar-se para dentro. Isto levou-me a continuar, todas as noites, aquele método de me proteger delas. Tornou-se, daí em diante, um exercício noturno regular, tão inevitável como escovar os dentes antes de me deitar.

Depois de ter visto que isto resultava tão bem, comecei a experimentar usá-lo para vários outros fins; experimentei para me proteger da dor e da doença, e para levar a cabo ajustamentos difíceis em relações humanas que, de outra forma, eu não teria conseguido realizar. Só anos mais tarde é que descobri que, para satisfazer as minhas próprias necessidades, eu tinha desenvolvido uma técnica completa de sugestão. Afastei de tal maneira toda a minha

participação em visões externas que depressa comecei a perguntar-me se teria perdido o poder de as perceber; mas sempre que eu parava de dar ordens às minhas duas mentes e me permitia cair de novo num estado passivo e descontraído, as impressões exteriores voltavam a registar-se em mim.

Depois da morte do meu segundo marido, toda a gente foi muito amável e solidária, mas os meus amigos pareciam intrigados por eu conseguir retomar a roda do quotidiano com tamanha facilidade aparente. Eu não conseguia explicar a ninguém o que se passava realmente dentro de mim; afinal, nem palavras tinha para descrever estas experiências, nem para mim própria, e tinha-me resignado a carregá-las sozinha. Demasiadas vezes a palavra “loucura” me tinha sido colada no passado, quando procurei ajuda de fora para lidar com estes acontecimentos inesperados.

Agora, a minha capacidade crescente de controlar as minhas duas mentes tornava possível levar a minha vida de trabalho e pessoal com aquilo que, aos olhos dos meus amigos, parecia um ar de segurança e confiança. Já não deixava que ninguém soubesse ou partilhasse comigo as dificuldades ou complexidades do meu ser, nascidas deste jogo entre as minhas duas mentes. Como resultado desta proteção consciente da atividade da minha segunda mente, acusaram-me de ser fria e indiferente. Ninguém adivinhava que luta e conflito produziam esta carapaça exterior, para minha defesa e proteção.

Comecei a perguntar a mim mesma, muito a sério, o que era este duplo eu que me separava das outras pessoas. Agora que tinha recebido verificação e prova de que as minhas visões estavam ligadas a acontecimentos reais, já não podia aceitar a implicação de loucura que anteriormente tinha sido aplicada, primeiro pela minha tia e depois pelo meu marido, às minhas visões e percepções. Eu sabia que a minha mente era normal para mim.

Comecei, vagamente, a aperceber-me de que o funcionamento destas percepções tinha um significado para lá do que eu, ainda, conseguia compreender. O meu problema agora era entender mais claramente a inter-relação e o funcionamento destas duas mentes, de modo a que, em vez de ser usada contra a minha vontade por qualquer delas, eu aprendesse a usá-las conscientemente.

Durante o ano seguinte, o processo de lidar comigo própria tornou-se mais fácil. Tive um aumento de visões que agora conseguia

controlar, deixando que acontecessem quando eu estava pronta e também conseguindo fechá-las à vontade. Este novo domínio das duas mentes diminuiu o meu cansaço e nervosismo e trouxe de volta as minhas antigas visões de luz e cor, que pareciam ter sido fechadas quando se abriram aqueles acontecimentos visuais mais elaborados. Esses acontecimentos que agora presenciava abrangiam, à medida que se desenvolviam, uma variedade e amplitude de temas mais vasta do que nunca. Raramente estavam ligados à minha vida pessoal, sendo muitas vezes episódios relacionados com acontecimentos passados ou futuros na vida de pessoas que eu conhecia. Muitas vezes ouvia bocados de conversas que, no momento em que as registava, não tinham significado para mim; mas talvez uns dias depois, para meu espanto, dava por mim numa sala com várias pessoas e voltava a ouvir essa conversa, tal e qual, que me tinha chegado ao ouvido “de algum lado” vários dias antes de realmente acontecer.

Por vezes ouvia mencionar nomes de pessoas e lugares que, na altura, soavam estranhos, eram desconhecidos; meses depois, esses mesmos nomes voltavam a surgir, através de algum encontro inesperado com pessoas novas, que acabavam por ter alguma associação concreta com esses nomes e lugares que tinham sido impingidos à minha consciência.

Durante este período, ocorreu-me outro tipo de experiência. Com poucos dias de diferença, dois amigos próximos escreveram-me; um vivia a trezentas milhas de distância, o outro a trinta e duas quilhas (c. 32 km) de mim na altura. Ambos perguntavam se estava tudo bem comigo, porque tinham ficado bastante perturbados por se terem dado conta, de forma muito nítida, da minha presença nas casas deles. Sabiam que isto tinha de ser fisicamente impossível, mas os dois estavam inquietos sobre o que é que uma impressão tão vívida de mim, nos próprios ambientes deles, poderia significar.

Nessa altura eu não tinha nada a sugerir sobre o que poderiam ter sentido; mas muitos anos mais tarde percebi que provavelmente tinha estado a pensar em ambos estando eu num estado passivo e que um aspeto da minha mente, por isso, se tinha deslocado e chegado até eles. Deve ter sido isto que aconteceu, porque mais tarde, quando aprendi a usar a mecânica da percepção clarividente e da comunicação telepática, passei a projetar conscientemente essa segunda mente para o lugar ou pessoa que queria atingir.

Na altura destas visões de acontecimentos, tomei consciência de uma pressão crescente no topo do nariz e entre os olhos e, ao mesmo tempo, essa pressão levava à sensação de um canal a abrir-se suavemente do centro entre os olhos até ao cerebelo. Este processo não era doloroso nem difícil, mas, se se prolongava, eu ficava cansada e tinha de o fechar, mexendo-me. À medida que as visões aumentavam, localizei um ponto entre os olhos, na testa, onde as imagens começavam a registar-se. Esses acontecimentos, começando nesse ponto, pareciam avançar para fora, através de mim e para além de mim, focando-se num ponto muito distante de mim, de tal maneira que eu quase tinha de “forçar” a visão para ver os pormenores. Por falta de melhor descrição, costumava pensar no processo, para comigo, como uma espécie de lanterna mágica mental, cuja lente para refletir imagens ficava na minha testa, por cima dos olhos.

Enquanto lutava para encontrar palavras que me explicassem a mim própria o significado do que estava a passar, comecei a sentir que a Mente era um fenómeno maior do que alguém, até então, parecia ter percebido. Enquanto uma finíssima fitinha dela guiava a mecânica do pensamento consciente, deviam existir vastos reinos de fontes por explorar e insondáveis, que tocavam e ligavam todos os aspetos da vida uns aos outros. Comecei então a pressentir a vastidão do Esquema Universal em que cada indivíduo desempenha uma parte tão diminuta.

Comecei a saber que o ser humano não era nem de perto tão importante, na evolução do Universo, quanto gosta de acreditar. Era apenas um canal através do qual a Força ou Inteligência do Mundo trabalhava rumo à sua própria Evolução. O homem era apenas um incidente no esquema maior das coisas. Elaborei, para mim, um método através do qual conseguia conceber a Evolução do Universo. Pareceu-me provável que os indivíduos não tivessem mentes abrangentes “próprias”, mas cérebros que eram mecanismos delicados, que simplesmente lhes permitiam participar, segundo o grau da sua capacidade, nessa evolução.

Capítulo XXV
COMO ACONTECE QUE VOLTO A CASAR
EXPLORO OS MOVIMENTOS OPERÁRIOS INGLÊS E
IRLANDÊS

Por fim, um dos ataques de doença séria tornou-me impossível continuar com o meu hostel para oficiais. Tinha trabalhado dois anos sem descanso e a minha saúde cedeu. Fiz um “quinsy” na garganta, com escarlatina e depois febre reumática em rápida sucessão. Como não tinha sócio no negócio, decidi desistir e tirar tempo para descansar e recuperar. Passados uns meses voltei a Londres capaz de enfrentar as coisas outra vez, mas sem a minha energia exuberante de antes. Não tinha então trabalho ativo em mãos; tais momentos são sempre perigosos para mim; deixam-me aberta e suscetível de ser puxada para as necessidades dos que me rodeiam. Desta vez soube que um dos meus velhos amigos estava ferido num hospital, não muito longe da cidade. Disseram-me que ele estava num estado muito mau e que uma visita minha havia de o animar. Fui vê-lo e encontrei-o profundamente abatido; a noiva tinha-lhe quebrado o noivado e ele acabara de ouvir dos médicos que era necessária a amputação de uma perna.

Fui vê-lo várias vezes, fazendo tudo o que pude para o animar; eu sabia não só que me seria possível ajudá-lo a recuperar, como que a amputação da perna era desnecessária. Ele passou a depender da minha presença e ajuda e começou a sentir que precisava de mim. Depressa me pediu em casamento. Eu gostava dele, mas nunca pensei por um momento que estivesse apaixonada. Tinha-me habituado, como tantos naquela altura, a sentir que os longos anos de guerra tornavam tudo o que se fazia numa medida apenas temporária. Não entrei neste casamento com a ideia de que fosse permanente.

Um mês depois foi declarado o Armistício. O meu marido esperava que eu assentasse a uma vida calma e bem organizada com ele. Ficou muito surpreendido quando recusei aceitar como definitiva

a forma confortável de viver que ele me podia oferecer, porque eu tinha outra vez um forte impulso de voltar aos negócios.

Eu sabia que, quando os soldados regressassem, haveria muitas mudanças sociais prementes a tratar e que o Partido Trabalhista havia certamente de ganhar destaque nesse contexto. Já há algum tempo eu era membro da Sociedade Fabiana e as minhas simpatias há muito estavam com a causa do Trabalho. Queria ter um contacto ativo com os trabalhadores e os seus líderes; por isso, assumi a direção de um hostel Trabalhista que já tinha sido iniciado. Ali senti que podia observar e conhecer todos os tipos que compunham o movimento Trabalhista.

Através disso achei que podia obter compreensão dos fundamentos do trabalho organizado e também ganhar a vida a trabalhar com um grupo de pessoas ativo e interessante. Vi um grande número de homens bons e inteligentes dedicarem todos os momentos das suas vidas à causa do trabalhador, mas, quando eleitos para o Parlamento, realizada a ambição, perdiam toda a eloquência e fogo. Notei, com o coração a afundar, como a responsabilidade e o novo ambiente transformavam líderes Trabalhistas independentes e corajosos em políticos cautelosos e conservadores. Desiludida com esta experiência, lembrei-me do fogo e do entusiasmo dos Líderes Políticos Irlandeses da minha infância e perguntei-me se a falta de fogo no movimento Trabalhista inglês não o fazia parecer-me irreal.

Assim, fui outra vez à Irlanda, apenas para descobrir que havia pouco da antiga imaginação então a operar nos seus líderes. Era um tempo em que estavam amargos, taciturnos e ressentidos para com a Inglaterra. Não havia então líderes da têmpera de Redmond, O'Brien ou Dillon que os arrancassem ao abatimento. Como boa irlandesa, eu podia chorar lágrimas pelo sofrimento da Irlanda, mas não estava de facto em simpatia com a política nacionalista desse período. Sentia, no entanto, que o verdadeiro espírito da Irlanda que eu conhecera em miúda ainda era mantido vivo pelos grupos literários e artísticos, nascidos e estimulados pela fé vívida e viva dos queridos AE, Yeats e Lady Gregory.

Voltei a Londres, sabendo que nunca seria uma boa política. Mal me aproximava dos líderes famosos e importantes em qualquer área, tomava consciência das limitações humanas deles e ficava desiludida

com a importância excessiva que o homem se atribui a si próprio, e a pouca importância que dá aos ideais do movimento de que faz parte.

Convenci-me de que eu havia sempre de pôr os meus valores na ordem inversa. Nunca perdi a noção de que o ideal de qualquer movimento tem de continuar a ser muito maior do que os indivíduos que o sustentam ou apoiam. Acredito que, no íntimo de cada homem, está esta crença em algum ideal, mas as condições da vida de todos os dias muitas vezes enevoam essa visão. Os homens acham demasiado difícil lembrá-lo e sacrificar-se por ele; no entanto, há os poucos que se lembram e mantêm a fé.

Parte Quatro

A DESCOBERTA DE MIM PRÓPRIA — O DESENVOLVIMENTO DOS MEUS PODERES PSÍQUICOS E O CRESCIMENTO DA MINHA MEDIUNIDADE

Capítulo XXVI

EDWARD CARPENTER E O SEU EFEITO NA MINHA VIDA

Durante o tempo em que estive neste hostel Trabalhista do pós-Armistício continuei a ter as minhas experiências de ver e sentir. Mas tive a sorte, agora, de ter encontrado uma pessoa com quem podia falar destas coisas. Era Edward Carpenter, que então era um homem de quase setenta anos. Eu já estava profundamente tocada, antes de o conhecer, ao ler os seus escritos sociais e políticos. Tornámo-nos primeiro amigos com base nas simpatias mútuas pelo Trabalho, e o amor espiritual profundo dele pelo seu jardim e por todas as coisas que crescem atraiu-me para ele; nos primeiros tempos do nosso convívio, falou do amor pelas árvores e de como era cuidadoso em nunca ofender o espírito do crescimento na natureza. Soube então que ele também tinha o poder de compreender e fundir-se com a força das coisas vivas.

Isto tornou fácil para mim falar com ele do que eu sentia e via; ele não interpretou mal, mas mostrou-se tremendamente interessado e explicou-me que eu tinha nascido para aquilo a que ele chamava um estado de Consciência Cósmica, e que muitas pessoas procuravam em vão alcançar tal condição e falhavam. Contou-me vidas de pessoas conhecidas pessoalmente por ele que tinham alcançado esse estado de “vida milagrosa”, como ele lhe chamava. Levou-me de volta, passo a

passo, através das minhas experiências da primeira infância, e fez-me descrevê-las pela ordem em que se abriram e me chegaram.

Explicou, com muita delicadeza, que essas não eram as memórias e experiências infantis comuns. O meu próprio modo de as descrever fê-lo dizer que essas experiências não eram imaginações subjetivas, mas impressões externas e objetivas que me vinham de fora. Prosseguiu a mostrar-me a forma surpreendentemente lógica como as minhas percepções se tinham aberto e lamentou muito eu não ter sido criada por alguém que percebesse que as minhas visões eram realizações Cósmicas e que, portanto, me pudesse ter encorajado a segui-las em vez de as suprimir.

Disse que a minha incapacidade de ouvir música corretamente, ou até de tocar num instrumento, se devia à incompreensão, mau uso e repressão da minha audição Cósmica, quando ela começou a abrir-se. Foi a única pessoa que entendeu o que eu queria dizer quando lhe disse que o espectro não bastava para exprimir a amplitude das cores que eu via; assegurou-me que eu tinha um conhecimento de cor tão sólido que podia tê-lo expressado em pintura e design invulgares. Com estes poderes de percepção instou comigo para pegar numa das artes; sentia que, numa qualquer forma de autoexpressão artística, eu encontraria um canal adequado para aplicar a minha visão e compreensão.

Também para eu compreender melhor a minha própria natureza e para que pudesse seguir os passos pelos quais a natureza inferior do homem se espiritualiza, ele aconselhou-me a ler certos livros sobre a psicologia e a fisiologia do sexo. Só depois de os ler é que percebi quão profundo era o objetivo dele. Depois explicou que queria que eu me tornasse consciente de que todos os que possuíam estas sensibilidades especiais, misturavam na sua natureza qualidades tanto do masculino como do feminino; assim, levou-me a entender que as variações de tipos sexuais, como o bissexual e o homossexual, não deviam ser desprezadas. Interpretava-as como etapas da natureza rumo a uma forma última e mais elevada da humanidade. Achei-o de uma natureza profundamente religiosa e via a Arte e a Beleza como a expressão suprema de Deus.

Ele apresentou-me aos movimentos espirituais e religiosos do momento e destacou aqueles líderes que pareciam ser os recipientes da Lei Cósmica. Foi por ele que ouvi falar de muitos movimentos

religiosos antes desconhecidos para mim e, entre eles, estava a Sociedade Teosófica. Contou-me a cisão do então ativo grupo de Steiner; disse-me que Madame Blavatsky e Rudolph Steiner tinham ambos, originalmente, começado o seu trabalho com base em verdades espirituais bem conhecidas.

Com um brilho maroto nos olhos, anunciou que, quando a religião em tais movimentos perdia a sua verdade e simplicidade, era feita para parecer complexa a fim de atrair a pseudo-elite; com um certo gozo travesso, acrescentou: “Os Teosofistas tentaram apanhar-me, mas eu tenho o meu próprio Deus. E tu também.” Aconselhou-me a ler as publicações deles, mas a não me deixar puxar para a organização de ninguém; sublinhou a necessidade de não encher o meu pensamento com experiências de segunda mão, os relatos de outros, mas de continuar fiel a mim própria. Fui a reuniões teosóficas e li a literatura dessa sociedade; saí convencida de que, por muito satisfatória que pudesse ser para algumas pessoas, para mim não tinha vida nem sentido; pareceu-me um esforço laborioso para sobrepor uma capa a formas religiosas tradicionais; se alguém procurasse forma e ritual, eu sentia que ainda restavam a beleza e o misticismo da Igreja Católica Romana. Mas eu já não andava à procura de qualquer tipo de ritual para mim, por isso afastei-me de todos esses movimentos.

Contei ao Edward Carpenter as minhas reações negativas aos ensinamentos filosóficos e a todos os outros de que ele me tinha falado. Ele riu-se e pareceu satisfeito, dizendo: “O teu próprio juízo há de cuidar de ti. Agora que estás a crescer e a começar a pensar por ti, posso apresentar-te a verdadeira fonte de onde esses movimentos tiram a sua chamada ‘inspiração’. Primeiro, queria que lessees Emerson, e que o conhecesses bem. Depois, digere as ‘Leaves of Grass’, escritas por um amigo muito querido meu, de nome Walt Whitman.

O ‘Golden Bough’, do Fraser, há de servir-te mais tarde e, um dia, vem a conhecer Spinoza e, quando o conheceres, desconsidera os profetas menores. Quando tiveres absorvido estes grandes, tira tempo para ler as Escrituras Orientais, especialmente as Upanishads e o Mahabharata, e depois volta de novo à tua Bíblia e lê-a de fresco, com novo entendimento. Depois de leres e digerires todos estes escritos, começarás a entender a tolice da tentativa do homem moderno de criar uma nova religião.”

Falou-me da descoberta que fez de Walt Whitman e de como ficou entusiasmado quando se deparou pela primeira vez com a sua escrita. Tinha um amor profundo, quase de adoração, pela visão de Whitman; não obstante, via as limitações do homem e da sua poesia. Contou-me muito da vida de Whitman, da simplicidade do homem e da sua decência interior; lamentava que, até então, o mundo o apreciasse tão pouco e que, em consequência disso, Whitman, na sua solidão, se tivesse tornado arrogante e autoafirmativo em sua defesa. Dizia sempre a rir: “O Whitman ainda não é respeitável, mas há de ser um dia.”

Nos dois anos da minha amizade próxima com Edward Carpenter, posso dizer que tive a experiência espiritual mais profunda da minha vida; uma que me deu uma sensação de renascimento e de libertação. Ele libertou-me dos fardos da minha vida passada; já não carregava um sentido constante de pecado e um desespero secreto sobre a minha infância ou os meus pais, ou o fracasso do meu primeiro casamento. Fez-me realmente entender que o meu sentir e ver não eram produtos de uma mente desequilibrada, mas poderes positivos de saber e compreender, para lá do alcance da compreensão comum. Pela primeira vez na vida, percebi que as minhas percepções deste mundo de luz, cor e movimento não eram alucinações de uma mente desordenada, mas o ver e o sentir verdadeiros daquilo a que Carpenter chamava Consciência Cósmica. Tudo o que eu diga de Edward Carpenter parece insuficiente para exprimir a minha dívida profunda para com um dos maiores espíritos do mundo moderno.

Capítulo XXVII

COMO A MINHA FILHA RECUPERA DE UMA DOENÇA GRAVE

A minha filha ficou de cama com uma série de doenças que se seguiram em rápida sucessão. Começando pelo sarampo, depois apanhou tosse convulsa e mais tarde pneumonia. Embora nunca tivesse sido uma criança particularmente enérgica, esta foi a sua primeira doença séria. Sofreu muito e eu estava extremamente preocupada com o estado dela. Um dia ouvi o médico a dizer ao meu marido e à enfermeira que nada mais podia fazer pela menina e que a crise provavelmente ocorreria por volta das duas da manhã; mas, fosse

a que horas fosse, devia ser chamado, pois eu provavelmente colapsaria se a criança não aguentasse.

Ardi de ressentimento contra ele e a casa toda e decidi que não desistiria da luta pela oportunidade da minha filha viver. Mande a enfermeira embora e decidi, dentro de mim, que a criança tinha de melhorar. Então veio uma das circunstâncias mais estranhas e mais inexplicáveis de toda a minha vida. Tinha tirado a pequenita da cama; ela arfava por ar; eu estava impotente, mas não conseguia suportar ficar sentada na agonia a vê-la a lutar, sozinha, por respirar. Em desespero, apertei-a contra mim, como que para lhe dar da minha própria força; parecia não haver mais nada que eu pudesse fazer.

De repente ouvi uma voz a dizer-me: “Tem cuidado! Ela precisa de mais ar. Abre as janelas e deixa entrar uma nova corrente de ar no quarto.” Não me atrevi a olhar nem a questionar de onde vinha aquela ordem; limitei-me a abrir as janelas. Lembro-me de ver as cortinas a esvoaçar e de me perguntar se não haveria brisa a mais. Um momento depois vi o contorno de uma figura encostada à cama, um homem baixo, ágil; o rosto virado para longe de mim. Estava petrificada de medo para o fitar com muita atenção. Embora os meus membros tremessem, sabia que tinha de me aproximar da cama e voltar a deitar a criança. Ao pousá-la, dei-me conta desse homem, de roupa cinzenta, de pé ao meu lado, com um sorriso simpático e bondoso. A presença dele tranquilizou-me; o medo deixou-me e soube que ele tinha vindo ajudar-me a salvar a criança. Devia estar sentada ao lado da cama quando ele saiu, mas não o vi ir. Não me lembro de quanto tempo fiquei naquela posição. A coisa seguinte de que me recordo foi um barulho retumbante nos ouvidos, que se revelou ser alguém a bater à porta.

Fui à porta e destranquei-a, para encontrar a casa toda, preocupada, ali, receando que a menina tivesse morrido. Voltei para a minha filha, que agora dormia tranquilamente na cama, e soube, com certeza, que ela havia de recuperar. No dia seguinte, desabei com a tensão daqueles últimos dias e voltei a estar doente durante muitos meses. Nessa altura desenvolveu-se a temível asma, de que tenho sofrido desde então. Entretanto, a minha filha ficou boa e agora é uma rapariga saudável de vinte e dois anos. A memória do estranho misterioso que salvou a vida da minha filha mantém-se até hoje vívida, mas inexplicada.

Após o milagre da cura da minha filha pelo visitante misterioso, comecei a recordar as outras duas visões objetivas da minha infância. Lembrei-me da visão do meu tio a vir ter comigo, depois da morte, e da promessa que me fez de que, dentro de dois anos, eu deixaria a Irlanda para ir para Londres. Esta profecia cumpriu-se, embora eu tivesse quase esquecido toda a experiência até aquele momento. Depois lembrei-me da minha primeira visão; a da minha tia Leon a segurar o seu bebé minúsculo; esta experiência acontecera antes de ela de facto morrer. Agora percebia, com espanto, que, sem ter ouvido em casa que ela ia ter uma criança, eu entendia, na visão, que a criança era a causa da morte dela. A minha terceira visão, e a mais recente, foi a do estranho que realmente salvou a vida da minha filha.

Já não me podia dizer a mim própria que estas visões não eram verdade. As três tinham sido seguidas por provas objetivas que demonstravam que estavam certas. O Edward Carpenter tinha-se mostrado relutante em dar-me uma pista para estas visões, embora eu sentisse que ele compreendia a natureza delas. Chegara agora o momento em que me sentia impelida a encontrar alguma explicação para estes fenómenos.

Capítulo XXVIII

AS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

NO ESPIRITUALISMO E O INÍCIO DO TRANSE

Nessa altura, entre as muitas pessoas que ficaram no meu hostel, havia um homem que deitou alguma luz sobre a natureza das minhas visões. Quando falei com ele pela primeira vez, devo admitir que avaliei mal a verdadeira compreensão dele deste assunto. Um dia parou para falar comigo e surpreendeu-me ao dizer que reconhecia os meus “poderes mediúnicos latentes”, e passou a explicar que ele próprio era clarividente e que conseguia ver que eu tinha poderes extraordinários a cobrir toda a gama dos fenómenos mediúnicos; e que isso incluía cura, psicometria, clarividência e clariaudiência.

Fiquei naturalmente entusiasmada com tal afirmação e pedi-lhe que me explicasse o significado de algumas dessas palavras que eu estava a ouvir da boca dele pela primeira vez na vida. Ele então deu-me uma explicação simples do que o espírita acredita acerca da

capacidade dos indivíduos comunicarem, depois da morte, com os vivos. Para ilustrar o que queria dizer, contou-me que era capaz de falar com a filha morta; eu fiquei cética e pedi-lhe que me mostrasse como fazia.

Depois ouvi-o dirigir-se à filha como se ela estivesse na sala; olhei em volta para a descobrir, mas não a consegui ver. Olhei então para ele com pena e simpatia, bastante certa de que o pobre homem estava mesmo desequilibrado e simplesmente a imaginar que a filha estava ali. Naquele momento eu estava completamente inconsciente de que o estava a tratar exatamente da mesma maneira que outros me tinham tratado a mim, no passado, quando eu falava das minhas próprias visões.

Eu podia ter deitado o episódio inteiro para canto como inútil e sem importância, se ele não me tivesse posto o relógio na mão naquele momento e dito: “Diz-me o que sentes acerca disto.” Peguei nele e, para não o desapontar, comecei a dar-lhe o que me parecia vir até mim como incidentes da vida do filho dele. Ele disse que o que lhe contei sobre esse filho, que eu nunca tinha conhecido, era verdade, e que isso era prova de que eu tinha o poder de psicometrizar. Fiquei sobressaltada, mas interessada em todo o procedimento, e interroguei-o de perto sobre a natureza e o uso deste poder psicométrico e de outros.

Quando ele desenvolveu a sua crença na relação dos mortos com os vivos, com muita emoção, fiquei incomodada com a fé implícita dele. Falava da filha como se todos os pensamentos, objetivos e gostos que a tinham movido quando vivia ainda fossem o alicerce da nova existência dela noutro sítio qualquer.

Embora eu soubesse alguma coisa do estado de mudança que é a morte, chocou-me que a morte fosse interpretada como uma mudança de lugar, mas não de consciência, para ideias pessoais e triviais. Pelo pouco que eu ainda tinha conseguido observar pessoalmente da mudança que acontecia aos organismos vivos no momento da morte, eu tinha a certeza de que ocorria alguma transformação definida, que levava a um estado novo e vital de ser; o que é que exatamente seria essa condição, eu não sabia dizer.

Mas depois de ter visto este movimento intenso e dinâmico de separação a acontecer tantas vezes na vida orgânica e humana no momento da morte, eu sabia que quaisquer reações que pudessem

ocorrer no estado para lá da morte não podiam ser as mesmas que aconteciam no plano dos vivos, neste mundo. E, no entanto, alguma explicação deste género, como a que este homem me deu do estado mudado da filha, parecia a única possível que pudesse dar algum sentido à minha própria visão dos mortos. Eu não estava, por isso, indisposta a investigar o problema mais a fundo, e ele sugeriu que eu fosse com ele à sede de uma das sociedades espíritas de Londres.

Levou-me primeiro a uma reunião em que uma clarividente estava a dar mensagens à assistência de parentes e amigos mortos. Levei aquilo muito a sério e entrei a tremer de antecipação; recordando as experiências das minhas próprias visões dos mortos, esperava uma revelação profunda e aterradora. A sala estava muito quieta, o público aguardava, e então a clarividente começou: “Para a senhora no fundo da sala, com um grande chapéu preto, está aqui um homem idoso, com barba grisalha e olhos azuis. Poderá ser o seu pai?” “Sim”, disse uma voz na última fila.

“O nome dele poderia ser John? Vejo um grande ‘J’ — ou poderá ser James”, e a senhora da última fila respondeu prestável: “Tem razão. É James.” “Ele diz que está preocupada com condições que estão a mudar para melhor no fim do mês. Reconhece isso?” A senhora responde: “Sim. Encaixa exatamente.” Enquanto esta conversa acontecia, eu procurava a aparição do pai, mas não conseguia ver sinal nenhum dele.

A clarividente pediu depois por “Alice” na assistência; duas ou três mulheres responderam a esse nome; ela fixou-se numa rapariga agitada na primeira fila como a apropriada e disse: “A tua mãe está a chamar por ti. Está aqui.” A rapariga, sem fôlego, pediu notícias. “A tua mãe diz que está feliz e que nem por mundos voltaria”, oferece a clarividente, “mas, Alice, tens de continuar e tomar conta do pai e da casa.” A Alice aceitou isto com gratidão, mas eu tive tanta pena dela e pensei em como a mensagem era banal e magra. E assim foi durante uma hora; comunicações da nova morada dos mortos e conselhos sobre a existência rotineira dos vivos jorravam dos lábios da clarividente; mas eu não consegui ver um único fantasma na sala.

É justo dizer que as minhas poucas visões dos mortos, até então, me tinham acontecido por acaso e nunca, ainda, tinham sido produzidas por um conhecimento consciente de como ser clarividente; esse poder só se desenvolveu para mim anos mais tarde, depois de eu

já andar a usar mediunidade em transe há algum tempo; por isso, eu não estava em posição, ainda, de emitir juízos sobre a performance daquela clarividente.

Logo que a reunião acabou, uma empregada serviu chá ao público. Houve um zumbido de conversa e ouvi uma mulher de cabelos grisalhos dizer a outra que já não vinha mais porque nunca recebia uma mensagem, e a amiga respondeu: “Ah, mas a minha mensagem foi boa. Eu soube que o Eric estava ali, porque descreveu o relógio de algibeira com as iniciais dele que o pai lhe deu antes de ele ir para a guerra.” Ouvi a “Alice” elogiar a clarividente pela prova maravilhosa que lhe tinha dado. Não quis ouvir mais e persuadi o meu amigo a sair dali comigo. Cá fora, disse-lhe como tinha ficado chocada com aquela exibição. Seria possível, perguntei-me, que tudo o que eu tinha vindo a entender sobre a libertação e a limpeza que se seguem à morte pudesse ser reduzido a um nível de tal banalidade.

Apesar disso, voltei no dia seguinte e fiz-me sócia dessa sociedade. Havia duas coisas que eu não entendia e para as quais procurava alguma solução. Queria descobrir a maneira como a clarividente funcionava e queria perceber se ela também via as suas visões dos mortos, objetivamente, como eu via. Havia mais uma coisa que eu queria entender: a natureza da psicometria e por que razão, ou como, eu tinha sido capaz de psicometrizar o relógio do meu amigo. Passei então a ir a todos os tipos de reuniões que essa sociedade fazia; isso incluía palestras e demonstrações de clarividência e psicometria. Eu continuava perplexa porque não conseguia encontrar pista nenhuma para o modo como estas experiências ocorriam. As pessoas da sociedade eram extremamente amáveis; incentivavam-me a ler bastante e contavam-me as suas próprias aventuras psíquicas.

Aconselharam-me que, se quisesse mais esclarecimento sobre o assunto, me juntasse a um grupo para desenvolver o meu próprio poder psíquico. Quando perguntei à secretária alguma explicação sobre a forma como funcionava esse poder de psicometria, não consegui obter nenhuma resposta esclarecedora que me satisfizesse. Sugeri que, visto que eu obviamente tinha algum poder mediúnico, me apresentaria a outros membros da sociedade que estavam a formar o seu próprio círculo de desenvolvimento psíquico, e que isso podia ajudar-me a descobrir mais sobre os meus próprios poderes psíquicos.

Conheci o novo círculo, composto por meia dúzia de mulheres, que se juntavam uma vez por semana numa sala escura, na sede da sociedade. A reunião abria com o Pai-Nosso; depois pediram-me que pousasse as pontas dos dedos sobre a superfície de uma mesa, juntamente com as das outras mulheres. Todas as vezes em que estive presente afirmavam que a mesa se movia mais depressa e soletrava mais rapidamente, batendo mensagens “dos mortos” com o pé da mesa no chão.

Fiquei intrigada com estas experiências e experimentei-as em casa com o meu marido e os nossos amigos. Tivemos resultados excelentes e recebemos algumas comunicações inesperadas. Lembro-me de um episódio em que um primo do meu marido, que estava sentado connosco, pediu à alegada inteligência comunicante que o informasse do endereço exato do sítio onde nascera. Ele próprio não o sabia nessa altura e só mais tarde verificou a verdade do que lhe foi dito. Este tipo de verificação objetiva impressionou-me o suficiente para continuar as minhas investigações.

À terceira vez que me sentei no círculo com o grupo de mulheres, aconteceu algo inesperado. Comecei a ficar ensonada e, antes que desse por isso, estava a dormir profundamente. Quando dei por mim, estavam a acordar-me e a sacudir-me; as outras mulheres pareciam assustadas e transtornadas. Eu sentia-me algo enjoada e tonta, com um efeito de luzes a dançar diante dos olhos. Ouvi-as dizer que, enquanto dormia, eu tinha dado provas de estarem ali os mortos delas, entidades que tinham falado com todas. Fiquei verdadeiramente assustada com o que acontecera e corri para casa para contar ao meu marido; ele indignou-se e disse: “Isto é horrível. Não podes voltar mais a essa sociedade.” Naquele momento, senti alívio por a decisão dele pôr fim a estas experiências.

Quando a secretária da sociedade soube do que acontecera nessa última sessão do círculo de desenvolvimento, ficou preocupada e disse ao grupo que não podia continuar. Declarou que ninguém presente sabia o suficiente de desenvolvimento psíquico para lidar com o que me estava a acontecer. Aconselhou-me então a consultar um amigo dela, que tinha um conhecimento profundo de assuntos psíquicos. E foi assim que vim a conhecer um suíço, de nome Huhnli.

Capítulo XXIX

O MEU CONTROLO “UVANI” APARECE PELA PRIMEIRA VEZ

Fui, um dia, trémula, ver o Sr. Huhnli com hora marcada, aos seus modestos quartos em Lambeth; aliviei-me ao encontrá-lo uma pessoa simples e gentil. Perguntou-me o que me tinha acontecido e disse que recebera uma carta da secretária da sociedade espírita a contar-lhe algo do meu problema. Falei-lhe da minha experiência e ele ouviu com simpatia, sugerindo que me sentasse quieta numa cadeira e relaxasse. Assim fiz e senti-me a ficar sonolenta outra vez; disse-me para não me preocupar com isso e voltei a perder a consciência. Quando acordei, disse: “Quero falar-lhe do que aconteceu enquanto dormia. A senhora é, potencialmente, uma médium de transe de grande poder.”

Eu não tinha ouvido estes termos antes e pedi-lhe que me explicasse o que era, realmente, o transe. Explicou que era um estado dependente de uma passividade extrema da mente e que podia ser de natureza ligeira ou profunda. Nesse estado de transe profundo, o indivíduo perdia o controlo da própria consciência, num estado que parecia de sono; mas, nesse momento, alguma inteligência “espírita” externa podia entrar e tomar o controlo do organismo, e acrescentou:

“Isto foi o que aconteceu no seu caso. Falei com a entidade controladora que usou o seu mecanismo enquanto a senhora, aparentemente, dormia. É um homem de inteligência invulgar, que declara ser um oriental; quer fazer trabalho sério para provar a validade da teoria da sobrevivência. Dá o nome de Uvani.”

As palavras do Sr. Huhnli deixaram-me confusa e assustada. Saí o mais depressa que pude e, quando me vi de novo na rua, tinha a certeza de que nada daquilo me tinha realmente acontecido. Saltei para um táxi, corri para casa, para o meu marido, e contei-lhe a história toda. Ele ficou muito aborrecido por eu ter achado bem ir visitar aquele estranho e, em tom zangado, assegurou-me que, se tais coisas tinham acontecido, eu não estava apenas à beira da insanidade, mas já tinha perdido a razão. Comecei a achar que ele tinha razão e, pela primeira vez na vida, soube o que era o medo. Durante semanas, nunca dormi sem uma luz acesa no quarto e andava sempre a pensar se esse desconhecido, o Uvani, veria e ouviria tudo o que eu fazia na minha vida diária. Também me perguntava se esse oriental não seria

uma invenção da minha imaginação; mal podia acreditar que eu “o tivesse inventado”, pois não tinha interesse particular por orientais. Aguentei este estado de conflito o tempo que pude, sozinha; depois, em desespero, voltei a ver o Sr. Huhnli.

Quando regressei ao Sr. Huhnli, expliquei-lhe que o que me atormentava era a possibilidade de, se essa personalidade, o controlo, Uvani, existisse mesmo em relação tão próxima comigo, então certamente poderia espiar o meu comportamento mais íntimo e privado. Ele assegurou-me que a personalidade de controlo não se interessaria por tais coisas e que tinha conseguido chegar até mim por um propósito profundo. Fiquei um pouco aliviada quando o Sr. Huhnli disse: “O seu controlo não pode aproximar-se de si a não ser que prepare o caminho para ele, entrando em estado de transe.” Respondi: “Então, tem de estar no meu poder evitar o transe e, assim, dispensá-lo.”

Ele duvidou de que isso fosse possível e receou que, se o fizesse, eu pudesse prejudicar a saúde; porque a personalidade de controlo, explicou, já se tinha estabelecido através de mim e deixado claro o seu propósito, tendo declarado que vinha tentar provar a verdade da sobrevivência após a morte. Eu duvidava de tudo, mas a sinceridade e a honestidade do Sr. Huhnli fizeram-me confiar nele e acreditar no que dizia acerca destas zonas misteriosas do meu ser, que eu não compreendia e sobre as quais não tinha controlo. O Sr. Huhnli sugeriu então que me podia ajudar a lidar comigo própria e com o controlo, se eu continuasse a permitir-lhe falar com esse Uvani enquanto eu estivesse em transe; e que assim o poderia ajudar a dirigir e treinar. Segui as sugestões do Sr. Huhnli tanto quanto pude e, aos poucos, passei a aceitar o ponto de vista dele, de que eu tinha em mim os ingredientes de uma médium mental.

Para continuar o meu trabalho com o Sr. Huhnli, tive de ir contra a vontade do meu marido, que já estava magoado por eu ter ignorado o conselho dele para não “brincar” com os meus poderes psíquicos. Este desenvolvimento do transe convenceu-o de que eu estava agora num estado perigoso e desequilibrado e devia ser examinada imediatamente por um psiquiatra. Desta vez recusei ir; ele e os amigos ficaram tão perturbados com o meu estado que falaram em pôr-me sob observação. Eu já andava com vontade de largar o meu hostel há algum tempo e esta discordância conjugal, logo a seguir à doença da

minha filha e à minha saúde cada vez pior, fez-me decidir desfazer-me dele nessa altura.

Tendo fechado o hostel e mandado a minha filha para um colégio, fiquei livre para estar sozinha outra vez; até porque o meu marido tinha ido para o estrangeiro. A tensão contínua de tudo o que tinha acontecido deitou-me de novo abaixo. Uma hemorragia séria manteve-me na cama durante umas semanas e tive tempo de sobra para repensar tudo o que me tinha acontecido desde que entrei pela primeira vez na sociedade espírita e comecei a desenvolver a mediunidade em transe, com a ajuda do Sr. Huhnli. Ao rever a atividade dos últimos meses, mal conseguia acreditar que todas aquelas ocorrências estranhas tinham mesmo acontecido.

Parecia-me tudo irreal e fantástico, e horrorizava-me pensar que me tinha deixado arrastar a comportar-me de forma tão histérica. Comecei a perceber que a validade da existência do controlo dependia da palavra de um único indivíduo, o Sr. Huhnli, e que talvez ele pudesse ter-se enganado na interpretação do meu estado; além disso, recusei aceitar a ideia de que alguma outra inteligência que não a minha operasse através da minha constituição física. Quando recuperei a saúde já tinha decidido, de vez, fechar os meus poderes de transe para sempre, e rejeitei a ideia de que uma personalidade de controlo pudesse ter uma existência genuína. Mantive esta atitude durante vários meses e mantive-me afastada de todas as reuniões espíritas.

Da minha doença e do descanso forçado saiu uma descoberta muito profunda e importante sobre mim. Tive tempo para rever a minha vida inteira e ligar certas experiências que até ali tinham ficado sem explicação. Vi, pela primeira vez, que o estado de transe podia fazer parte de um padrão psicológico cuja origem estava na minha primeira infância. Comecei a entender como a dor e o sofrimento desses primeiros tempos me tinham feito retirar do mundo das pessoas para o mundo da luz, da cor e do movimento. Agora lembrava-me de que a primeira vez em que consegui escapar à dor do castigo que a minha tia me infligia foi quando me separei de tal forma que conseguia ver os lábios dela a mexerem-se enquanto me ralhava, mas nenhuma palavra me penetrava os ouvidos.

Lembrei-me também de que, quando o castigo físico se tornava quase insuportável, em vez de gritar, aprendi a recolher-me para

dentro e adormecia logo, expulsando assim os efeitos dolorosos de uma tarefa. Levei este processo a um ponto tão fino de desenvolvimento que, mais tarde, na escola, cheguei a provocar castigo físico sobre mim por parte do professor para descobrir até que ponto tinha aprendido a escapar às consequências da dor.

Recordei também os muitos episódios de amnésia que tiveram lugar durante os primeiros anos, insatisfatórios, do meu primeiro casamento, e durante os episódios trágicos das mortes dos meus filhos. Percebi agora, com mais clareza, que esses períodos de chamada amnésia eram também formas de fuga às condições de vida demasiado dolorosas. Esta perspectiva nova sobre a técnica de fuga que eu tinha desenvolvido e usado a vida toda, para evitar tanto a dor como o sofrimento, bem pode ter preparado o caminho para o desenvolvimento posterior deste estado de transe, que agora se tinha abatido sobre mim.

Capítulo XXX

HEWAT McKENZIE E O DESENVOLVIMENTO DA MINHA MEDIUNIDADE MENTAL

Eu tinha decidido esquecer as experiências por que tinha passado com a sociedade espírita e ir para outros lados, talvez a Austrália, à procura de uma libertação de velhos padrões e também de uma forma prática de ganhar a vida. Mas um destino mais forte estava em ação. A caminho da bilheteira para a partida efetiva para a Austrália, encontrei uma amiga que me ofereceu um ótimo lugar em Londres. Nesse momento, por acaso, eu estava em Southampton Row, a poucos passos da sede da sociedade espírita; tive o impulso de passar pela secretária e essa visita mudou o rumo da minha vida.

Ela pareceu felicíssima por me ver e lamentou eu ter deixado de trabalhar com o Sr. Huhnli; mas sublinhou com força a importância de eu continuar o meu desenvolvimento psíquico. De facto, disse que, recentemente, estando sentada com a médium de transe, Mrs. Osborne Leonard, tinha sido informada pelo controlo, Feda, de que me encontraria e seria instrumento para me ajudar a continuar o trabalho de transe. Ao princípio resisti à ideia, mas a sinceridade e o interesse genuínos dela levaram-me a prometer que conheceria uma amiga sua que sabia muito sobre o assunto.

Foi assim que conheci a Mrs. Kelway Bamber. Disse-me que fora informada pelo controlo da Mrs. Osborne Leonard de que me encontraria e me ajudaria no desenvolvimento. Era uma mulher capaz, de personalidade forte, e tinha vivido muitos anos na Índia. Era ela própria bastante mediúnica e tinha recebido uma série de cartas, psicicamente, do filho morto, Claude. Tinham sido publicadas.

Fiquei impressionada com a Mrs. Kelway Bamber; embora mediúnica, era uma mulher de inteligência fina e aguçada. Foi prestável a ajudar-me no desenvolvimento do transe; e, quando soube que a minha personalidade de controlo era um oriental, achou que podia ajudar a desenvolver as capacidades desse controlo oriental porque ela própria tinha uma compreensão e uma simpatia profundas pelo Oriente e pela sua filosofia. Por via dela conheci depressa a maioria dos líderes do movimento espiritualista em Londres e ela combinou que eu tivesse sessões experimentais com todos.

Entrei em transe e, ao que parecia, o controlo, Uvani, “veio” e falou com eles. Segundo todos os relatos, estas primeiras tentativas continham prova satisfatória de que ele seria capaz de tratar da apresentação de evidência acerca da “sobrevivência após a morte”. Depressa percebi que este era o único tema que interessava aos espiritualistas. Entre as figuras proeminentes que conheci nessa altura estava a Mrs. Hewat McKenzie, que, com o marido, tinha fundado e organizado o British College of Psychic Science. Impressionou-me logo a inteligência e honestidade dela e também a atitude cautelosa perante o espiritualismo, embora acreditasse profundamente na sua verdade. Fiquei, portanto, satisfeita quando ela sugeriu que gostaria que eu conhecesse o marido, reputado grande autoridade em fenómenos psíquicos. Assim, uns dias depois, conheci o Hewat McKenzie.

Tinha uma personalidade notável e o seu olhar bem-disposto e o acolhimento generoso deram-me vontade de o conhecer melhor. Jantei com ele e percebi que tinha um conhecimento e uma compreensão dos fenómenos psíquicos maiores do que qualquer pessoa que eu tivesse conhecido até então. Fiquei contente, portanto, por lhe dar uma sessão experimental, para que ele pudesse avaliar a natureza e a qualidade da minha personalidade de controlo, Uvani. Depois dessa sessão, disse-me que eu tinha potencialidades como médium de transe, desde que os meus poderes fossem devidamente treinados. Disse que, nesta primeira experiência, eu lhe tinha dado pouca evidência de

“sobrevivência”, mas que isso não provava que eu não a pudesse produzir mais tarde.

Ele também disse que eu tinha um grande poder psíquico e que, a esta altura, já não precisava de treino para o usar. Mas sublinhou que, na mediunidade de transe, o mais importante era o treino e o desenvolvimento adequados do controlo. Foi a primeira e única pessoa, em todo o período do meu desenvolvimento psíquico, que pareceu perceber que a qualidade e o nível espiritual das comunicações expressas em transe dependiam do grau de desenvolvimento mental e espiritual do controlo.

O Hewat McKenzie foi o único entre os líderes do movimento espiritualista que se recusou a tomar qualquer pronunciamento de uma personalidade de controlo como sendo inevitavelmente a palavra de algum “Poder Superior”. Explicou-me que, na opinião dele, as possibilidades da mediunidade de transe tinham sido desperdiçadas e deixadas deteriorar, de modo que agora funcionavam sobretudo a níveis emocionais e sentimentais. Isso devia-se ao facto de, quando os controlos apareciam pela primeira vez depois de um médium potencial entrar em transe, ninguém os encarar como personalidades limitadas que podiam elas próprias precisar de ajuda e treino para entender o uso mais elevado da sua própria posição e funcionamento. Explicou-me que uma personalidade de controlo é só um intérprete do que lhe chega de outros estados de consciência e que, por isso, ele (a personalidade de controlo) tinha de ser ensinada a fazer o uso mais puro das suas faculdades e a transmitir apenas a partir dos níveis mais elevados da verdade.

Esta atitude do Hewat McKenzie impressionou-me imenso e lançou uma nova luz sobre as possibilidades da mediunidade. Senti que, com a ajuda dele, podia chegar a uma compreensão verdadeira dos meus “poderes psíquicos” e a alguma clarificação das minhas primeiras visões objetivas. Eu tinha passado a valorizar e a confiar na integridade de entendimento que tanto ele como a mulher possuíam. Pela primeira vez consegui confiar no juízo de outra pessoa e, sob a direção conjunta do Sr. e da Sra. McKenzie, decidi tornar-me médium de transe no British College of Psychic Science.

A conceção elevada que o Hewat McKenzie tinha da mediunidade era algo que eu nunca tinha encontrado. Ele considerava que a filosofia mais profunda dos primeiros mestres e a inspiração de

todas as grandes Escrituras tinham sido recebidas ao longo dos séculos através do canal da mediunidade. Enfatizou a responsabilidade que possuir este poder colocava sobre mim e declarou que, portanto, eu tinha de exercer cuidado e controlo sobre os meus hábitos de vida diária. Sublinhou a necessidade de levar uma vida calma e harmoniosa, livre de excessos de álcool, sexo e comida elaborada. Toda a minha responsabilidade para comigo e para com a minha mediunidade residia em viver esta existência simples e controlada.

Ele apontou que, com orientação, a personalidade de controlo podia ser treinada para tomar bem conta dos outros aspetos da minha mente. A força do treino que o Hewat McKenzie deu à minha mediunidade residia no seu entendimento profundo da natureza da mente subconsciente. Ele via o subconsciente como contendo a mente inteira do ser humano; a sua forma, dizia, era a de um vácuo que atraía tudo, e todas as memórias estavam lá contidas, quer tivéssemos consciência disso ou não. Ao contrário da visão geral expressa nessa altura, ele via a mente consciente como sendo apenas uma expressão superficial e incompleta, a um nível, do que estava a acontecer no subconsciente profundo; erro tipográfico corrigido para Hewat McKenzie a natureza do ser humano e do seu subconsciente eram uma só.

Porque acreditava que o subconsciente absorvia tudo no seu ambiente, fosse bom ou mau, estabeleceu certas regras para proteger o meu eu subconsciente enquanto treinava a minha mediunidade. Primeiro explicou o perigo de toldar ou interferir com o meu próprio funcionamento claro, caso me sentasse para experimentar com outros médiuns; disse que isto era igualmente verdade se me sentasse com grupos de desenvolvimento ou abrisse, nessa altura, quaisquer outros aspetos de mediunidade além do transe.

Para manter o meu subconsciente livre das ideias e da influência de outras pessoas, insistiu que eu evitasse toda a leitura sobre assuntos psíquicos e ocultos. Deu atenção especial aos métodos pelos quais o controlo tinha de dar as suas provas, pedindo-lhe que trouxesse tipos de informação que pudessem estar o mais afastados possível do conhecimento consciente do investigador. Considerava a sugestão e a hipnose como ajudas valiosas no desenvolvimento da mediunidade de transe, acreditando que ambas podiam ajudar a produzir uma separação mais profunda entre as duas mentes, consciente e subconsciente, e assim criar uma condição em que o funcionamento

subconsciente ficasse livre da influência das condições externas. O controlo teria então um canal mais claro através do qual trabalhar. (Ele também esperava que, por meio da sugestão, me pudesse dar alívio da asma de que eu agora sofria continuamente.)

Antes de conhecer o Hewat McKenzie, já alguns aspetos da minha própria mediunidade física tinham começado a manifestar-se. Ocorriam pancadas quando eu estava presente e pequenos objetos mexiam-se, como se mãos invisíveis lhes tocassem. Quando consultei o Sr. McKenzie sobre como lidar com isto, ele aconselhou-me vivamente a desencorajar e ajudou-me a controlar dando-me sugestões em estado de vigília, e pedindo ao controlo, quando eu estava em transe, que absorvesse essa energia na atividade de transe.

Continuei a trabalhar durante os cinco anos seguintes sob a indicação e direção do Sr. e da Sra. McKenzie. Nesse período, sentava-me uma vez por semana com o Sr. McKenzie para o desenvolvimento adicional do controlo e o direcionamento da minha mediunidade de transe para outras fases, não relacionadas com o tipo de comunicação que provava a “sobrevivência”. Enquanto trabalhámos juntos, ele limitou o meu trabalho profissional no College a não mais do que uma ou duas consultas por dia.

Nos anos que se seguiram, construí uma reputação como médium de transe e, seguindo o conselho do Sr. McKenzie, fechei a porta a todos os outros aspetos de desenvolvimento e atividade. A insistência dele para que eu me concentrasse nesta única forma de desenvolvimento psíquico levou a uma intensificação do poder de transe. Pelos registos que foram feitos na altura, parece que as minhas manifestações em transe tratavam de provas de “sobrevivência”, precognição e percepções clarividentes em transe.

Durante os anos de desenvolvimento deste trabalho, embora eu permitisse que o Sr. McKenzie treinasse a personalidade de controlo, nunca aceitei totalmente, para mim, a realidade da existência do controlo. Muitas vezes, em conflito, ia ter com o Sr. McKenzie e dizia-lhe das minhas dúvidas sobre o meu controlo, o Uvani, e da minha suspeita de que ele podia não ser uma personalidade separada, mas apenas uma parte destacada do meu próprio subconsciente. Tanto o Sr. como a Sra. McKenzie ficaram indignados com esta sugestão e disseram-me que eu não estava em posição de julgar a validade da existência do controlo — o que era verdade. As minhas dúvidas

faziam-me muitas vezes referir-me à personalidade Uvani, a brincar, como o “Pássaro Velho”; isto chocava e magoava o Sr. McKenzie, que tinha levado muito a sério todo o desenvolvimento da minha mediunidade.

À medida que continuei a trabalhar no British College, comecei a observar mais de perto as reações dos diferentes tipos de pessoas que passaram a ser conhecidas como os meus “assistentes” de sessão. Para quem não sabe nada deste assunto, uma sessão com um médium chama-se “sitting” e aqueles que vêm trabalhar com um médium são conhecidos como “sitters”. Muitas vezes perguntava a mim própria ao que é que estas pessoas vinham e como é que aproveitavam os conselhos e a informação que recebiam.

Não fiquei muito tempo com dúvidas. Havia alguns que vinham porque eram movidos por um desejo genuíno de comunicar com alguém que tinha morrido. Mas, correndo o risco de atrair sobre mim críticas zangadas, tenho de dizer que muitas das pessoas que consultam médiuns usam estas sessões como um ópio ou afrodisíaco e não como uma ajuda para uma vida mais responsável. Baseio este juízo nos comentários típicos que a maioria dos “sitters” me fazia quando eu saía do transe. Embora eu normalmente lhes produzisse resultados, havia vezes em que um “sitter” não obtinha a prova que procurava; nesses momentos, quando eu acordava do transe, era questionada indignadamente e perguntavam-me se eu alguma vez era capaz de dar resultados satisfatórios.

Isto chocava-me por várias razões. Se estas pessoas acreditavam que eu estava mesmo em transe profundo e que a personalidade de controlo estava a transmitir conhecimento de outro nível de consciência, como é que então eu podia ser responsabilizada pela quantidade ou pela qualidade das provas que lhes pudessem ser dadas? Além disso, perguntava-me por que razão deviam, em qualquer altura, aceitar tão avidamente e sem questionar quaisquer das afirmações positivas que lhes eram feitas enquanto eu estava em transe e depois queixar-se tão amargamente de quaisquer resultados negativos. Parecia-me incompreensível que, fosse qual fosse o produto da comunicação em transe, ninguém levantasse nunca qualquer questão quanto ao princípio pelo qual a técnica da mediunidade era capaz de funcionar.

Cheguei à conclusão de que a principal razão por que as pessoas queriam usar o meu transe era para pesquisas totalmente pessoais acerca de mensagens de consolação e encorajamento. Quão raros, entre os milhares de “sitters” que vieram ter comigo nos últimos quinze anos, foram aqueles que alguma vez procuraram investigar objetivamente a natureza e o princípio da comunicação e da mediunidade. Comecei a sentir a inutilidade de continuar o trabalho a este nível. Não tinha a base de entendimento fino que o Hewat McKenzie me treinara a esperar numa investigação objetiva. Mesmo que até então eu parecesse aceitar o ponto de vista dos espiritualistas sobre controlos e comunicação no meu trabalho, uma parte de mim, no entanto, nunca acreditou na realidade do meu próprio controlo, o Uvani, nem que estas comunicações que ele transmitia fossem necessariamente dos alegados mortos.

Não era que eu pusesse em causa a validade das mensagens; eu não estava em posição de o fazer; mas a fonte de onde vinham, eu sentia, podia ter sido a do meu próprio subconsciente, ou a do investigador. Sabia que, se continuasse a questionar desta forma, ficaria incapaz de fazer o trabalho que esperavam de mim e que também me estaria a fechar a mais investigação e informação objetivas. Por isso continuei, então, com o meu trabalho como médium de transe no British College of Psychic Science até o Hewat McKenzie morrer.

A morte do Hewat McKenzie retirou a única pessoa cuja atitude elevada em relação às questões psíquicas tinha tornado possível o desenvolvimento sério da minha mediunidade de transe. Isto sustentou-me até essa altura e pelos anos que se seguiram. Seja qual for a integridade e seriedade que eu tenha conseguido alcançar na minha atitude em relação ao uso das minhas sensibilidades sobrenormais, sinto que as devo à paciência incansável e à fé deste homem inflexível e corajoso.

Capítulo XXXI

MANIFESTAÇÕES DE MEDIUNIDADE FÍSICA E EXPERIÊNCIAS COM FENÓMENOS POLTERGEIST

O Hewat McKenzie sempre insistiu que, para a minha mediunidade de transe servir o seu propósito, eu tinha de estar disposta a manter de fora todos os aspetos de mediunidade física

quando tais aparecessem. Eu tinha aceite o ponto de vista dele sobre esta questão e, por isso, recusei encorajar quaisquer das manifestações de mediunidade física. Nos meus últimos anos no British College, mostrei sinais de desenvolver mediunidade física. Mas, como essa força de repente cresceu forte em mim, fiquei curiosa de investigar por mim própria se tinha, de facto, algum uso ou propósito reais.

Como sabia que o Hewat McKenzie não aprovaria eu abrir-me conscientemente a este poder, consultei alguns outros líderes do movimento sobre isso. Um grupo de nós passou então a sentar-se experimentalmente em conjunto todas as semanas, para observação.

Não tardou para os meus colegas de trabalho observarem que eu estava a começar a produzir uma matéria enevoadada, translúcida, relacionada com ectoplasma. Nesta substância, notaram a formação de uma série de rostos que acharam representar até vinte pessoas que tinham conhecido nesta vida. É possível que mais experiência nestas linhas pudesse ter produzido resultados interessantes, mas comecei a ter um ataque de consciência e hesitei em permitir que tais fenómenos físicos se desenvolvessem mais, ao contrário do conselho do meu amigo, Hewat McKenzie.

Por isso fui diretamente ter com ele e contei-lhe exatamente o que se tinha passado nas nossas sessões experimentais. Falou comigo muito seriamente e explicou ao certo por que me tinha aconselhado a não deixar desenvolver tais eclosões de mediunidade física; insistiu que, se eu continuasse, elas iriam interferir com o crescimento dos aspetos mais profundos e finos da minha mediunidade mental, que ele considerava demasiado valiosa para ser interferida desta maneira. Avisou-me também que o estado hipersensível do meu corpo, que já me sujeitava a tanta má saúde, não poderia, de forma alguma, resistir ao fardo acrescido do esforço terrível da mediunidade física.

Como eu já tinha experienciado uma ou duas manifestações do efeito devastador deste poder físico, ouvi com muita atenção e, seguindo o conselho dele, fechei a porta a qualquer outra experiência com mediunidade física. Prometi então ao Sr. McKenzie que não me entregaria a qualquer outra forma de investigação ou desenvolvimento físicos até ter, por mais alguns anos, solidamente estabelecido a minha mediunidade mental.

Um dos maiores interesses do Hewat McKenzie na vida era a observação e estudo de fenómenos poltergeist. A razão que dava para

isso era que acreditava que tais fenómenos continham a prova mais clara e objetiva da “sobrevivência da vida após a morte”. Contava frequentemente algumas das suas próprias experiências a lidar com o poltergeist. Como tais ocorrências eram extremamente raras, eu nunca tinha esperado estar presente em nenhuma delas.

Uma manifestação poltergeist é conhecida por acontecer geralmente onde estão presentes ou crianças adolescentes, ou aquelas com desenvolvimento retardado. O surto pode tomar muitas formas, mas a sua expressão habitual consiste em movimentos violentos e inesperados de objetos através do espaço. É provável que estes movimentos sejam acompanhados por ruídos altos ou explosões ou pancadas repetidas. Podem, claro, oferecer-se várias explicações para a causa destes fenómenos; mas o Hewat McKenzie sentia que a hipótese espiritualista era a mais provável.

Ele acreditava que, por detrás das manifestações de cada poltergeist, existia um “espírito infeliz” preso à Terra que tentava chamar a atenção por meio de quaisquer movimentos súbitos e sons que conseguisse produzir. Às vezes, dizia ele, esses “infelizes” podiam afinal estar ligados à família ou ao lugar onde o surto ocorria. O Sr. McKenzie declarava, com base nas experiências anteriores dele, que sabia que, se conseguisse, com a ajuda de um médium, chegar ao “espírito infeliz” que causava a perturbação, então seria capaz de chegar à causa da manifestação poltergeist.

Pedi-me que o ajudasse a investigar precisamente um acontecimento desses que estava prestes a explorar. Para fazer a minha parte, eu só tinha de entrar em transe. O que aconteceu a partir desse momento foi-me contado depois, quando acordei do transe. Disseram-me então que o Uvani tinha conseguido chegar ao “espírito infeliz” que estava a causar as perturbações poltergeist e tinha transmitido ao Sr. McKenzie a explicação do porquê de a criatura perturbada ter voltado para incomodar os familiares. O Hewat McKenzie encarou então desfazer as dificuldades que tinham causado o regresso dele. Neste caso em particular havia, soube eu mais tarde, complicações à volta de um testamento perdido. O McKenzie conseguiu, seguindo as indicações que lhe foram dadas pelo espírito infeliz, localizar o documento escondido atrás de uma moldura. Satisfeito com o desfecho bem-sucedido da sua visita perturbadora, o alegado avô partiu, e esse surto de fenómenos foi abrandando até terminar.

Desde essa experiência, tenho ajudado, com sucesso, num grande número dessas investigações sobre poltergeist. Os espíritos que, nessas várias ocasiões, contaram as suas histórias enquanto eu estava em transe pareciam, sem exceção, ter causado essas perturbações poltergeist porque estavam atormentados por algum conflito emocional profundo que não tinha sido resolvido antes da morte deles. Vingança e a reparação de injustiças pareciam muitas vezes os motivos do retorno. Quando essas complicações eram removidas, a manifestação de fenómenos poltergeist cessava sempre tão abruptamente como tinha começado.

Capítulo XXXII

ASSUMO A RESPONSABILIDADE PELA MINHA MEDIUNIDADE E PROCURO UMA CHAVE PARA O SEU SIGNIFICADO

Depois da morte do Hewat McKenzie (verão de 1929), senti-me abalada e muito sozinha no meu trabalho; é que agora a única pessoa em quem eu me apoiava para orientar a minha mediunidade tinha desaparecido. Parecia-me impossível continuar por mais tempo no British College of Psychic Science sem o apoio dele. Mas dei por mim tão profundamente comprometida com o trabalho como médium de transe que não consegui afastar-me facilmente dessa atividade. Por isso decidi trabalhar com várias outras sociedades espiritualistas bem conhecidas; desta maneira esperava ganhar um contacto mais variado com pessoas desta área e também obter uma compreensão mais clara dos tipos de pessoas que as outras sociedades espiritualistas atraíam.

Embora, nos meus contactos com várias organizações, eu passasse a ter uma gama mais ampla de tipos para estudar, a qualidade dos interesses e a motivação das atividades deles eram, depressa descobri, tão pouco profundas como as dos meus anteriores “sitters” no British College. Comecei a reparar que a maior parte dos que tinham sentado comigo ao longo de períodos prolongados pareciam bem satisfeitos com as comunicações que recebiam enquanto eu estava em transe; mas eu tinha chegado à conclusão, no entanto, de que, em vez de ganharem força e independência com o trabalho comigo, ficavam mais emocionais do que tinham sido e pareciam menos, em vez de mais, capazes de pensar ou decidir assuntos por si. Esta constatação deixou-me inquieta, porque temi que isso pudesse levar gradualmente a um enfraquecimento sério da fibra mental deles.

Estava então a começar a assumir uma nova atitude em relação ao meu próprio trabalho. Comecei a sentir uma responsabilidade séria pelo efeito dessas comunicações em transe nos meus “sitters”. Embora aceitasse a atividade do meu controlo enquanto estava em transe, comecei, no entanto, a ver que eu própria também era, até certo ponto, responsável pelas consequências dessas mensagens. A percepção de que havia muito mais deterioração do que melhoria na maior parte das pessoas que tinham o hábito de trabalhar comigo trouxe de volta todas as minhas velhas dúvidas quanto ao valor e ao uso da minha mediunidade. Comecei a sentir uma forte repulsa pelo papel que eu tinha desempenhado ao produzir tais resultados através do transe. Voltei a perguntar-me se não devia acabar de vez com a minha mediunidade.

Nessa altura, enquanto trabalhava como médium de transe, a minha filha estava feliz na escola e, agora que este período de dúvida sobre o meu trabalho se instalou e eu estava a considerar um novo ciclo de vida, adoeci com febre paratifoide. Seguiram-se duas operações graves que suspenderam todas as minhas atividades durante muitos meses.

Durante este tempo de doença vivi muito próxima de mim própria, contente por me voltar a mergulhar no reino das duas mentes e assim esquecer-me dos arrastos e problemas do trabalho de transe que eu vinha a fazer. Na convalescença, voltei a explorar uma vez mais o meu mundo de luz, som e movimento, e comecei a descobrir por mim que a cor me podia começar a curar; soube, por exemplo, que conseguia atrair certos raios específicos e benéficos para mim ao vestir determinadas cores. Gradualmente fui-me apanhando a compreender o significado e o uso da cor no ímpeto e no equilíbrio de muitos aspetos da vida. Acredito que então tinha aprendido a revitalizar-me por esta nova compreensão que me chegou sobre a natureza e o uso da vibração da cor. Quando os meus amigos me voltaram a ver depois dos meses de doença grave, ficaram espantados por eu transmitir uma impressão tão viva de saúde e vitalidade depois de um cerco tão prolongado.

Voltei a ser instada a retomar a atividade como médium de transe e, durante algum tempo, obriguei-me a continuar, mesmo que o espírito da sua utilidade me parecesse ter-se esfumado. O meu trabalho continuou a dar satisfação aos que vinham ter comigo, mas eu já não sentia que estivesse a funcionar de forma útil. Eu ansiava por

ficar livre da minha mediunidade e comecei a cultivar uma vida social ativa, que eu tinha evitado durante estes últimos anos do meu trabalho psíquico.

O Uvani tinha sido sempre o único controle que alegava transmitir mensagens e informação quando eu estava em transe, até pouco antes da minha doença, quando uma nova personalidade falou através de mim a alguns dos meus “sitters”. Disseram-me que se chamava Abdul Latif e que dizia ser um médico persa que tinha vivido à época das Cruzadas, na corte de Saladino. Apresentou-se primeiro a uma “sitter” americana e depois a um inglês, que estava especialmente interessado em trabalho de cura. A partir daí alargou a sua atividade através do meu estado de transe a muitas pessoas interessadas em saúde e cura, e entre essas estavam vários médicos londrinos.

O Abdul Latif já era conhecido dos espiritualistas por aparecer e trabalhar através de vários médiuns em diferentes partes do mundo, antes de alguma vez falar pelo meu transe; e continua ainda hoje a fazê-lo com outros sensitivos, assim como comigo. Quando ouvi pela primeira vez da sua aparição, tive medo de que esta nova manifestação se devesse a uma cisão na minha própria personalidade. Estudei então cuidadosamente o meu próprio estado depois do transe, para descobrir se havia quaisquer consequências perturbadoras. Como não era evidente nenhuma, deixei de me preocupar com a presença do Abdul.

Quando me disseram pela primeira vez que ele tinha comunicado através de mim, eu nunca ouvira o seu nome; só muito mais tarde vim a saber que já era bastante conhecido pelo seu trabalho através de outros médiuns. Pelos relatos dos participantes das minhas sessões, comecei a perceber que o nível das minhas comunicações em transe se alterara consideravelmente desde a introdução do alegado Abdul Latif; para além do seu trabalho de cura e profecia, discutia problemas espirituais e filosóficos sérios.

Ele não gastava tempo na constante prova da “sobrevivência”, como Uvani fizera, de forma tão constante, durante muitos anos. Perguntei-me por que razão essa mudança no tipo de comunicação ocorria sempre que se dizia que Abdul Latif estava presente. Necessitando sempre de encontrar as minhas próprias respostas para os meus problemas, refleti sobre esta questão durante algum tempo e, por fim, cheguei à conclusão de que o nível das comunicações poderia

ter mudado porque as necessidades e os desejos das pessoas que agora se sentavam comigo eram diferentes.

Procuravam informação e conselho sobre cura e filosofia e, por conseguinte, comecei a suspeitar que a mente subconsciente se pudesse estender a essas novas áreas e captar todo o conhecimento que fosse procurado. Se isto fosse verdade, então duas conclusões seriam possíveis: ou as personalidades de controlo faziam parte do meu subconsciente, ou o subconsciente poderia ser mais vasto e profundo do que alguém alguma vez imaginara. Assim, sem chegar a qualquer conclusão final sobre este ponto, continuei o meu trabalho e produzi resultados satisfatórios. Isto pareceu-me, por ora, mais importante do que preocupar-me com a existência ou inexistência da personalidade de Abdul Latif.

Capítulo XXXIII **PLANEIO ABDICAR DO USO**

DAS MINHAS FACULDADES SUPRANORMAIS

Ainda assim, a sensação de insatisfação voltou. Olhando para o trabalho em transe que eu tinha feito até então, percebi que, embora estivesse a produzir resultados, não conseguia aceitar totalmente o seu significado. Acabei por decidir tentar obter algumas provas para mim mesma a partir do trabalho de outros médiuns. Senti que agora o podia fazer legitimamente, uma vez que a minha própria mediunidade estava firmemente estabelecida. Assisti a sessões de fenómenos tanto mentais como físicos, mas nunca consegui obter para mim qualquer forma de prova que pudesse aceitar.

Isto aumentou as minhas dúvidas quanto à utilidade das minhas comunicações em transe. De novo a minha saúde estava fraca e vários médicos sugeriram que a dissociação devida ao meu uso do transe poderia muito bem ser a causa das minhas muitas doenças; eu própria acreditava que o meu conflito e as minhas dúvidas quanto à natureza do meu trabalho me tinham levado a um ponto de tensão nervosa e exaustão. A combinação destas circunstâncias levou-me a determinar abandonar por completo todo o meu trabalho como médium de transe.

Os meus amigos protestaram e não conseguiam acreditar que, tendo eu prosseguido o meu trabalho psíquico com tanta seriedade e constância, para satisfação dos meus participantes durante muitos anos, pudesse agora tencionar seriamente desistir. Alguns deles,

perturbados com a minha decisão, decidiram discutir o assunto com a personalidade de controlo, Abdul Latif, enquanto eu estava em transe. Relataram que ele desvalorizou a minha intenção e disse: “Isto é apenas um processo no seu desenvolvimento ulterior. Eu não a afligiria com isso. Ela passará por isto, mas não, como pensa, abandonará a sua mediunidade.” Os meus amigos transmitiram-me tudo isto, mas ignorei os comentários atribuídos a Abdul Latif e avancei com os meus planos. Tornei a ouvir uma voz, sem timbre e fria, que me disse:

“Tira o máximo da tua felicidade; não pode durar.” Estremeci e lembrei-me de que avisos semelhantes tinham sido o prenúncio da morte dos meus dois filhos. Agora isto aplicava-se, sem dúvida, não só à minha determinação de abandonar o trabalho psíquico profissional, mas também à minha determinação de tentar encontrar de novo alguma felicidade pessoal. Um amigo querido e estimado tinha-me convencido de que, no casamento com ele, tal felicidade era possível, e a vida decorria suficientemente tranquila para nós até ao dia em que foram publicados os proclamas do nosso casamento.

Nesse mesmo dia, tanto o meu noivo como eu adoecemos subitamente. Eu desenvolvi uma mastoidite ativa e ele apanhou uma constipação grave, que rapidamente evoluiu para pneumonia séptica. Em menos de uma semana ele morreu, e eu jazia num hospital, gravemente doente devido às complicações de um apêndice rebentado e da mastoidite. Eu própria estava então tão próxima da morte que ninguém ousou dizer-me que o meu noivo falecera; ainda me encontrava em estado crítico quando os médicos julgaram conveniente informar-me do seu trágico fim. Talvez o choque tenha sido demasiado para mim, pois desenvolvi então uma febre alta súbita e fui novamente obrigada a sofrer ainda outra operação, desta vez à garganta.

Fui informada pelo meu próprio médico, muito tempo depois de ter recuperado, de que os médicos e as enfermeiras do bloco operatório, nesse momento, tinham ouvido claramente o tom de uma voz, que falou logo depois de eu ter ficado inconsciente pela anestesia. Ninguém presente parecia saber exatamente o que a voz dissera; mas o meu próprio médico, que na juventude estivera na Índia, disse-me que reconheceu determinadas palavras de comando, tal como são proferidas em hindustâni. Ele sabia que eu, pessoalmente, não tinha qualquer conhecimento de línguas orientais e que, naquele momento,

devido à forma como estava imobilizada, teria sido totalmente incapaz de proferir fosse o que fosse. Ficou tão impressionado com este incidente que enviou uma carta a um dos líderes do movimento espiritualista, registrando as circunstâncias exatas desta ocorrência. É surpreendente notar que G.

R. S. Mead, o conhecido erudito, que muitas vezes durante esse período comunicou com Abdul Latif através da minha mediunidade, bem como através de outros sensitivos, relatou que fora informado por Abdul Letif, pouco depois deste episódio, de que ele estivera presente na sala do hospital durante a minha operação.

Passaram-se muitos meses antes de eu recuperar o suficiente desta doença prolongada para começar a considerar o meu futuro. O estado da minha saúde tornava agora impossível tentar empreender qualquer novo tipo de trabalho. A única coisa que eu conseguia imaginar fazer era retomar a minha mediunidade, mas decidi que teria de ser de uma forma nova e muito diferente de qualquer um dos meus trabalhos anteriores. Senti que a única condição em que agora faria uso do transe seria com o propósito de investigar, a ele e a outros fenómenos psíquicos. Esta nova atitude desenvolvera-se em resultado de mudanças surpreendentes na minha própria constituição psíquica, durante os dias de convalescença.

Uma noite, quando me sentia muito em baixo e fraco, estava deitada quieta no meu quarto de hospital, quando me apercebi de que a minha vitalidade se estava a esvaír; senti que, se aquilo continuasse, em breve perderia a consciência. A seguir, o armário encostado à parede em frente à minha cama começou a vacilar e a estalar, e vinham dele ruídos explosivos. Fiquei aterrorizada e toquei a campainha para chamar a enfermeira. No momento em que ela entrou no quarto, as manifestações cessaram; mas eu sabia que, quando ela saísse de novo, o surto voltaria a repetir-se.

Expliquei à enfermeira o que acontecera e pedi-lhe que ficasse comigo. Ela fez-me a vontade e ficou um pouco. Mal ela saiu, o armário começou outra vez a tremer e uma explosão particularmente forte no seu interior abriu-lhe as portas de par em par. Consegui apenas tocar a campainha antes de cair num desmaio profundo. Demorei vinte e quatro horas a recuperar dos efeitos desta experiência. A enfermeira disse ao meu médico que, estando no

corredor, ouvira o ruído explosivo que ocorreu no meu quarto imediatamente antes de eu desmaiar.

Em resultado desta perturbação, o médico que me tratava admitiu agora que ele próprio era clarividente e disse-me que tinha a certeza de que eu acabara de passar por uma importante experiência psíquica; mas, para além disso, não me podia prestar mais ajuda na compreensão do que acontecera. Por muito que eu me tivesse assustado naquela altura, a experiência aguçou as minhas perceções clarividentes; estavam agora definitivamente abertas e permaneceram ativas desde então. O conhecimento deste novo desenvolvimento em mim levou-me a tentar descobrir que princípios tornavam possível a ocorrência de fenómenos psíquicos. Mal cheguei a esta determinação, o modo de a levar a cabo apresentou-se de forma quase milagrosa. Recebi um convite para visitar os Estados Unidos e trabalhar lá sob os auspícios da Sociedade Americana para a Investigação Psíquica.

Parte Cinco

PODERÁ A CIÊNCIA DESVENDAR O SIGNIFICADO DA MINHA MEDIUNIDADE E DAS MINHAS PERCEÇÕES SUPRANORMAIS?

Capítulo XXXIV

AOS ESTADOS UNIDOS EM BUSCA DE INVESTIGAÇÃO OBJECTIVA

NAVEGUEI para os Estados Unidos no outono de 1931 e trabalhei durante seis meses em Nova Iorque, sob os auspícios da American Society for Psychological Research. Parti de Londres esperando que a sociedade americana fosse muito mais científica do que os grupos espiritualistas com que eu trabalhara em Londres. A minha primeira desilusão surgiu quando descobri que, embora esta organização tivesse sido criada originalmente para a investigação psíquica, a maioria dos seus membros eram espiritualistas; estes, tal como acontecia com os ingleses, não se interessavam minimamente pela investigação objetiva dos fenómenos mentais. Fiquei espantada ao verificar que, no grupo americano, não se fazia qualquer tentativa de manter registos objetivos das sessões que eu dava. E de novo me vi rodeada de pessoas cujo único interesse era comunicar com os mortos.

Fiquei profundamente desiludida, mas permaneci na América para cumprir o meu contrato. Continuando sob os mesmos auspícios, visitei depois Los Angeles e São Francisco. A investigação nestas cidades era ainda menos objetiva do que o trabalho em Nova Iorque.

Contudo, depressa surgiu a oportunidade de realizar alguma investigação especial numa das bem-conhecidas universidades americanas. Soube que seria uma investigação sobre os meus poderes de transe, clarividência e psicométria. Passei algumas semanas nesses laboratórios a realizar essas experiências, mas os resultados nunca foram publicados.

O meu trabalho seguinte de investigação tratou da telepatia, efetuada à distância. Trabalhei este tema com vários psiquiatras e cientistas de renome na América, muito interessados no problema. Para além de mim, cada experiência incluía um responsável pela tomada de notas e dois investigadores. Um desses investigadores estava presente na sala comigo e com quem tomava notas, enquanto o outro se encontrava sempre a uma distância considerável; por vezes noutra parte da cidade, por vezes tão longe como do outro lado de um continente, ou mesmo do outro lado do mundo.

Embora os investigadores considerassem então as experiências como sendo puramente telepáticas, eu sabia que, para as realizar, tinha também de recorrer tanto à clarividência como à projeção; mas, como a própria telepatia era a única preocupação desses investigadores, nunca me pediram que explicasse como fazia o trabalho. Em todas essas experiências, os resultados foram notáveis; não só provaram a comunicação telepática, como também continham indícios de clarividência, previsão e clariaudiência.

Na sala preparada para a experiência, o investigador distante de mim e, naturalmente, invisível, preparava uma série de objetos, talvez sobre uma mesa; esperava-se que eu obtivesse uma impressão deles e os descrevesse à pessoa responsável pelas notas. Ao mesmo tempo, o investigador seleccionava também alguns assuntos em que pensar; podiam dizer respeito ao título e ao conteúdo do último livro que lera, ou ao acidente de automóvel que acontecera ao seu filho.

Se se esperava que eu captasse as impressões dos objetos pousados na mesa, o meu método era primeiro usar a projeção e depois a clarividência apenas; mas, quando tinha de captar pensamentos da mente do investigador à distância, primeiro utilizava a

projeção e depois a telepatia. Se o investigador distante pensava nos objetos sobre a mesa e eu recolhia essas impressões a partir dos seus pensamentos, então eu não estava a usar clarividência, mas telepatia. Nas muitas experiências que realizei deste tipo, não encontrei ninguém que tivesse consciência da subtil distinção entre as etapas destes processos de projeção, clarividência, telepatia e clariaudiência, e de como se relacionavam entre si. Para as explicar, terei de recorrer a exemplos concretos do meu próprio trabalho.

Tomemos, primeiro, como exemplo, uma das minhas experiências no que os investigadores chamam telepatia à distância. Contarei as circunstâncias de uma experiência efetiva, mas os nomes de lugares, personalidades e os materiais exatos usados na experiência estão propositadamente disfarçados. Realizámos esta experiência entre a Terra Nova e Nova Iorque. Eu estava em Nova Iorque; um conhecido médico organizara as condições do teste na sua casa, na Terra Nova. Eu sabia, por mim, que, para levar a experiência a bom termo, teria de usar projeção consciente a fim de chegar a esse destino na Terra Nova, ao qual se esperava que eu chegasse.

Será, portanto, necessário explicar o processo através do qual eu projeto deliberadamente. O que a ciência não aceita em geral, mas que eu, no entanto, sei ser verdade, é que toda a gente tem um duplo, de substância mais fina do que o corpo físico; alguns cientistas referem-se-lhe como corpo astral ou corpo etérico. Isto não deve ser confundido com o envolvente, que permanece na posição, envolvendo o corpo humano, enquanto o duplo pode ser projetado. É por meio deste duplo que se realiza a projeção, acidental ou consciente; ora, nestas experiências eu fazia projeção consciente e sei, pela minha própria experiência, que, quando projeto este duplo, fá-lo a partir do centro do meu peito, acima dos seios.

Desde o momento em que começo a projetar, tomo consciência, nesse ponto, de um puxão, acompanhado por um tremelicar, que faz o coração palpitar e acelera a respiração, acompanhado também, se a projeção for longa, por uma ligeira sensação de aperto na laringe e por uma sensação de vertigem. Enquanto a projeção continua, permaneço consciente dessas sensações que ocorrem no meu corpo físico.

Quando estou em estado de projeção, o duplo é aparentemente capaz de usar a atividade normal dos cinco sentidos que funcionam no meu corpo físico. Por exemplo, posso estar sentada numa sala, num

dia de neve, e, em projeção, alcançar um lugar onde o verão esteja, nesse momento, em pleno; nesse instante, consigo registrar, com todos os meus cinco sentidos físicos, a visão das flores e do mar, sentir o perfume das flores e o travo do borrito do oceano, e ouvir os pássaros a cantar e as ondas a bater contra a costa.

Curiosamente, nunca esqueço o mais pequeno pormenor de qualquer experiência desse género que me tenha ocorrido por via de projeção consciente, embora, na vida quotidiana, eu possa ser bastante esquecida e as memórias de lugares ou coisas se possam esbater. Talvez seja interessante notar aqui certas diferenças que me ocorrem durante a projeção consciente e inconsciente.

No estado inconsciente, quando posso estar a divagar em sonhos ou à beira do sono, o meu duplo pode escapar-se sem que eu o queira e, por vezes, embater em obstáculos no espaço que bloqueiam o seu movimento livre e causam uma repercussão no meu sistema nervoso e um choque ao meu corpo físico. Tais impactos nunca ocorrem quando me projeto voluntariamente no espaço; isto deve-se ao facto de então eu me deslocar conscientemente num estado mais flexível e fluido.

Passemos agora à experiência da Terra Nova mencionada acima: no meu estado projetado, naquele local da Terra Nova onde a experiência fora montada, dei por mim não só no local da experiência, como, antes de entrar em casa, consegui ver o jardim e o mar, bem como a casa em que devia entrar; cheguei mesmo a sentir a humidade do ar e vi as flores que cresciam ao longo do caminho. Depois atravessei as paredes e estava dentro da sala onde a experiência ia ter lugar.

Não havia ninguém ali e olhei para o andar de cima, à procura do experimentador que me tinham dito que estaria presente. Se tivesse de subir as escadas para o encontrar, isso significaria um esforço adicional da minha parte, mas, felizmente, ele desceu as escadas nesse momento e entrou na sala que eu sabia ter sido escolhida para a experiência. O que se passou a seguir envolveu não apenas telepatia, mas toda a gama de percepção supranormal, incluindo clarividência, clariaudiência e precognição. O médico que participava nesta experiência possuía também poderes de percepção supranormal e estava, evidentemente, consciente da minha presença e de que a experiência tinha começado. No que vou relatar a seguir, a prova da nossa consciência mútua tornar-se-á evidente.

Falando em voz alta e dirigindo-se a mim, disse: “Esta será uma experiência bem-sucedida”, e eu, sentada num quarto em Nova Iorque, consegui receber estas palavras, aparentemente através da audição física. O investigador na Terra Nova dirigiu-se ao meu duplo, que eu projetara no seu gabinete, e disse: “Agora olha para os objetos em cima da mesa.” A partir desse momento segui as suas instruções, muito à semelhança de uma pessoa hipnotizada que responde a uma sugestão. Consegui ver os objetos na mesa, não através da visão comum, mas pela visão clarividente; depois dei uma descrição do que via à anotadora que estava comigo em Nova Iorque.

Ouvi o médico dizer: “Apresenta as minhas desculpas aos experimentadores do teu lado. Sofri um acidente e não consigo trabalhar tão bem quanto esperava.” Transmiti o que ouvia na Terra Nova à anotadora em Nova Iorque, exatamente com as mesmas palavras que me tinham sido ditas, e descrevi também a ligadura na cabeça do médico. Mal o fiz, ouvi o experimentador em Nova Iorque comentar, num murmúrio: “Isto não pode ser verdade, porque recebi uma carta há poucos dias e o médico estava perfeitamente bem.”

A experiência continuou e permaneci no meu estado projetado; segui a atividade do investigador na Terra Nova. O passo seguinte foi ele dirigir-se lentamente à estante de livros do seu gabinete; antes de lá chegar, soube que pensava num determinado livro e percebi a sua posição na prateleira — isso era telepatia. Ele retirou o livro e segurou-o nas mãos com a intenção clara de que eu, estando presente, pudesse ler o título, e depois abriu-o e, sem falar, leu para si um parágrafo desse volume. O livro era sobre Einstein e as suas teorias da relatividade. O parágrafo que escolhera foi lido silenciosamente, e, enquanto o fazia, eu consegui receber da sua mente as impressões telepáticas do que ele lia.

O sentido da sua leitura, relatei-o com as minhas próprias palavras à estenógrafa em Nova Iorque. Entretanto, o experimentador, falando em voz alta, disse-me, no meu estado projetado, que durante aquela experiência ele também se projetara para o quarto, em Nova Iorque, do psiquiatra que era seu coexperimentador. Prosseguiu descrevendo as duas fotografias que vira ali durante a sua visita física anterior a Nova Iorque, mas agora explicou, desde a Terra Nova, que essas fotografias tinham sido guardadas e que o quarto do seu amigo fora redecorado desde essa visita física.

Essa foi a conclusão da experiência, e o registador comentou, quando terminou, que todo o procedimento durara quinze minutos. Se esta experiência se tivesse baseado apenas na telepatia, eu nunca teria conseguido alcançar nem ver o experimentador, o local ou a disposição da experiência. Tudo o que a telepatia pura poderia ter produzido seriam os pensamentos presentes na mente do experimentador e as impressões das palavras que ele me dirigira. O que tornava esta experiência invulgar e notável era o facto de o médico na Terra Nova também possuir o poder de se projetar, podendo assim receber impressões clarividentemente e telepaticamente do local em Nova Iorque, tal como eu me projetara e fizera o mesmo na sua casa, na Terra Nova.

O registo da experiência em Nova Iorque foi enviado nessa noite ao médico na Terra Nova. Na manhã seguinte, recebeu-se um telegrama dele; nele descrevia um acidente ocorrido pouco antes de começarmos a experiência, e, um dia depois, chegou uma carta sua, listando as etapas da experiência tal como a planeara. O telegrama provou que eu não só ouvira corretamente a sua mensagem, quando ele falara ao meu “duplo” lá, mas que efetivamente percebera a ligadura na sua cabeça. Recorde-se que ele começou a experiência prevendo que seria bem-sucedida; essa profecia foi mais do que confirmada pelos resultados extraordinários obtidos. Consegui captar e transmitir essa previsão telepaticamente; assim, neste caso, a precognição e a telepatia ocorreram simultaneamente.

Na sua carta soubemos que ele usara uma mesa sobre a qual colocara uma série de objetos que eu vira corretamente por meio da clarividência; cada passo da minha descrição do seu comportamento revelou-se também correto. O livro que ele retirou da prateleira, o título e o conteúdo que leu em silêncio correspondiam exatamente ao que eu descrevera, recebido através da minha própria projeção consciente e da aplicação da clarividência e da telepatia. Sem o uso dessas faculdades adicionais de percepção, uma experiência tão complexa não teria sido possível.

Os mecanismos que utilizo na precognição estão intimamente ligados aos mecanismos que já descrevi para a projeção. Este e todos os outros estádios do funcionamento psíquico são induzidos por alterações conscientes na minha respiração. Para realizar a precognição, tenho de conceber-me fora do tempo; esse é um processo

que aprendi em criança, quando me retraía dos movimentos curvos de cor e luz, para os observar mais de perto.

Ao recuar assim, percebo o ontem, o hoje e o amanhã como uma única curva, cuja circunferência se torna visível para mim em todos os pontos da sua superfície. Só ao sair do tempo, afastando-me do passado, do presente e do futuro, posso examinar cada um dos seus aspetos. Nesse estado, apresentam-se-me não em sequência, mas como existindo simultaneamente; nesse momento, o tempo perde toda a realidade e pareço capaz de viver no passado e no futuro ao mesmo tempo. Para mim, então, não pode existir tal coisa como o tempo presente, pois, no instante em que começamos a pensar no presente, este já é passado, e o futuro já é presente.

Pouco depois deste trabalho telepático, concluí uma investigação que já fora iniciada pelo famoso investigador psíquico Hereward Carrington. O seu estudo pretendia testar a validade de Uvani e Abdul Latif como personalidades em transe, completamente separadas da minha própria. Para esse fim, utilizou dois tipos de teste: a medição das reações psicogalvânicas e as conhecidas provas de associação de palavras; neste teste psicológico, se as reações associativas de Uvani, Abdul Latif e minhas, a uma mesma lista de palavras-chave cuidadosamente selecionadas, fossem todas diferentes, então presumivelmente essas duas personalidades em transe não estariam a recorrer à mesma memória subconsciente que a minha, e, portanto, as mentes desses dois controlos seriam consideradas psicologicamente separadas da minha.

O plano desta experiência valia a pena ser levado a cabo, e os resultados, na medida em que foram obtidos, mostraram certas diferenças notáveis nas respostas entre as alegadas personalidades em transe e eu própria; mas seria necessário um estudo mais aprofundado deste assunto para se tirar qualquer conclusão definitiva quanto à identidade ou não identidade das personalidades em transe comigo. Outro estudo de natureza semelhante foi levado a cabo comigo em Inglaterra durante o verão seguinte, por um investigador psíquico bem conhecido. As condições em que as experiências decorreram eram, a meu ver, insuficientemente científicas. O galvanómetro não era suficientemente sensível para registar as minhas reações exatas, e o investigador por vezes testava-me sem ter ninguém presente para testemunhar o trabalho.

Fiz várias tentativas, nessa altura, para interessar alguns cientistas que conhecia em investigação adicional de fenómenos mentais objetivos, esperando levá-los a repetir e, assim, voltar a verificar parte do trabalho que Hereward Carrington fizera comigo na América; mas sem sucesso. O assunto continua a ser importante e prestaria bons serviços a uma investigação séria, se fosse devidamente conduzida e cuidadosamente registada por investigadores treinados.

Capítulo XXXV

A MINHA MUDANÇA DE ATITUDE

PERANTE A MINHA MEDIUNIDADE

Como nenhum cientista que eu conhecia parecia disposto a aprofundar comigo a investigação da mediunidade mental, resignei-me a voltar ao meu trabalho com as sociedades espiritualistas. Então ocorreu algo inesperado. Eu, que até então dera muitas sessões bem-sucedidas todas as semanas, vi-me incapaz de produzir resultados. Perguntei a mim própria se a minha mediunidade em transe estaria a chegar ao fim e fui encorajada a acreditar nisso pelas pessoas que vinham ter comigo. A maioria considerava que a investigação científica era desnecessária e que as experiências provavelmente tinham interferido com as atividades do controlo.

Aprendi, porém, depressa que esse não era o ponto de vista do controlo; soube, por alguns dos participantes habituais, mais objetivos, que Uvani dissera que não cooperaria mais em dar conselhos e em produzir provas puramente pessoais para participantes que não estivessem interessados no método sério e objetivo do seu trabalho. Afirmou também que, durante muitos anos, tinha dado provas suficientes da verdade da “sobrevivência” e que estava agora disposto a tratar principalmente dos aspetos mais sérios da vida e da investigação. Voltei a ficar em conflito comigo própria quanto à natureza e ao significado de todo o meu trabalho em transe, e comecei a questionar a validade do meu controlo. Até então eu fora capaz de considerar Uvani como uma sombra empilhada no pano de fundo do meu trabalho que ajudara aos seus resultados.

Agora apresentou-se-me um novo problema. Se eu estava a falhar em produzir as provas que os espiritualistas procuravam, e se Uvani não queria continuar a cooperar dessa forma, perguntei-me seriamente

qual era, de facto, a natureza desse controlo. Teria ele alguma realidade para além de mim, e, se sim, seria a sua inteligência superior à minha? Comecei também a questionar se as provas de “sobrevivência” poderiam realmente ser obtidas por este método de mediunidade em transe que eu utilizava. As implicações profundas subjacentes a todo o processo de comunicação impuseram-se-me.

Eu estava sentada há mais de dez anos, atuando como o canal através do qual se realizavam alegadas conversas entre vivos e mortos; ou esse procedimento era um tremendo autoengano, e nada do que era dito provinha de fontes supranormais; ou então era uma fonte de verdade profunda e nunca deveria ter sido permitido que fosse tratado com ligeireza no manuseio casual dos chamados investigadores psíquicos, interessados em grande parte em mensagens pessoais.

Talvez, apercebi-me, os grandes filósofos e mestres de antanho compreendessem esta veracidade quando mantinham certas grandes leis espirituais afastadas da multidão, revelando-as apenas àqueles que tinham atingido um alto estado de ser. Comecei a sentir que os grandes mestres religiosos do passado tinham entendido este princípio de que o homem moderno parecia ignorante e que talvez isso estivesse na origem da divisão das religiões em ensinamento esotérico e exotérico.

Esta percepção foi-se tornando mais forte à medida que eu ponderava as suas implicações; sabia que o homem sempre fora capaz de obter conhecimento infinito do Universo por meio da Revelação, mas apenas quando o seu estado de ser estava verdadeiramente desejoso e interiormente preparado para a receber. De novo quis reconsiderar que finalidade ou significado poderia ser atribuído ao meu próprio trabalho como sensitiva. Tive de voltar atrás e reexaminar o processo pelo qual eu estabelecera a minha mediunidade em transe. Dei-me conta agora de que aqueles que me tinham conseguido ajudar a desenvolver as minhas faculdades mentais eram espiritualistas e tinham, inevitavelmente, condicionado os produtos das minhas comunicações em transe. A sua própria fé e o desejo de comunicar com os seus mortos tinham, passei a acreditar, dado o impulso inicial a essas comunicações em transe que obtinham através de mim. Se esta minha hipótese estivesse correta, então não poderiam outros participantes, que não tivessem uma filosofia espiritualista mas que procurassem sinceramente, através do meu transe, alguma outra

revelação de conhecimento ou confirmação de fé, alcançar também níveis de comunicação bastante diferentes?

Não demorou até eu compreender a resposta a esta pergunta; com a introdução da nova personalidade em transe de Abdul Latif, certos níveis de entendimento inteiramente diferentes começaram a abrir-se no meu trabalho em transe; temas como cura, filosofia e religião substituíram o fluxo de mensagens espiritualistas. Comecei também a entender que, se eu tivesse nascido noutra cultura ou civilização, teria sido condicionada a tornar-me um canal para comunicações bastante diferentes. Se tivesse nascido na Índia ou na China, ou no Congo, talvez só produzisse no meu transe tais comunicações quanto as procuradas pelos de fé local ou tradição cultural. Agora, creio, via um certo princípio em ação por detrás de toda a comunicação — a saber, que a mente subconsciente era um veículo capaz de se expandir indefinidamente e de contactar todos os possíveis domínios de compreensão que escolhesse alcançar.

Voltei destas especulações sobre o significado da capacidade do homem de chegar a áreas de entendimento para além do seu conhecimento consciente, para reexaminar os mecanismos pelos quais era possível comunicar. Isto levou-me a prosseguir com renovada seriedade na consideração da minha própria mediunidade e na análise dos meios pelos quais ela tinha lugar. Procurei esquematizar o processo da mediunidade em transe. Nele temos três personalidades a considerar — o controlo, o médium e o investigador. Cada um é limitado pelo seu próprio ponto de vista e experiência e, no caso de dois dos três envolvidos — controlo e médium; controlo e investigador — desconhecidos entre si pelas vias habituais de contacto humano e troca.

O que se passa entre estas três personalidades? Parti do pressuposto de que o controlo existe e, nesta suposição, permiti-lhe funcionar como a personalidade que afirma ser. Presumi que a sua experiência é condicionada, à sua maneira, tal como a do médium e a do investigador; a sua função, tal como a conhecemos, é transmitir comunicações através da mente do médium. Eis o que acontece numa sessão concreta. O investigador chega; o médium entra em transe e o controlo começa a falar. Suponhamos que este consulente veio falar com uma irmã falecida, plenamente convencido de que isso é possível.

O controlo descreve corretamente a irmã falecida e dá o seu nome como “Prudence”. O investigador diz que é verdade. Depois vem uma mensagem aconselhando o irmão a alienar a propriedade da família ao agente imobiliário que o visitará amanhã. Antes de o investigador aceitar este conselho, pede à irmã alguma prova real da sua identidade. Ela refere o anel de ametista que ele traz no dedo, que pertencera à mãe falecida; descreve também um acidente que lhe ocorrera no rio Sena, quando estudava em França, aos dezoito anos; descreve a morte do irmão mais velho após uma operação ao apêndice.

Todas estas provas o investigador admite serem verdadeiras. Pede então à irmã falecida, através do controlo, informações sobre o lugar que agora habita e pergunta pelas suas atividades presentes. Ela diz-lhe que está contente e a trabalhar arduamente no seu próprio desenvolvimento com outros que já partiram; mas é vaga quanto às condições da sua morada atual. Podemos tomar isto como exemplo do tipo de informação que surge numa sessão. Qual é, então, o valor de tal informação e por que mecanismos foi ela reunida e apresentada ao consulente?

Pelo que sei, ninguém procurou até agora uma resposta a estas questões, sobre a natureza e o funcionamento da mediunidade. Para a obter por mim própria, vi-me obrigada a examinar cada passo que tem lugar na mediunidade de transe.

Voltem, portanto, comigo ao exemplo que acabei de citar e comecem a observar o médium a entrar em transe, e o controlo a parecer tomar posse. (Sabemos que a ciência considera o estado de transe como produto da auto-sugestão, que pode ser produzido inicialmente por algum choque ou medo inesperado, ou pelo desejo do indivíduo de escapar a alguma condição dolorosa de vida; o seu aparecimento pode também dever-se à influência da sugestão de outra pessoa.)

O passo seguinte a observar numa sessão de transe é a forma como o controlo lida com a comunicação. O assistente médio costuma estar demasiado emocionado e ansioso para ser crítico quanto ao que acontece. O controlo apresenta em primeiro lugar ao investigador qualquer personalidade que esteja presente para ele. No exemplo que usei acima, era a irmã falecida, que ele descreveu como de olhos azuis

e com tranças de cabelo louro enroladas à volta da cabeça; deu o seu nome como “Prudence”.

O assistente aceita estas afirmações como corretas e concorda que as provas apresentadas pela sua irmã diziam respeito a experiências reais da sua própria vida. Este tipo de sessão ocorre frequentemente e foi-me dito que Uvani produziu muitas provas deste tipo, quando estou em transe. (Mas eu também sou capaz, em estado de vigília, de dar provas semelhantes clarivamente. Consigo ver parentes falecidos a rodearem as pessoas que procuram a minha ajuda e, por vezes, oiço os nomes desses defuntos e recebo a impressão da mensagem que desejam transmitir. Vejo tudo isto numa série de imagens e símbolos, que se deslocam e mudam perante a minha visão clarividente. Este é apenas o início do processo; a parte mais difícil e mais importante vem a seguir: é a interpretação dessas imagens e símbolos. O que não deve ser ignorado é que o significado dessas imagens e símbolos depende inteiramente da minha limitada interpretação humana.)

Este controlo, Uvani, tem sido questionado pelos meus assistentes mais objetivos quanto ao processo que utiliza na comunicação. Ele afirmou mais de uma vez que recebe mensagens por meio de impressões visuais e que tem de interpretar o significado dessas imagens para as projetar através da minha mente. Explicou como obteve a impressão dos nomes de parentes falecidos para um assistente. No exemplo que acabei de usar, do nome da irmã “Prudence”, Uvani explicou que primeiro viu uma coluna vertical; não tinha a certeza, ao princípio, se se destinava a formar um “I” ou um “F”; depois viu a imagem de uma bolsa, e então soube que a letra era “P”. Perguntou se a bolsa tinha algum significado para o assistente; recebendo uma resposta negativa, procurou mais associações com o significado da palavra “bolsa”.

Palavras como “cautela”, “poupança” e “prudência” ocorreram-lhe. Depois, num relâmpago, disse que “algo se encaixou” e soube que o nome era “Prudence”. Anunciou-o como o nome da irmã, e o investigador admitiu que assim era. O modo como o nome da irmã foi obtido por Uvani, enquanto eu estava em estado de transe, é exatamente o modo como eu trabalho no estado clarividente, de vigília. É-me evidente, a partir disto, que a estimulação que tem lugar nos estados de transe e de clarividência é semelhante. Isto, creio, abre um campo imenso para investigação objetiva no futuro, sobre como a

mente subconsciente chega a estas impressões através de imagens e símbolos.

Ao examinar o meu próprio processo de clarividência, dei-me conta de que obtenho o conhecimento que me ajuda a construir as imagens dos parentes e amigos falecidos daqueles que precisam de ajuda, a partir das mentes subconscientes dos assistentes. Não será, portanto, possível que o controlo faça o mesmo, com ou sem estar consciente de onde retira a substância para as suas imagens? Se houver verdade nesta conclusão minha, não haverá a possibilidade de a personalidade do controlo ser desnecessária para alcançar o que é considerado conhecimento supranormal? Tal informação pode estar ali, dentro de áreas da mente subconsciente, embora a mente consciente possa não estar dela ciente, nem saber como a alcançar.

Quer o material recebido por clarividência, ou em estado de transe, provenha do subconsciente do assistente, quer de níveis supranormais, é em qualquer dos casos recebido em imagens e figuras que necessitam de interpretação. Esta é a parte importante a recordar: os símbolos e imagens da visão clarividente ou da comunicação em transe podem ser mal interpretados e mal compreendidos. Enquanto a mente humana for responsável pela interpretação de assuntos que lidam com temas para além da sua própria experiência limitada, é inevitável haver inexatidão e distorção.

Se fosse possível que um habitante de outro estado de ser tentasse comunicar as suas ideias por meio de símbolos a um ser humano nesta dimensão, é muito duvidoso que o nosso tipo de inteligência humana alguma vez compreendesse plenamente o que estava a ser transmitido. Se o meu raciocínio sobre este assunto estivesse correto, levaria à conclusão de que nenhum controlo, nem estado de transe é necessário para obter o que se denomina conhecimento supranormal.

Hesitei em permitir-me pensar com demasiada persistência nestas linhas, visto que me apercebi de que a maioria dos investigadores experientes e treinados que conhecera (até então) não concordaria comigo. O meu desejo de explorar mais profundamente este aspeto do problema da mediunidade de transe e de toda a “comunicação supranormal” levou-me a ansiar por trabalhar com cientistas treinados, que se interessassem por um estudo tão sério dos fenómenos mentais.

Tornou-se praticamente impossível para mim continuar a dar “provas de sobrevivência” à maneira antiga, uma vez que já não tinha

a certeza de que viessem dos alegados mortos. Senti, a partir de então, que, se continuasse a dar tais provas através do meu estado de transe, poderia tornar-me cúmplice de fraude. Determinei, portanto, a fim de proteger a minha própria integridade, fosse eu compreendida ou não por espiritualistas e outros que desejavam sessões, começar a excluir este tipo de comunicação.

Isto obrigou-me a tornar-me mais objetiva em relação a mim própria. Não quis, inicialmente, tornar-me médium, e nunca procurei conscientemente este método de usar as minhas percepções supranormais. Nem nunca estive totalmente em paz com o meu trabalho de usar o transe para comunicação. Mas, ao mesmo tempo que ia rejeitando gradualmente a ideia do controlo como personalidade e rejeitando também a mecânica do transe como meio de alcançar conhecimento supranormal, estava, no entanto, consciente de que havia alguma Força fora de mim que trabalhava através de mim para produzir um funcionamento supranormal. Continuava sem saber como essa energia operava através de mim, de onde vinha e qual poderia ser o seu propósito.

Olhando para trás, ao longo da minha vida, eu sabia que, desde pequena, tinha consciência de sons, movimentos e cores que as outras pessoas aparentemente não sentiam nem viam; essas percepções desenvolveram-se e cresceram até eu descobrir em mim capacidades que me davam a habilidade de ver clarividemente, ouvir de forma clariaudiente e sentir telepaticamente o que se passava à minha volta. Ao longo dos anos, obtive provas objetivas suficientes para mim própria de que essas faculdades produziam resultados corretos; mas o que eu não sabia era como funcionavam, ou como eu viera a possuí-las. A resposta a estas perguntas, pensei, só poderia ser encontrada com a ajuda daqueles que estavam treinados em métodos exatos de ciência.

Capítulo XXXVI

O QUE DESCOBRI SOBRE TELEPATIA E CLARIVIDÊNCIA NA INVESTIGAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE DUKE

Como naquela altura me parecia não haver oportunidade de fazer investigação em Inglaterra, regressei à América no outono de 1933. Entrei em contacto com o já falecido Professor William McDougall, que então se encontrava na Universidade de Duke, e perguntei-lhe se sabia de alguma investigação objetiva neste campo a ser feita na América. Disse-me que a investigação em parapsicologia estava então a ser realizada na Universidade de Duke e que, se eu estivesse interessada em cooperar, teria todo o gosto em que eu fosse até lá e participasse nas experiências com o seu assistente, o Professor J. B. Rhine; mas o Dr. McDougall explicou que estaria ausente dessas experiências, pois estava prestes a regressar a Inglaterra.

Estava ansiosa e interessada perante a perspectiva de trabalhar, finalmente, numa Universidade que se preparava para realizar investigação objetiva deste tipo. Quando conheci o Professor Rhine, encantei-me com a sua franqueza, simplicidade e entusiasmo, e ouvi com interesse o seu plano de trabalho para estudar a telepatia e a clarividência. Disse-me que já tinha feito uma quantidade considerável de trabalho experimental com um grupo de estudantes e que agora aguardava com expectativa fazer um estudo semelhante comigo.

O Dr. Rhine explicou-me a forma como trabalhava para examinar as faculdades clarividentes e telepáticas e mostrou-me o (agora famoso) tipo de cartas especialmente concebidas que utilizava na sua investigação. As experiências até à data tinham-lhe mostrado que os estudantes que tinham capacidade clarividente também possuíam poder telepático e considerava igualmente possível que outras percepções supranormais viessem a ser reveladas e observadas por investigação futura.

Usava o termo Extra-Sensorial para descrever qualquer percepção que não pudesse ser atribuída ao funcionamento dos cinco sentidos comuns; abreviara este termo, por conveniência, para as iniciais ESP, que desde então se tornaram a condensação aceite para Percepção Extra-Sensorial em toda a investigação deste tipo. É desnecessário descrever a técnica do Dr. Rhine de testagem com as suas cartas especiais; ela é hoje bem conhecida, graças aos seus artigos em

revistas e aos seus livros, por aqueles que se interessam por este campo de investigação. Depois de realizar milhares de testes com os seus estudantes, o Dr. Rhine chegou a certas conclusões quanto aos seus poderes de telepatia e clarividência e despertou grande interesse e controvérsia no público em geral ao declarar que cerca de um em cada cinco dos estudantes testados revelava uma capacidade nítida de ESP.

Quando ouvi do Dr. Rhine que tinha estado a testar os seus estudantes quanto à capacidade telepática e clarividente por meio dessas cartas de ESP, aceitei com agrado a sua sugestão de me submeter às mesmas experiências. Ele achava que seria especialmente interessante verificar as minhas faculdades conhecidas de clarividência e telepatia através dos seus testes recentemente desenvolvidos.

Iniciei as experiências com interesse e entusiasmo, sem nunca duvidar de que seria simples para mim produzir resultados com bastante facilidade por meio desta nova técnica. Mas, após alguns testes de clarividência com as cartas, ficou evidente que as minhas pontuações eram invulgarmente baixas. Tendo eu feito durante muitos anos tanto trabalho bem-sucedido em clarividência e telepatia, comecei a perguntar a mim própria porque não conseguia produzi-los também com as cartas de ESP do Dr. Rhine.

O meu estudo desta revelação levou-me a certas conclusões definitivas sobre a razão pela qual o método através do qual eu tinha conseguido conscientemente produzir clarividência no meu próprio trabalho, no passado, não era aplicável aos testes de laboratório com as cartas de ESP. Procurei explicar as minhas conclusões ao Dr. Rhine e ele pareceu escutar com simpatia, mas, sem lhes dar consideração demasiado séria, pediu-me que continuasse os testes com as cartas da mesma maneira que os tinha começado. Assim fiz, para que pudesse completar a sua experiência e também para que eu pudesse continuar a examinar com o máximo cuidado cada passo da técnica do seu trabalho (e os meus resultados), tanto nas experiências comigo como com os estudantes.

Fui primeiro desafiada a reexaminar os processos pelos quais eu funcionava supranormalmente ao fazer estas experiências na Universidade de Duke. Declarei então ao Dr. Rhine que estava certa de que a clarividência e a telepatia dependiam de uma radiação ativa a registar-se entre duas pessoas ou entre um indivíduo e um objeto; e,

dato que as cartas de ESP careciam de tal radiação, elas não estimulavam a minha visão clarividente. Repito isto agora, não como mera teoria relativa às cartas de ESP, mas como conclusão prática baseada em anos de experiência supranormal.

Estou bem ciente de que, entre os investigadores psíquicos e aqueles poucos psicólogos que aceitam a validade da percepção supranormal, há pouco acordo quanto à natureza desses poderes ou quanto ao seu modo de funcionamento. Na maior parte do tempo, os cientistas e especialistas que discutem o assunto estão a teorizar sobre o que a telepatia ou a clarividência podem, ou não, ser; não sobre o que sabem como facto a partir do desenvolvimento das suas próprias faculdades psíquicas ou de qualquer investigação objetiva sobre o funcionamento desses poderes. Considerei o início das experiências de ESP do Dr. Rhine um passo promissor e importante na direção de uma investigação objetiva sobre a natureza do funcionamento supranormal.

Ouvi-o afirmar, numa palestra, antes de publicar os resultados do seu trabalho sobre ESP, que não acreditava que a teoria da radiação contivesse uma explicação possível para a clarividência e a telepatia. Noutra reunião, em resposta a uma pergunta, admitiu que não sabia o que era realmente essa Percepção Extra-Sensorial que estava a testar. O Dr. Rhine não é aparentemente o único cientista a trabalhar neste campo que desconhece a natureza desses poderes supranormais, pois ainda não consegui encontrar uma descrição exata do processo de clarividência ou de telepatia produzida por um psíquico ou por um investigador científico deste tema.

Isto dá-me coragem para avançar e tentar descrever, pelo menos, o que sei que ocorre quando me torno clarividente ou telepata. O método pelo qual me coloco num estado psíquico com a ajuda de certos processos de respiração e de estimulação proveniente de um objeto ou de uma pessoa pode não ser o modo como outros psíquicos trabalham. Mas estou consciente dos meus próprios processos ao longo de todo o trabalho e, portanto, procurarei descrever a forma como as minhas próprias faculdades supranormais se tornam ativas:

A clarividência, tal como a conheço, não pode simplesmente ser dirigida por encomenda para qualquer assunto em particular. Posso, ou não, ser capaz de obter conhecimento clarividentemente acerca de uma pessoa ou objeto específicos. Só o poderei fazer se receber um estímulo energético adequado (que explicarei adiante) do indivíduo ou

do objeto. Para atingir um estado psíquico em que consiga sentir e ver com clareza, necessito de tal estímulo. E então, o que me chega clarivamente, sinto e vejo simultaneamente numa série de imagens animadas, mas simples, como desenhos de criança. Depois de receber tais impressões e visões desta maneira, tenho de lutar para encontrar palavras que as interpretem adequadamente ao ouvinte. O que recebo pode ser muito ou pouco. Isto depende do grau do estímulo energético que recebo, bem como da minha própria condição de sensibilidade psíquica naquele momento.

Suponhamos que o objeto sobre o qual me pedem para ser clarividente é um relógio. Se fosse um relógio completamente novo, acabado de sair de uma fábrica, o máximo que conseguiria obter dele clarivamente seriam imagens ligadas à sua fabricação. Poderei captar episódios das pessoas na fábrica que colocaram as molas no lugar, ou daqueles que derreteram a prata para a sua caixa, ou do vendedor que o vendeu na loja. Mas o relógio ainda não teria desenvolvido uma “história pessoal” própria por ter estado muito tempo na posse de uma ou mais pessoas.

Por outro lado, se me pedissem que me tornasse clarividente acerca de um determinado relógio que passou por muitos donos, eu não poderia prever de que parte da sua história começaria a obter impressões clarivamente num dado momento, mas seria com certeza capaz de descrever alguns aspetos das suas andanças e, talvez, algo da vida dos seus vários proprietários. Tão imprevisível é este processo de psicometria clarividente que, num dia, poderei obter imagens da história de um dos donos do relógio e, noutro, episódios bastante diferentes da vida de outra pessoa que possuiu o relógio; e, no entanto, em muitas experiências deste género que realizei ao longo dos anos, os vários episódios podem revelar-se todos verdadeiros acerca desse relógio. Este tipo de clarividência referente a coisas é popularmente conhecido como psicometria, embora não seja uma palavra rigorosa para descrever o processo.

As pessoas, assim como os objetos, têm de emitir um estímulo energético pelo qual eu consigo trabalhar clarivamente. Mas, se quando começo a fazê-lo a estimulação natural que sei receber das emanções ou radiações ativas de pessoas ou objetos é interrompida ou não é permitida a sua entrada espontânea nas condições de uma experiência, então fico sem o estímulo natural que sempre considerei necessário para trabalhar supranormalmente.

Para mim, as cartas de ESP do Dr. Rhine, tal como o relógio novo que descrevi, careciam desse estímulo energético que me permitiria ver clarividemente os símbolos nas cartas à luz da sua própria radiação. Na verdade, durante muitos desses testes, parecia que ficava inibida, pelas próprias limitações impostas às experiências, de usar quaisquer poderes supranormais que eu possuísse. Mas, quando não os conseguia obter das próprias cartas de ESP, descobri que, por vezes, quando o Dr. Rhine estava fresco no trabalho, podia extraí-los da sua própria mente, quando se concentrava nelas. Sempre que utilizava este processo, as minhas pontuações na leitura das cartas de ESP no que se chamava clarividência aumentavam de forma perceptível.

Mas quero deixar claro que, quando fiz isto com o Dr. Rhine, estava, do meu ponto de vista, a trabalhar realmente telepaticamente e não clarividemente. A este propósito, é interessante notar que, sempre que fazia as experiências telepáticas planeadas com as cartas de ESP em Duke, obtinha melhores resultados do que com a clarividência. Quer fizesse essas experiências telepáticas com um dos estudantes, quer captasse as imagens das cartas telepaticamente a partir da mente do Dr. Rhine, em ambos os casos ficava liberta da limitação do uso direto das cartas e dos seus símbolos inanimados. Em vez disso, conseguia apanhar os símbolos em movimento que a mente do Dr. Rhine ou de um estudante projetava para mim através do espaço. Ao serem passados pela mente de outro, os símbolos eram assim de novo animados e registavam-se para mim supranormalmente.

A minha interpretação do que acontece, na minha própria experiência, é que o símbolo da carta, quando pensado, é projetado como uma imagem luminosa, movendo-se através do espaço, e chega-me assim como uma forma de radiação. (Na última parte deste livro discuto com maior detalhe o modo como acredito que tal radiação se regista através do espaço, atuando em todos os tipos de organismos, humanos e outros.) Aquilo que, desde a infância, tenho visto como uma envolvente nebulosa, a envolver cada organismo vivo, tem, segundo o meu entendimento atual, uma utilidade e um propósito definidos como recetor e transmissor de radiação em todo o universo. Nos últimos anos passei a chamar a essa aura humana, ou envolvente, um campo magnético.

Embora eu tivesse definido a minha posição relativamente à telepatia e à clarividência ao Dr. Rhine, ele quis que eu regressasse à Universidade de Duke e continuasse a trabalhar pelos seus métodos

experimentais por um segundo ano. Assim fiz, mas os resultados produzidos nunca tiveram, do meu ponto de vista, nada a ver com verdadeira clarividência; eram para mim, então como agora, apenas palpites sobre que imagens existiam na face das cartas de ESP do Dr. Rhine. Por muitos milhares de testes que pudessem ser feitos com a técnica seguida pelo Dr. Rhine e pelos seus assistentes, com os estudantes e comigo, as suas conclusões nunca alteraram a minha convicção pessoal de que eu me limitava a adivinhar os símbolos daquelas cartas de ESP.

A clarividência, tal como a entendo, a partir dos meus muitos anos de trabalho, depende, pelo menos para mim, do uso de uma radiação ou emanção ativa da pessoa ou do objeto como estímulo. Falei de um estímulo energético como sendo necessário na clarividência e na telepatia. Tive esse estímulo no meu trabalho em Duke, não das cartas de ESP, mas do interesse e do entusiasmo do Dr. Rhine pelo trabalho que estávamos a fazer. Repito: quando ele estava presente, eu conseguia produzir melhores resultados com as cartas de ESP, captando-as telepaticamente a partir da sua mente.

Para produzir bons resultados no transe e noutras formas de percepção supranormal, é também, segundo a minha experiência, necessário haver uma tal estimulação que se deve, ou à energia que irradia ou emana do objeto, ou ao interesse, simpatia ou desejo dos indivíduos que participam comigo numa experiência.

Digo isto, convencida de que nenhuma experiência séria ou bom trabalho para promover tal investigação pode ter lugar sem um ardente desejo, por parte dos experimentadores ou trabalhadores, de alcançar resultados positivos. Afirmção, fé e desejo são o estímulo energético necessário para produzir resultados, tanto na ciência como na arte e na vida. Sei que, ao fazer esta afirmação, estou a falar de um assunto que raramente foi reconhecido como de séria importância no desenvolvimento da investigação psíquica. Mas estou convencida de que muitos investigadores confundiram uma atitude negativa perante uma experiência com objetividade e, desse modo, fecharam as portas ao estímulo energético necessário ao sensitivo, envolvido na experiência de percepção supranormal.

Volto a resumir porque, do meu ponto de vista, me foi difícil ler as cartas de ESP do Dr. Rhine: deveu-se a três coisas; primeiro, que não consigo fazer verdadeira clarividência de repente e a pedido;

segundo, que, para mim, os símbolos nas cartas não me davam qualquer estímulo energético definido sob a forma de radiação; e, terceiro, que, se eu chegasse a captar imagens e movimentos das cartas clarividentemente, diziam respeito, como no caso do relógio novo, às pessoas que talvez tinham produzido ou concebido as cartas, ou aos lugares onde foram feitas, ou à substância de que foram fabricadas. Tudo isto, de acordo com o meu próprio conhecimento do assunto, teria sido um dado verdadeiramente clarividente na experiência, mesmo que não fosse a informação que o Dr. Rhine procurava naquele momento; tudo o que ele me pedia era que apreendesse os símbolos nas cartas.

Enquanto estive na Universidade de Duke, fiz também algumas experiências com o Dr. Rhine na leitura de caligrafia. Para esse fim, preparou uma série de envelopes uniformes. Dentro de cada um fora colocado um fragmento de caligrafia, talvez uma palavra ou uma frase de uma determinada pessoa. Isto tinha sido cuidadosamente embrulhado em muitas camadas e depois bem selado no envelope. Como teste, o Dr. Rhine esperava que eu pegasse nesses envelopes, um a um, e, por meio do que considerava psicometria, desse respostas com cada envelope de caligrafia a uma série de perguntas sobre o sexo e a idade do indivíduo, se era casado ou solteiro, a cor dos seus olhos e do seu cabelo e assim por diante.

Pela minha própria experiência, o excesso de coberturas sobre a caligrafia impedia-me de usar a psicometria e tornava necessário recorrer em vez disso à clarividência. A própria caligrafia não me dá a impressão; embora, se eu percecionasse a caligrafia, certamente obteria impressões a partir dela. Aquilo que eu tentava sentir, ao segurar o envelope, era a radiação da personalidade do escritor ali deixada por ele.

Esta experiência foi, do meu ponto de vista, outro esforço para forçar a percepção supranormal a canais especialmente selecionados e bastante arbitrários, a fim de responder a determinadas perguntas específicas e bastante limitadas. Por este método de tentar regular a minha própria clarividência, consegui muito pouco. Pois, se me colocasse num estado verdadeiramente psíquico, para ser clarividente acerca de um dado envelope que continha um pedaço de caligrafia, eu poderia, por acaso, obter alguma informação em imagens clarividentes (como no caso do relógio novo) sobre o autor da caligrafia ou sobre inúmeros outros aspetos da história daquele pedaço de escrita.

Para explicar mais especificamente porque é que eu poderia não conseguir obter a informação necessária para responder a essas perguntas, poderia por vezes perceber a imagem de quem preparou o envelope de caligrafia para o teste, ou de quem o manipulava por último, em vez da pessoa cuja caligrafia estava no papel no interior. Todos estes fatores contribuintes conduzem a uma série desconcertante e complicada de imagens clarividentes que tornam, do meu ponto de vista, completamente impossível estudar ou avaliar a clarividência por meio de uma técnica tão arbitrária.

A percepção supranormal, quer para clarividência pura, psicometria ou telepatia, pode, até certo ponto que conheço, ser focada e conscientemente auxiliada pelo meu próprio controlo, de modo a tornar-se conscientemente ativa ou conscientemente fechada. Mas já expliquei a importância vital de um estímulo energético que atue espontaneamente para criar um estado psíquico no qual eu consiga ser clarividente. Tudo quanto disse sobre a impossibilidade de me tornar clarividente a pedido, no que respeita a um baralho de cartas de ESP, aplica-se também a tornar-me arbitrariamente clarividente acerca de um questionário relativo a um indivíduo cuja caligrafia por acaso seguro, encerrada num envelope.

Não posso afirmar que tenha trabalhado a partir de níveis psíquicos quando li cartas para o Dr. Rhine, ou quando respondi a um questionário sobre a vida de um indivíduo cujo pequeno fragmento de caligrafia se encontrava num envelope à minha frente. Obliquei-me a dar respostas a ambos os tipos de questionamento, nesses testes de clarividência e telepatia em Duke. Mas, de acordo com o meu conhecimento dos processos de clarividência e de telepatia, limitei-me a adivinhar. O resultado de novas experiências que realizei com o Dr. Rhine, enquanto me encontrava em estado de transe, foi publicado; ele tinha dedicado pouco tempo ao estudo da natureza da personalidade de controlo em transe e, por isso, pouco me podia ajudar sobre este assunto.

Embora me tivesse agradado e interessado trabalhar com este professor universitário nos termos das suas próprias experiências, não descobri que tivesse quaisquer respostas para certos problemas vitais que continuavam a preocupar-me. Continuava a procurar respostas para o mistério dos mecanismos dos meus poderes supranormais e para o significado da minha mediunidade de transe. A percepção

supranormal não está sujeita, até agora, às mesmas leis que o nosso pensamento racionalizado.

As percepções supranormais, tal como as experienciei, não são limitadas nem pelo tempo nem pelo espaço. É verdade que a ciência ainda não conseguiu descobrir as leis pelas quais a mente é capaz de funcionar telepaticamente ou clarividentemente. Mas creio que não estará distante o tempo em que a investigação poderá tanto medir como fotografar essas energias humanas pelas quais ocorre a percepção supranormal.

Capítulo XXXVII

ANÁLISE SOB HIPNOSE E OUTRAS EXPERIÊNCIAS DÃO- ME MAIOR CONTROLO SOBRE OS MEUS PODERES SUPRANORMAIS

No meu regresso a Inglaterra, em 1934, para o verão, estava pronta para empreender uma oportunidade de investigação adicional. O Dr. William Brown, o conhecido psiquiatra inglês que fundou o laboratório experimental de psicologia na Universidade de Oxford, queria que eu iniciasse um novo tipo de investigação sobre a natureza e o mecanismo do transe. No ano anterior, realizara algumas experiências de transe comigo, nas quais comunicou com a personalidade Uvani; depois disso, fez uma tentativa de me hipnotizar e voltou a conseguir alcançar o Uvani nessas condições.

Isto levou o Dr. Brown a propor um novo tipo de experiência; sugeriu que, se eu estivesse disposta, gostaria de fazer um estudo de personalidade múltipla, analisando-me sob hipnose. Não era a primeira vez que tal proposta me era feita por psiquiatras e analistas, mas agora sentia-me, pela primeira vez, pronta para empreender seriamente uma experiência dessas. Chegara, através da minha própria investigação dos processos do meu transe, a um ponto em que acolhia com agrado a perspectiva de qualquer luz adicional que a análise me pudesse trazer sobre a natureza da minha própria mediunidade; esperava também que oferecesse um método objetivo de testar a realidade ou não-realidade das personalidades de controlo.

Deixei claro ao Dr. Brown que estava plenamente consciente do ponto de vista psiquiátrico sobre a natureza do transe — que se tratava de uma forma de fuga neurótica — e que sabia que era considerado

por psiquiatras e outros como uma dissociação da personalidade; tinha igualmente consciência de que qualquer psiquiatra que tentasse analisar-me, quer o fizesse com hipnose quer sem ela, procuraria a causa fundamental da minha dissociação em algum choque ou medo na primeira infância. Declarei que estava disposta a cooperar com ele nessa análise e que estava perfeitamente preparada para arriscar a perda da condição de transe e o eventual desaparecimento dos controlos, caso estes se revelassem nada mais do que “uma dissociação da minha própria personalidade”.

Fui aconselhada por alguns dos investigadores sérios da pesquisa psíquica a não me submeter a estas experiências com o Dr. Brown, receando que conduzissem a uma rutura do meu desempenho em transe. Mas acolhi esta oportunidade. Para além das minhas dúvidas e desilusões anteriores em chegar a qualquer compreensão clara desses estados psíquicos, continuava também a interrogar-me se os médicos não teriam razão quando tantas vezes sugeriram que a minha mediunidade de transe era um fator contributivo para a minha constante má saúde.

Enquanto fui submetida à análise, o assistente do Dr. Brown registou os meus reflexos galvânicos. Tive menos de uma dúzia de consultas com ele. Na primeira sessão pediu-me, ainda em estado de vigília, que recordasse todas as memórias que pudesse da minha infância; o restante trabalho teve lugar enquanto eu estava sob hipnose; mas é importante notar que o Dr. Brown nunca alcançou os controlos por este método. Assim, na última consulta, antes de ir de férias, pediu-me que entrasse em transe. Quando acordei, o Dr. Brown disse-me que, nessa ocasião, tinha falado com o Uvani.

Não houve mais sessões. Embora nessa altura não tivesse obtido maior compreensão da minha própria mediunidade, depressa provei a mim mesma que um novo domínio do meu funcionamento supranormal se tornara meu. Isto foi importante e imprevisto. Agora desenvolvi, ao longo dos meses seguintes, a capacidade de penetrar nesses níveis de consciência de onde os controlos retiravam o seu conhecimento supranormal.

Isto aconteceu como resultado do meu estudo e contemplação cuidadosos do método pelo qual o Dr. Brown conseguira fazer com que eu recordasse, ao despertar, exatamente o que dissera no sono hipnótico. Sentia-me certa de que poderia aplicar a mim própria o

mesmo princípio de sugestão hipnótica que o Dr. Brown usara comigo. Cheguei também à conclusão de que, se fora capaz de falar sob controlo hipnótico, poderia igualmente escrever para mim mesma nesse estado. Por isso, durante alguns meses, experimentei desenvolver escrita automática por meio de autossugestão. Acreditei que, se comesse a dar a mim própria a sugestão necessária antes de entrar em transe, então não só conseguiria penetrar nesses outros níveis de consciência, familiares aos controlos, como a minha escrita automática revelaria factos sobre os níveis visitados.

É necessário explicar, para quem não está familiarizado com os mecanismos da mediunidade, que até ao momento desta análise com o Dr. Brown todas as minhas palavras em transe pareciam, pelo que me era relatado, ser transmitidas ou através dos controlos (Uvani, etc.) ou de outras personalidades específicas de transe. Mas nunca, em momento algum, fui capaz de aceitar a existência da individualidade de qualquer chamada personalidade de transe que afirmasse comunicar através de mim; embora tivesse aceite como genuína a informação extraída desses outros níveis de consciência, através dos quais essas personalidades de controlo pareciam trabalhar. Isto deixou-me, portanto, na posição algo paradoxal de duvidar da realidade dos controlos, reconhecendo ao mesmo tempo a validade da fonte de onde extraíam o seu conhecimento supranormal.

A escrita automática é, presentemente, um processo pouco compreendido e muito mal usado. O que se reivindica ser obtido por este método, a partir de fontes supranormais, pode muitas vezes não passar de uma expressão dos conflitos e desejos inconscientes do escritor humano que produz esses escritos. Mas, embora muitos desses textos resultem de conflito subconsciente e autoilusão, há um pequeno número que merece verificação objetiva. Considero as minhas próprias experiências com escrita automática, realizadas nesta altura por autossugestão, como de nenhuma importância para ninguém além de mim. E só me refiro a elas porque desempenharam um papel importante no início da minha libertação de uma dependência adicional das personalidades de controlo, no meu desenvolvimento supranormal.

Os meus escritos automáticos tratavam não apenas do assunto da minha vida imediata, mas também do que parecia relacionar-se com possíveis estados anteriores de consciência. Parte desse material foi

sem dúvida extraída do meu subconsciente, mas uma grande parte dele, estou convencida, vinha de veios do supraconsciente.

Como é que então, durante esta experiência, passei a distinguir entre os níveis da mente subconsciente e supraconsciente? O subconsciente, reconheci-o tanto em imagem como em símbolo, como representando os conflitos da minha vida diária; mas, para além desse nível, descobri ainda outras áreas que precisavam de ser exploradas. Fui gradualmente compreendendo que estava a extrair de uma zona menos pessoal e mais alargada, que se estendia para lá dos limites da experiência do subconsciente. Nela, encontrei imagens vívidas de lugares e pessoas distantes e desconhecidos, fragmentos de música estranha, cores raras e línguas não familiares.

Estas experiências não tinham qualquer relação com aqueles sonhos (subconscientes) de conflitos e problemas da vida quotidiana; com tais símbolos oníricos, sempre fui capaz de lidar, interpretando-os com bastante facilidade para mim própria. Mas, nessas cenas mais profundas e desconhecidas, apercebi-me de que estava a recorrer a áreas além das relacionadas quer com os meus estados de vigília quer com os subconscientes. Só conseguia explicar o meu profundo sentido de ligação com tais experiências remotas, mas ainda assim comoventes para a alma, como devendo-se ou à sua associação com possíveis outras vidas que eu teria vivido, ou com memórias de raça.

A penetração dessas áreas supranormais tornou-me consciente de uma consciência maior do que qualquer coisa que alguma vez antes concebera. Um sentido de suprema lucidez impregnava-me; era um estado no qual me era permitido participar e receber conhecimento de alguma fonte última para além dos limites do ser pessoal.

Os controlos não tinham sido dissipados por meio da análise sob hipnose, nem qualquer nova interpretação do seu significado me ocorreu durante o meu trabalho com o Dr. Brown. Tive de admitir que ainda não se encontrara nenhum cientista capaz de interpretar o verdadeiro significado da comunicação em transe. Voltei a perguntar-me se toda a estrutura da mediunidade não dependeria de uma forma de telepatia e se o médium não extrairia informação para as comunicações do subconsciente do assistente. De regresso à América pela terceira vez, falei a um dos maiores cientistas vivos sobre o impasse das minhas investigações da mediunidade de transe.

Não só era ele perito no seu próprio campo, como possuía uma compreensão e um conhecimento mais abrangentes dos fenômenos supranormais e das leis que os regem do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Sugeriu-me que, se quisesse penetrar mais profundamente no problema da minha própria mediunidade, deveria encontrar forma de fazer uma investigação objetiva dos controles; para isso, propôs que eu conseguisse que algum médico com a formação adequada fizesse um estudo dos estados fisiológicos que se registavam enquanto eu estava em transe e fora dele, para que a ciência pudesse começar a aprender o que é realmente um estado psíquico.

Esta sugestão interessou-me profundamente e deu-me uma nova via de abordagem, pela qual um estudo sério dos controles e do estado de transe poderia finalmente ser feito.

Não tardou que eu descobrisse que o médico que cuidava da minha saúde geral tinha formação suficiente para realizar estes testes fisiológicos para mim. Ele fez uma série dessas experiências, primeiro comigo em estado de vigília e depois com os alegados controles, quando eu estava em transe. Infelizmente, estes testes fisiológicos ficaram incompletos e foram realizados com demasiada imprecisão para permitir que deles se retirassem deduções científicas. Empreendeu-se outra experiência em linhas semelhantes aquando do meu regresso a Londres.

Os investigadores dedicaram-lhe muito pouco tempo; apenas três testes de reações fisiológicas foram registados. A partir dessas poucas experiências feitas sobre os alegados controles e sobre mim, foi então elaborado um relatório, declarando que não era evidente qualquer diferença entre as respostas que eu apresentava nos estados de vigília e de transe. Permaneci, no entanto, convencida de que, apesar de esse relatório ser negativo, a investigação fisiológica da mediunidade de transe, estudada de forma rigorosa e objetiva por investigadores treinados, revelaria dados interessantes e úteis para a humanidade; pois não esqueci que foi um dos maiores cientistas do nosso tempo quem propôs este método experimental de investigação fisiológica das personalidades de controlo e de mim própria.

Fiz mais um trabalho de investigação nesse verão em Inglaterra; tratou-se de uma repetição do tipo de trabalho que o Dr. Rhine tinha estado a fazer com as cartas na Percepção Extrassensorial. Ao iniciar

esta segunda experiência para testar a clarividência e a telepatia com as cartas de ESP, sabia que o meu trabalho seria limitado pela natureza das cartas, tal como nas experiências anteriores na Universidade de Duke. Mas pedi a uma amiga minha, que conhecia bem a amplitude do meu trabalho psíquico, que, se possível, assistisse a uma dessas experiências em Londres. Queria a verificação das minhas próprias reações a este tipo de trabalho antes de fechar a porta a tal via como possível meio de estudo.

Ela recebeu um convite do investigador para participar numa das experiências com cartas de ESP. Não fiz qualquer comentário à minha amiga, nem antes nem depois da experiência, quanto à minha própria atitude em relação a esses testes com cartas. Quando o trabalho desse dia terminou, deixámos o laboratório juntas, e a sua primeira observação para mim foi que eu parecia não ter mostrado quaisquer sinais de trabalhar psiquicamente em momento algum durante os testes com cartas de ESP para clarividência. Concordei com o seu comentário, pois sabia que, ao ler essas cartas de ESP em Londres, não me encontrava num estado psíquico.

Tinha novamente, como na Universidade de Duke, feito um esforço sincero, ao experimentar com essas cartas, para aplicar os meus próprios poderes de clarividência e de telepatia. Mas, pelas mesmas razões que anteriormente apresentei, ao lidar com os testes de clarividência e telepatia do Dr. Rhine, com essas cartas de ESP idênticas, não consegui tornar-me psíquica perante os seus símbolos. Consequentemente, vi-me forçada a dar as minhas respostas por aquilo que considero um processo de adivinhação, totalmente alheio quer à clarividência quer à telepatia; não me surpreendeu, portanto, ouvir que os resultados dos meus testes com cartas de ESP em Londres foram inteiramente negativos.

Terminadas estas experiências, um amigo recordou-me que, numa comunicação em transe que recebera, alguns meses antes de eu iniciar as experiências inglesas, lhe fora dito pelo controlo que o meu trabalho no verão seguinte, em Inglaterra, não conteria senão resultados negativos. O controlo enviou-me esta mensagem através desse amigo, aconselhando-me a não trabalhar de todo nesse verão, porque eu, até então, recuperara muito pouca vitalidade de uma doença grave anterior.

Como, no entanto, nunca tomei a sério os conselhos ou as opiniões dos controlos relativamente à minha própria vida, pus de lado essa sugestão e, apesar da má saúde, tentei realizar uma grande quantidade de trabalho experimental nesse verão. Em retrospectiva, devo, com franqueza, admitir que, qualquer que tenha sido a Força que me deu esse conselho, tanto a previsão como o conselho que ofereceu ficaram mais do que justificados pela falta de êxito no trabalho desse ano.

Muitas vezes me perguntaram como encaro os conselhos e sugestões dados pelos meus próprios controlos para meu benefício. Repito: nunca estive disposta a aceitar inteiramente a realidade desses controlos como personalidades, mas aceito a autenticidade de certos conhecimentos que recebo supranormalmente através deles. Sempre encarei a direção da minha própria vida como responsabilidade minha e, por isso, nunca senti necessidade de ajuda ou conselho externos. Tive a sorte de estar sempre consciente de um poder muito definido dentro de mim, do qual posso lançar mão quando necessário para ajudar, quer a mim, quer aos outros.

Por meio desta percepção mais fina, que mal me parece supranormal, já que tem sido parte de mim desde a mais tenra infância, sempre fui capaz de alcançar qualquer conhecimento de que pudesse necessitar para mim própria ou para aqueles que me são próximos. Tenho considerado este poder como uma responsabilidade e um encargo sagrados, e não permito que nenhuma experiência pessoal ou a opinião de outros interfira no seu verdadeiro funcionamento. À medida que fui ganhando mais facilidade em alcançar conscientemente essas áreas, consideradas por alguns como subconscientes e por outros como supraconscientes, passei a perguntar-me se as chamadas personalidades de controlo, bem como eu, no meu estado de vigília, não colherão da mesma fonte externa de conhecimento e entendimento, embora de maneiras algo diferentes.

A atitude da medicina e da psicologia para com aqueles que possuem qualquer forma de mediunidade ou sensibilidades especiais é colocá-los na categoria de neuróticos, histéricos ou mesmo esquizofrénicos, e considerar que assim ficam finalmente classificados e descartados. Mas, como sugeri ao traçar as fases da minha própria investigação com um número de investigadores experientes e bem conhecidos, nenhum deles foi capaz de me lançar nova luz sobre a natureza e os mecanismos da minha mediunidade e, em cada etapa, vi-

me sempre obrigada a reexaminá-la por mim própria. E sinto-me obrigada a afirmar, não por desejo de defender a mediunidade em geral, mas para me libertar destes falsos rótulos de anormalidade, que não encontro em mim quaisquer sinais de ser neurótica ou histérica nos meus ajustamentos à vida.

Antes diria que me acho mais sã, mais objetiva e mais prática no enfrentar da vida do que muitos dos não-médiuns que encontro na minha existência social e profissional. E devo acrescentar que quaisquer perturbações de má saúde que foram minhas não se devem, primacialmente, à minha mediunidade, mas a uma constituição extremamente fraca, herança de família. As minhas investigações dos fenómenos da mediunidade convencem-me de que estes não são sensibilidades novas ou alheias, mas antes refinamentos dos sentidos físicos que todos os homens possuem naturalmente. Não posso, portanto, aceitar a explicação habitual da mediunidade como um desenvolvimento anormal ou supranormal.

Parte VI

DESCOBRO POR MIM UM SENTIDO PARA A MEDIUNIDADE

Capítulo XXXVIII

A MEDIUNIDADE E OUTRAS PERCEÇÕES SUPRANORMAIS TAL COMO AS VIM A CONHECER

No final do verão de 1937, perguntei a mim própria que novo entendimento dos meus próprios poderes supranormais tinha alcançado ao submeter-me, durante alguns anos, a uma investigação árdua e objetiva sob a direção de vários médicos e professores universitários reconhecidos, tanto nos Estados Unidos como em Inglaterra. Entre esses homens contavam-se muitos reconhecidos líderes nos campos da psiquiatria e da medicina interna, bem como da biologia e da psicologia.

Todas as partes da minha anatomia foram examinadas, em determinado momento, pelos diversos especialistas e investigadores que realizaram essas experiências. Usaram-se raios X e fluoroscópios, galvanômetros e cardiogramas. Todos os meus órgãos sensoriais foram testados; examinaram-se o meu sangue, coração, peito, garganta, nariz e vários órgãos internos. Alguns desses testes foram

feitos enquanto eu estava em transe e fora dele. Outros realizaram-se sob hipnose, bem como em estado de vigília. Registaram-se as minhas reações físicas, mentais e emocionais em transe e sob hipnose, assim como nos meus estados normais de vigília.

E que luz, perguntei-me então, lançara toda essa investigação científica, ao cabo de sete anos, sobre a natureza e o mecanismo do meu funcionamento supranormal? Em termos dos relatórios e investigações dos médicos e professores, responderia que as experiências mostraram resultados escassos e nenhuma conclusão esclarecedora quanto à natureza dos meus poderes supranormais. Mas, em termos da compreensão dos meus próprios poderes supranormais, concluí que realmente aprendera bastante, para mim, sobre como funcionar conscientemente em telepatia, clarividência e precognição.

Tinha também feito algumas descobertas interessantes sobre o funcionamento da minha mediunidade mental e chegara a certas conclusões sobre a natureza da mediunidade física. Cada experiência por que passei obrigou-me a reexaminar a maneira como eu trabalhava supranormalmente e mostrou-me por que não podia aceitar como válidas certas técnicas científicas utilizadas como meio de testar ou investigar os meus poderes supranormais.

Sei agora que a maioria desses investigadores não procurava respostas às que considero as questões fundamentais relativas aos fenómenos supranormais. E, até que a ciência enfrente o modo de funcionamento da clarividência, clariaudiência, precognição e da mediunidade física e mental, nada de revelador e conclusivo será alcançado.

Entre os cientistas que fizeram investigação comigo, apercebi-me de duas atitudes fundamentais: uma minoria interessava-se por uma abordagem pessoal à minha mediunidade como meio de obter conhecimento e informação a aplicar à sua própria vida e trabalho. Tais investigadores, se questionados, certamente negariam qualquer interesse privado ou confiança neste aspeto prático do meu trabalho. Os registos dessas investigações, em que os investigadores estavam pessoalmente envolvidos, não serão, estou certa, em consequência da sua identificação emocional com a matéria, jamais publicados.

A atitude, porém, da maioria dos cientistas que trabalharam comigo foi de outra ordem. Consideravam-se objetivos e de mente aberta, mas encaravam a investigação da mediunidade e de outros

fenómenos supranormais com uma atitude de negação. Embora sempre tenha acolhido o ceticismo e o desprendimento dos observadores científicos que trabalharam comigo, passei a crer que essa abordagem pessoalmente negativa, em vez de positiva e criticamente objetiva, pode interferir com o procedimento desprendido da investigação pura.

Entre os muitos cientistas que conheci, houve apenas um que combinava, com uma formação científica excecional, um genuíno poder psíquico próprio e uma compreensão profunda de como ele funcionava. Talvez, sem tal conhecimento, o cientista que tenta investigar fenômenos supranormais nunca consiga desenvolver uma técnica adequada para a sua investigação. E, sem esta compreensão fundamental da natureza dos processos psíquicos no seu próprio ser, o investigador será constantemente assaltado pelo medo e pela dúvida e, assim, negará e destruirá a sua própria investigação.

Mas esse estado de medo e negação reside em muitos homens; temem a mudança e resistem a qualquer pressão que os desvie de caminhos familiares para os menos conhecidos. O homem agarra-se ao que espera que permaneça como a segurança de um padrão antigo, em vez de arriscar as formas não experimentadas do novo. Só algum choque ou crise terrível força a massa dos homens a quebrar o seu hábito e tradição seculares. Quando a negação surge sob o disfarce do medo e da insegurança, volta a manada de homens contra os poucos que servem de vanguarda para abrir novos caminhos aos que seguem.

Vemos hoje a mesma luta, na educação e no governo, bem como na medicina, na física e na biologia, contra as novas implicações de maior liberdade pessoal e mais ampla responsabilidade social para todos. Tais mudanças são resistidas porque a velha ordem serviu no passado.

À medida que fui compreendendo o desenvolvimento da minha própria mediunidade, soube que as minhas capacidades psíquicas tinham, na verdade, começado a desenvolver-se na minha primeira infância. Aquilo a que então chamava o meu primeiro sentir e ver de movimentos, de luz, som e cor foi um aspeto importante do crescimento dos meus poderes supranormais. Quando me apercebi pela primeira vez dessas envolventes nebulosas de todos os organismos vivos, comecei a estudá-las e descobri que pareciam contrair-se e expandir-se, como se respirassem com um “pulmão

exterior”. Nessa altura percebi também, e desde então tenho estado sempre consciente, de que a luz, a cor e o odor eram dados às flores, à medida que respiravam suavemente para dentro, por meio da sua envolvente. Desde a mais tenra juventude, observei essas envoltentes ou auras de todos os animais, plantas e do homem, a funcionarem com o mesmo princípio de uma suave inalação e exalação exteriores.

Não só tomei consciência desse processo de respiração que tinha lugar nas envoltentes dos organismos vivos que estudei, como também fiz determinadas descobertas acerca do ritmo da minha própria respiração. Isto tornou-se muito importante para mim mais tarde; eu podia, quando queria, alterar conscientemente o meu modo de respirar para passar de um estado psíquico a outro. Menciono o controlo dos tempos da respiração porque desempenha um papel vital em todo o meu trabalho supranormal. Poucas pessoas se apercebem de que existe sempre esta ligação íntima entre a forma como respiro e o tipo de estado psíquico que desejo induzir. Isto aplica-se não só ao meu movimento consciente para o transe, mas também ao meu poder de passar, à vontade, para o estado clarividente, clariaudiente ou precognitivo. Cada estado requer um tempo de respiração diferente.

Se este princípio da respiração controlada fosse mais claramente entendido pelos que são sensitivos, poderiam assim ajudar a regular o seu próprio estado psíquico e evitar grande parte da histeria habitualmente associada às fases preliminares do desenvolvimento mediúnico. A hipersensibilidade é uma parte inevitável da natureza psíquica, mas pode ser tanto controlada como protegida pelo uso de uma respiração especializada. E, no entanto, este é um assunto de que nunca ouvi falar, quer por psíquicos quer por aqueles investigadores no Ocidente que se têm ocupado do estudo da natureza e do mecanismo das percepções supranormais.

Ninguém me mostrou como controlar a respiração desta maneira. Creio que aprendi pela primeira vez a sustentar e a alterar o ritmo da respiração naqueles primeiros dias no meu jardim. Talvez fosse o assombro e a admiração perante essas primeiras experiências de infância de entrar num mundo rodopiante de luz e movimento que provocaram um estado de súbita suspensão, tão sem fôlego que comecei assim a refrear a respiração e, portanto, a alterar pela primeira vez o seu ritmo normal.

Ainda me recordo de que, nesses dias juvenis, ordenava a mim própria e às flores que fôssemos completamente imóveis. Ficava suspensa, quase sem respiração nem movimento, para poder entrar no ritmo e na cor à minha volta, sem perder um único som ou movimento. Destas primeiras experiências de sentir e ver nasceu o meu hábito de dar a mim própria ordens mentais ou vocais, que se desenvolveram numa técnica consciente de aplicar a autossugestão a todos os aspetos da minha vida. A minha posterior descoberta do uso da sugestão como meio prático de superar as dificuldades da existência pode ter nascido de viver tanto tempo sozinha e de ser tão pouco compreendida pelos adultos, que fui forçada a depender inteiramente de mim própria para orientação.

Sempre esta luz, cor e odor que sinto e vejo me chegaram num estado de movimento incessante, indo para ou vindo do organismo sob a forma de raios ativos. Cada tipo de ser vivo tem, para mim, o seu próprio género particular de radiação, seja uma flor, um animal, um metal ou uma pedra. No homem, os raios de luz e cor são mais condensados do que os dos organismos inferiores.

Para realizar percepção supranormal, entro na própria vida desses raios de luz, som e cor e uso os raios de luz como alguém poderia usar um telescópio para ver o que está para além e dentro do corpo protegido pela sua própria envolvente. Então, pareço conseguir sentir a história do organismo que repousa dentro da sua própria envolvente de suave respiração. Mas só o posso fazer se me ligar aos raios de luz e cor que penetram e emanam da envolvente. É por isso que tenho enfatizado a natureza deste processo que ocorre em torno do objeto como sendo um qualquer tipo de radiação; é sempre nesses raios móveis de luz e cor que trabalho sempre que faço clarividência, telepatia ou projeção.

Estou plenamente consciente de que o meu próprio transe, como mostrei na história da minha primeira infância, começou como um meio de fuga a um aspeto demasiado doloroso da vida. A causa imediata de todo o transe pode muito bem ser, como afirmam os psiquiatras, algum choque ou medo súbito que provoque uma dissociação na psique. Mas classificar o transe como devido a choque, medo ou desejo de evitar alguma experiência dolorosa não explica a sua natureza fundamental nem a sua função. Apenas descreve a forma imediata como se manifesta. A investigação científica ainda não descobriu a verdadeira natureza de um estado de transe, nem

conseguiu mostrar como o transe é capaz de penetrar em áreas para lá do alcance da mente consciente no estado de vigília.

A maioria das pessoas considera o transe simplesmente como um estado passivo e semelhante ao sono. Não se apercebem de que aqui está em ação um princípio ativo, assim como passivo.

Pois o transe contém em si um duplo ritmo que vim a compreender através da minha própria experiência. A passividade do transe atua como um espelho no qual são recebidas as imagens e pensamentos do seu aspeto mais ativo. O princípio ativo e o passivo estão tão intimamente relacionados que quase produzem e refletem simultaneamente; e sei que ambas estas condições de transe, a ativa e a passiva, são estimuladas pelos processos criativos e glandulares do corpo físico.

O transe é mental, emocional e fisiológico, e a sua verdadeira condição continua a aguardar uma investigação científica mais exata. O transe, na sua dualidade de comportamento ativo e passivo, responde de acordo com uma lei fundamental de todo o nosso Universo; este princípio de ser passivo e ativo, negativo e afirmativo, liga tal mediunidade às leis que regem a ação da matéria e da energia em todo o espaço.

O papel da personalidade de controlo é, creio eu, depois das minhas experiências e estudo, principalmente o de intérprete das imagens construídas ou descobertas pela mente subconsciente; poderá também não passar de um aspeto dessa mente subconsciente que se dramatiza numa personalidade de transe. Por outro lado, não será igualmente possível que a mente subconsciente seja, em si mesma, apenas um canal que possa estender-se para outras áreas de supraconsciência e extrair desse reservatório ilimitado do Universo um conhecimento para além do alcançável pelo estado consciente do homem?

No que me é dado julgar, aquilo que recebo clarivamente não tem qualquer ligação com a minha vida e associações pessoais, quer conscientes quer subconscientes. Sei imediatamente quando este tipo de aceleração começa e estou ciente de que, sem a sua ação, não posso reclamar que trabalho supranormalmente. Sempre que a minha faculdade clarividente está ativa, isto produz uma estimulação, um sentimento de excitação, tal como o que se sente quando, em criança, se entra em algum território desconhecido e interdito.

O problema de lidar com a natureza da visão clarividente é muito complexo. A maioria dos investigadores com quem fiz investigação laboratorial considera-a uma forma de percepção extrassensorial. Mas, quando se pede aos cientistas que definam o que é “extrassensorial”, descrevem-na geralmente apenas como uma forma de sentir fora do âmbito dos cinco sentidos físicos do homem.

Pela minha própria experiência de clarividência, não considero que esta faculdade seja uma percepção extra-sensorial ou anormal, mas antes que se deve simplesmente à intensificação e ao refinamento da atividade dos cinco sentidos — tato, paladar, olfato, visão e audição — combinados e elevados a um grau de consciência superior ao que a maioria das pessoas alguma vez atinge.

Gostaria de dar um exemplo concreto da minha própria experiência quanto ao modo como a clarividência se desenvolve em mim quando intensifico e elevo o meu próprio estado de consciência. Posso, por acaso, estar a trabalhar clarividentemente com determinado investigador e, suponhamos, descubro-me de repente projetada para o jardim da casa desse experimentador. Aí, tomo consciência, talvez, de estar debaixo de uma macieira. Agora, todos os sentidos físicos entram em ação nas condições do meu estado clarividente, embora o sentido clarividente continue a predominar.

É inverno e vejo a macieira, que nesse momento está despida e nua. Depois consigo também ver essa mesma macieira nas suas diferentes fases de mudança e crescimento sazonais, fora desse momento no tempo. Quais os aspetos da árvore que posso ver depende, em parte, do meu próprio foco e, em parte, de circunstâncias fora do meu controlo. Posso vislumbrá-la primeiro como semente, quando plantada, ou como árvore jovem ainda não pronta a dar fruto. Ou, então, posso percebê-la em plena floração e sentir com toda a clareza o odor das suas folhas e flores.

Ou posso receber uma impressão da árvore carregada de maçãs e ser capaz de descrever a cor e o tamanho do seu fruto e antecipar o seu sabor a tal ponto que a saliva se junta na minha boca. Enquanto me encontro nesse estado clarividente, tudo isto pode ocorrer em sequência rápida. Pode dizer respeito a muitos períodos da vida dessa macieira, ou posso apenas captar um vislumbre da fase que, naquele momento, está especialmente relacionada com a vida do investigador com quem estou a trabalhar.

Mas, neste exemplo que escolhi ao acaso como ilustração, é importante notar que os sentidos físicos da visão, do olfato e do paladar estão bem patentes, embora ocorram dentro do funcionamento do estado clarividente. Na minha experiência, a percepção supranormal nunca é “extrassensorial”, mas inclui sempre em si o funcionamento dos cinco sentidos físicos.

Muitas vezes, nas imagens clarividentes, vejo uma pessoa isolada com, talvez, alguma parte de um membro, ou um traço do rosto, subitamente enfatizado e a crescer para um tamanho e uma importância completamente desproporcionados em relação ao resto da figura que estou a ver. Quando isto acontece, sei sempre que há propósito e significado nessa distorção. Se me é apresentado assim, trata-se de um método de chamar a minha atenção para algum problema ou acontecimento particular; por exemplo, certa vez a mão de um homem que eu via clarividentemente aumentou tanto de tamanho que pude ver claramente que lhe faltava o polegar, uma deformidade significativa para o consulente. Uma vez vi a covinha na face da esposa falecida de um determinado homem com quem eu trabalhava crescer tanto que parecia tornar-se um buraco no rosto dela. A razão dessa distorção ter-me aparecido tornou-se clara quando, de seguida, me foi relatada a importância invulgar daquela covinha na relação amorosa do marido e da mulher.

Não sei quando e como começa a visão clarividente, tal como ninguém consegue explicar como começa a sua própria visão; mas, uma vez iniciada, sou capaz de aumentar a sua força e intensificar a sua ação, acelerando conscientemente a minha respiração. Quando a clarividência começa em mim, uma sensação de formigueiro percorre o corpo, mas parece libertar-se pelos dedos das mãos e dos pés, pela ponta do nariz e por outras partes hipersensíveis do meu corpo; é como se o estado clarividente estivesse a limpar os canais do corpo para abrir espaço para si. Ao mesmo tempo, sei também que os outros sentidos se tornam mais aguçados e mais apurados e interagem com a visão clarividente, permitindo-me estar cada vez mais consciente do som, do paladar, do olfato, do tato e da visão.

A minha visão clarividente é sempre acompanhada pelo seu próprio ritmo musical. É como se o ato de clarividência produzisse, no meu caso, uma câmara sonora própria. Quero com isto dizer que, enquanto estou em estado clarividente, pareço estar contida numa caixa de ressonância que, longe de me perturbar, cria uma exaltação

em que me sinto protegida. Dentro dessa área contida, apercebo-me de distinções mais finas de tom e de volume e ouço muito mais claramente as tonalidades de uma voz humana ou de um instrumento musical. Nesses momentos, consigo estar mais vivamente consciente das divisões nas notas do tom de uma voz ou de um instrumento do que das palavras que são cantadas ou da melodia que é tocada.

Estou então também consciente de que se estabelece um sentido de separação entre mim e o objeto ou pessoa da experiência. Forma-se uma névoa densa que me separa do sujeito com que estou a trabalhar. Esse véu ou substância nebulosa estabiliza o meu próprio movimento e torna possível receber, por meio do seu poder reflexivo, os pensamentos, sentimentos e emoções ligados ao objeto ou à pessoa da experiência. À medida que a clarividência cresce, o ambiente físico efetivo torna-se esbatido; e sinto igualmente uma espécie de expansão dentro de mim. Pareço estar, ao mesmo tempo, dentro e fora do meu corpo, enquanto extraio respiração e visão do campo que o envolve. Nesta condição de clarividência, todo o meu corpo parece adquirir uma percepção visual, de modo que consigo ver não apenas através da testa mas igualmente bem com a nuca ou com os dedos, e por vezes toda a superfície da pele se torna simultaneamente um olho omnividente e um ouvido omniouvinte.

Pela minha experiência, não consigo traçar facilmente uma distinção satisfatória entre clariaudiência e clarividência, de modo a explicar claramente onde a clarividência termina e a clariaudiência começa. Sei que ambos estes tipos de percepção são geralmente classificados como “extrassensoriais”, mas nunca os encontro a funcionar senão com os outros sentidos; volto a sublinhar esta convicção minha, baseada na experiência, de que todos os nossos sentidos físicos estão incluídos, de forma intensificada ou refinada, dentro do funcionamento da clarividência e da clariaudiência.

A questão da natureza das imagens recebidas na clarividência, do seu método de receção e da sua construção gradual ou tradução pelo homem em palavras, continua a ser uma vasta província a explorar e a investigar objetivamente. Para avaliar o papel do processo de criação de imagens na clarividência, não seria interessante descobrir que proporção das pessoas ditas normais recebe as suas impressões correntes, no quotidiano, sob a forma de imagens ou quadros? Isto há de ser, de facto, uma experiência universal, pois as primeiras

tentativas do homem de comunicar com outros por meio da escrita foram sempre em termos de linguagem pictórica.

Falei anteriormente de receber impressões clarividentes como imagens para depois ter de interpretar-lhes o significado em relação às circunstâncias das pessoas sobre quem incidem. Desde a primeira infância tenho consciência de símbolos fundamentais que me senti compelida a desenhar. Quando fui para a escola, descobri que essas imagens estavam intimamente ligadas à forma do alfabeto impresso.

Para mim, as letras passaram também a associar-se e a identificar-se com tipos de pessoas e os seus caracteres; isto evoluiu para aquilo a que se poderia chamar a minha linguagem pictórica pessoal e, quando mais tarde vim a usar a clarividência, verifiquei que esses mesmos símbolos se apresentavam sempre associados a certos tipos e temperamentos. Tenho agora aquilo que para mim é uma linguagem gestual quase infalível, a qual torna a classificação de todas as pessoas que encontro e com quem trabalho um assunto claro e simples.

Na troca quotidiana entre as pessoas, dá-se, em circunstâncias normais, a estimulação da atividade do coração, o movimento do sangue e a ação das respostas cerebrais. Mas, quando a comunicação ocorre através da percepção “supranormal”, todos esses processos são, no meu caso, nitidamente acelerados; há uma aceleração definida da sensação, produtora de uma subida de temperatura, um acelerar da ação do coração e um pulso mais rápido. Os processos normais de pensar, sentir e ver são acelerados e um estado emocional diferente ocupa o seu lugar; torno-me então recetora de uma série de quadros, imagens e reflexos que me chegam, aparentemente, mais lentamente do que pelos meus outros sentidos, ditos “normais”. Quando uso a visão clarividente, não olho para o objeto, como na visão comum; antes puxo o objeto para mim e entro na sua própria essência vital, tornando-me, por esse momento, parte dele.

Tão nitidamente é esta uma experiência que incide sobre o corpo físico a partir do exterior que, quando tal experiência termina, é difícil, senão impossível, recordar qualquer parte dela — nem sequer uma única palavra dita. Os efeitos da percepção “supranormal” são muito diferentes do que acontece quando alguém se senta para pensar, por si, um problema difícil. A solução da dificuldade pessoal traz certa tensão e fadiga; mas, após a percepção “supranormal”, segue-se apenas

um relaxamento e uma estimulação agradáveis, sem qualquer forma de cansaço; para mim não há perturbação da mente, apenas uma sensação de leveza, harmonia e repouso.

Ouvi dizer que, na percepção “supranormal”, são necessárias a concentração e a meditação. Mas isto parece contrariar tudo o que aprendi da minha própria experiência em clarividência, telepatia e projeção. Diria que a descontração, a despreocupação, a ausência de pensamento dirigido sobre o processo, são pré-requisitos para a produção de tais estados. Um estado de espírito a que gosto de chamar “alta despreocupação” é aquele em que obtenho os melhores resultados. Com efeito, tenho verificado que qualquer esforço consciente para pensar, sentir, perceber ou ver à maneira da meditação torna impossível aquele movimento acelerado que considero essencial à percepção “supranormal”.

Estou agora consciente de sete níveis de consciência quando trabalho clarividentemente. Mas levei muitos anos de autoexame até conseguir analisar as suas diferenças. A transição de um destes estados para outro é rápida e subtil. Só posso descrever estas mudanças tal como as conheço. Não encontrei ninguém que parecesse consciente destes níveis móveis que registam certas alterações fisiológicas durante o processo de clarividência. No primeiro estado há uma reação instintiva que se regista nos centros nervosos do estômago, acompanhada por um desejo intenso e primitivo. No segundo estado, tomo consciência de um movimento que oscila para cima e para fora a partir do plexo solar e depois se dobra de novo em direção à base da coluna.

Nesse momento, um jorrar de força transforma o desejo primitivo original num estado agradável de suspensão e expectativa. Este terceiro movimento, que se segue à atividade exigente no plexo solar, conduz a uma expansão do tronco e a uma estimulação da circulação da respiração por todo o meu ser; esta mudança de compasso faz com que a coluna relaxe e se torne flexível. As sensações quentes e agradáveis que surgem da coluna abrem um quarto nível distinto de consciência, que conduz a um aclaramento e a uma expansão na nuca, e esta sensação continua a subir até alcançar o crânio e penetrar o cérebro.

No quinto estado, o espaço atrás da testa limpa-se e fica imerso numa luz suave, na qual as cores mutáveis desempenham um papel importante, e eu entro efetivamente numa dimensão que é a cor. A

acompanhar este estado vem uma condição de paz, livre de todo o pensamento e conexão com o tempo, o espaço ou os acontecimentos. Este período de receptividade passiva é seguido, no sexto estado, por uma aceleração geral e unificação dos cinco sentidos. Agora o processo da clarividência começa, de modo definido, a funcionar, coordenando e acelerando todas as percepções sensoriais.

No início da clarividência, o minúsculo espaço por detrás da testa, iluminado pelo fulgor da luz, parece crescer e expandir-se para além da medida do tempo ou do espaço. A ação que então tem lugar pode relacionar-se com um acontecimento real de hoje, um episódio de amanhã, ou um evento vivido há um século ou mais. Do mesmo modo, os protagonistas da cena que vejo nesse espaço atrás da testa podem ser pessoas que estão agora vivas ou aquelas que viveram no passado remoto. Dentro deste panorama em movimento, estas figuras são nítidas, sejam grandes ou pequenas.

O sétimo nível de consciência contém em si muito do que até agora tenho achado difícil pôr em palavras. Este nível final já não faz parte do processo, mas é a conquista de um novo estado de ser. Nesse instante, torno-me quase simultaneamente mais — e ainda assim menos — eu própria. É neste momento do crescendo da minha clarividência que precognição, clariaudiência, projeção e visão à distância ocorrem simultaneamente. Neste estado, recebo inspiração e torno-me una, identifico-me, com toda a vida que a minha visão contempla e o meu desejo abarca.

Neste nível de consciência posso estender-me e tomar consciência, à vontade, do ciclo de vida de qualquer ser humano. Se não tivesse aprendido a controlar este poder de percepção para me proteger do impacto destas experiências, uma tal intensificação de sentir e receptividade poderia causar exaustão. À medida que o meu corpo se torna cada vez mais exultante neste desenvolvimento do estado clarividente, a minha mente torna-se mais clara e tranquila.

Sei que a clarividência e outras sensibilidades “supranormais” não são simples processos mentais, uma vez que operam através das funções emocionais e fisiológicas do homem antes de alcançarem o estado mental. Quando os investigadores classificam aqueles que mostram proclividades psíquicas como “anormais”, não reconheceram que o funcionamento “supranormal” tem raízes na natureza normal e instintiva do homem. Infelizmente, o desenvolvimento da

sensibilidade psíquica, que pode ter começado espontaneamente, é por vezes forçado em demasia por aqueles que estão ansiosos por apressar a abertura dos seus próprios poderes. E isto pode conduzir a um estado neurótico ou desequilibrado, que não ocorre quando as sensibilidades supranormais são tratadas corretamente. Outros que começaram a desenvolver-se, por vezes fazem mau uso desta nova capacidade, num desejo de fins egoístas, para obter dinheiro, atenção ou poder.

Estou convencida de que o alicerce de poderes como a clarividência e a telepatia não é anormal, mas natural a todos os seres humanos; são simplesmente o resultado do desenvolvimento dos nossos sentidos físicos e produtos instintivos da evolução gradual do homem. Sei que isto é verdade, não apenas pela minha própria experiência, mas pelo meu conhecimento de pessoas de todas as partes do mundo que conheci, tipos que se orientaram para uma existência normal e prática, mas que por acaso desenvolveram alguns aspetos da percepção “supranormal”, o que os ajudou a alargar a sua vida pessoal ou profissional. Um certo número dessas pessoas que encontrei interessava-se por investigação arqueológica ou antropológica e admitiu-me que se descobrira possuidor de faculdades que lhes permitiam perceber a natureza íntima de quaisquer objetos que investigavam.

Por vezes, tais indivíduos, através da sua percepção supranormal, conseguiam, inesperadamente, analisar a história desconhecida de algum vestígio pré-histórico, ou desvendar a técnica de algum processo de cor perdido, ou o segredo de algum vidro antigo. Outros contaram-me que lograram restaurar modos perdidos de música antiga, rituais religiosos esquecidos e formas sepultadas de fala arcaica, ocultas em certos fragmentos do passado. Tais reconhecimentos da história da evolução do homem na música, na arte, na linguagem e na arqueologia não eram ideias vagas de indivíduos não treinados; eram afirmações feitas por homens e mulheres profundamente versados nas suas profissões escolhidas, que aceitavam a validade de tais experiências de percepção ou de identificação “supranormal” de um antigo registo apenas quando uma investigação científica cuidadosa corroborava os dados das suas percepções “supranormais”.

Que explicação tem a psicologia moderna para tais fenómenos? Tende a rejeitar a validade de tais alegações como as que acabo de citar, classificando-as como paranormais; e prefere considerar

indivíduos que afirmam capacidade de recuperar conhecimento antigo por meio de percepção “supranormal” como neuróticos ou desequilibrados. Mas a psicologia será finalmente obrigada a encarar a psique humana na sua relação abrangente com o tempo e o espaço. Quando esse tempo chegar, o conceito presente de memória e consciência terá de ser revisto, de modo a incluir as áreas supraconscientes, bem como as subconscientes, no homem.

A percepção instintiva, que encontro como base de toda a percepção supranormal, não se limita apenas ao homem, pois dirige também o comportamento de todos os outros organismos vivos. A percepção intuitiva é esse princípio ativador na vida tanto do homem como do animal, que os preserva contra as forças hostis do seu próprio ambiente. Esta vigilância, ou hipersensibilidade, em todas as criaturas vivas, é criada pela síntese fundamental dos seus cinco sentidos a registarem no corpo físico; tal vigilância instintiva é o fundamento de toda a verdadeira autoproteção, que significa sobrevivência. A percepção “supranormal” não é, portanto, senão um refinamento desse poder dinâmico que impele toda a vida através do seu crescimento e evolução incessantes.

Já falei do modo como o desenvolvimento e o uso das minhas próprias percepções supranormais se relacionam com o controlo da minha respiração. Todos os treinadores desportivos e professores de canto sabem da importância vital da respiração na regulação do equilíbrio entre movimento e estabilidade. Atletas natos, bailarinos e patinadores não possuem apenas uma coordenação instintivamente perfeita do corpo, mas também uma correlação inconscientemente perfeita da sua respiração com os seus movimentos. Sublinho isto para chamar a atenção para o facto de que o atleta ou bailarino instintivo nasce com tal coordenação natural, hoje rara no homem, mas ainda comum a todos os animais. O homem esqueceu que a coordenação rítmica do movimento e da respiração foi, em tempos, a sua herança natural. Perdeu o seu direito de nascimento, mas pode recordar como reeducar esta capacidade instintiva para seu próprio uso. E assim, hoje, para ter êxito no desporto, na dança ou no canto, o homem submete-se a uma disciplina cuidadosa para correlacionar as suas respostas sensoriais com o controlo corporal.

Pelos meus próprios esforços para regular os meus estados supranormais, sei da importância do uso exato da respiração na harmonização da coordenação do corpo. A maneira como o psíquico

usa as suas sensibilidades especiais está intimamente ligada à forma como o atleta, em alerta para a ação, usa os seus sentidos físicos. E, através de um estudo cuidadoso dos meus próprios processos respiratórios, descobri que controlo os meus estados supranormais exatamente da mesma maneira que um atleta ou bailarino controla o seu corpo. A importância do processo respiratório como aspeto dos fenómenos supranormais ainda não é reconhecida no Ocidente. Mas o Oriente há muito compreende o seu significado e uso, tanto no ensino do Yoga como no ritual da dança.

Nos tempos antigos, era sabido por mestres, líderes e muitos outros que a inspiração era o poder que ligava o homem às Forças Supremas do Universo. Quando este poder de verdadeira comunicação com o Altíssimo se perdeu para o homem, ele não só esqueceu o método pelo qual alcançara esses estados, como também a memória dessa inspiração; o que dele permanece, o homem ainda venera nas suas Escrituras Sagradas como a Palavra viva de Deus.

Capítulo XXXIX

AS MINHAS PRÓPRIAS CONCLUSÕES SOBRE RADIAÇÃO, MENTE E CLARIVIDÊNCIA

À medida que, nos últimos anos, me fui familiarizando mais com o funcionamento do corpo e da mente, passei a conhecer a envolvente como um campo magnético; e, como este me parece um termo mais adequado do que aura ou envolvente, continuarei a usá-lo. Embora tal campo envolva o corpo físico, ele também engloba uma formação nebulosa e semelhante a névoa em torno do corpo, que parece respirar a uma vibração mais alta do que o corpo a que pertence. Vejo também este campo a atuar como um mecanismo dador de vida e protetor da química do corpo. Embora o campo magnético consista numa substância semelhante à do corpo, ele retira a sua força, tanto quanto posso observar, do gás carbónico, bem como de outros elementos do corpo. Quando libertadas do organismo físico, essas substâncias parecem entrar em contacto com a atmosfera e formar com ela uma matéria densa, embora frágil e semelhante a teia de aranha, que envolve sempre o corpo.

Este campo magnético desempenha o papel de condensador de toda a experiência que entra no corpo físico de fora para dentro; é capaz de filtrar, através da sua substância em forma de malha, todas as

radiações atmosféricas de luz, som, cor e movimento. Isto torna o campo magnético que rodeia cada organismo humano o recetor e refletor de todas as percepções “supranormais” e também das normais que, por fim, alcançam o organismo humano.

Quando a experiência é recebida dentro do campo magnético, vejo-a passar então através do corpo numa série de raios de luz que se movem ritmicamente para dentro e para fora, numa sucessão rápida e contínua. O campo é capaz de participar nas mudanças incessantes do corpo físico através de um processo interior, pelo qual esses raios de luz registam, infalivelmente, o desenho da vida quotidiana em todos os estados físicos, mentais e outros estados corporais do organismo humano.

Examino sempre a condição do campo magnético que envolve o corpo da pessoa com quem trabalho clarivamente. É pelo estado desse campo que consigo, segundo a sua clareza e cores particulares, julgar o grau de vitalidade e saúde física, mental e emocional do indivíduo. A cor desempenha um papel da maior importância ao significar o estado de bem-estar e de tensão emocional no campo de cada pessoa.

Muitas vezes tenho conseguido seguir, dentro do campo magnético, linhas e ruturas que me dizem que doença ou enfermidade específica uma pessoa teve. As minhas análises de tais “cicatrices” foram verificadas em muitas ocasiões. Para quem conhece a sua linguagem de sinais e cores, o campo magnético do homem torna-se uma espécie de mapa pelo qual a condição do corpo, da mente e do espírito é claramente revelada. Assim também esse campo desempenha um papel decisivo no desenvolvimento da personalidade do homem. Espero que a ciência venha em breve a tomar consciência da existência do campo magnético como gráfico de diagnóstico do estado do ser humano na sua totalidade.

Uma vez que este campo magnético interpenetra o corpo físico e, contudo, se estende e troca com outras energias do Universo por meio da radiação, o homem fica assim estreitamente ligado a todas as forças em jogo no mundo, através da energia da sua mente, da sua emoção e da sua sensação física. Na realidade, não há separação entre o homem e a sua mente, a sua psique e o seu corpo; estes são apenas três aspetos do ser humano. E estou convencida de que a chave para a inter-relação

da natureza tríplice do homem reside na investigação científica deste campo magnético que envolve o seu corpo físico.

Quando o ser humano perceber a gama de poderes ao seu alcance, acabará por compreender a natureza do seu próprio campo e então poderá estender-se até aos domínios mais longínquos do pensamento e do ser. O que agora é considerado percepções supranormais acidentais de alguns poucos, tornar-se-á gradualmente poderes amplamente aceites e mais claramente compreendidos por muitos. Não digo isto como um apelo a desenvolver a percepção supranormal em toda a gente; mas, se a ciência viesse a aceitar a realidade deste campo, após um período de investigação objetiva, começaria a alterar a sua opinião sobre a natureza da personalidade; e aquilo a que o mundo chama hoje supranormal seria gradualmente aceite como a condição natural e normal do ser humano.

Descrevi este campo magnético que vejo envolver todos os seres humanos como a estação recetora na qual o homem pode obter imagens, impressões e sensações, não só de outras pessoas, mas de muitas partes do Universo. Essas impressões são, simultaneamente, peneiradas pelas respostas da mente, que aceita ou rejeita tais impressões; são recebidas e transmitidas por uma forma de radiação que é ativa em toda a natureza.

O movimento desta energia não é visível à vista comum. No meu caso, vejo primeiro movimento em cor e luz; a natureza desta ação primária que tem lugar em todo o espaço é rotativa; e dela nascem todas as minhas percepções clarividentes objetivas. Estou consciente de uma escuridão pesada e informe antes de começar a ver forma clarividentemente. Essa escuridão está carregada de movimento pulsante, respirante, que irrompe em raios curvos de luz e cor. Alguns desses raios parecem desprender-se dos raios-mãe originais e, deslocando-se para fora, formam-se em linhas de luz que passam a desenvolver-se num movimento animado quádruplo. Essas linhas vívidas tomam um movimento rítmico oscilante à medida que se entrelaçam em espirais de luz por todo o espaço. A partir delas, nascem continuamente mais linhas que se ajustam no seu lugar e criam formas simples. Dentro de tais formas, percebo energia a formar-se em substância que é simultaneamente iridescente e aparentemente gelatinosa. Globos de cor emergem dessas formas de luz e contêm, creio, o padrão e a essência originais de toda a vida.

Este processo ocorre numa fração do tempo que levo a descrevê-lo. Nem acompanha tal análise consciente a atividade de o ver. Menciono-o para clarificar as transições que ocorrem antes de se abrir a visão clarividente. Nesse momento consigo ver através, à volta e para além de um objeto. Repito outra vez: tenho de estar num estado de relaxamento fácil, sem esforço de concentração, para que esta clarividência possa funcionar, e qualquer tentativa de forçar a visão simplesmente limita o seu poder.

Descrevi apenas o que perceciono diretamente e sei existir, embora não possa fingir compreender totalmente o que ocorre. Falta-me a formação científica para compreender o que está por detrás de tais transformações de energia em luz e de luz em cor. Estou ciente de que algumas dessas mudanças já são conhecidas do físico, mas agora estou apenas a tentar descrever aquilo que consigo, através das minhas próprias percepções, sentir e ver clarivamente.

A mente, em sentido universal, sei que está fora e não dentro do corpo humano. Consigo ver as impressões que emanam do universo exterior a registarem-se no campo magnético de todos os organismos vivos. À medida que tais ideias, sensações e emoções chegam ao homem de fora para dentro, são, reconheço, recebidas por certos centros localizados dentro do seu próprio campo magnético; essas impressões são então transmitidas para se registarem no corpo físico.

Pela minha própria experiência, estou preparada para afirmar que o cérebro do homem regista e dirige a atividade apenas de uma parte limitada das impressões da sua própria mente. Pois a mente do homem não consiste apenas no consciente e no subconsciente, mas também no supraconsciente; e, destas três áreas, o subconsciente e o supraconsciente encontram-se, tal como os sinto e vejo, localizados no campo magnético; a mente consciente simplesmente regista, no corpo, um padrão limitado de vida diária.

A esta mente consciente atribuo pouca importância, comparada com as áreas subconsciente ou supraconsciente. Pois considero-a meramente um padrão temporário de existência, sobre o qual incidem e que é transformado pelos outros níveis de consciência, mais poderosos e mais importantes. É por meio do subconsciente que o homem está ligado à experiência e aos acontecimentos do passado, e é através do supraconsciente que o homem alcança, ou pode alcançar, os seus próprios poderes de visão e de inspiração.

A área do subconsciente profundo é, segundo o meu próprio entendimento, a fonte de onde nasce tanto a mente consciente como a subconsciência (underconscious). Vejo a subconsciência a atuar entre os níveis consciente e subconsciente, contendo aquela parte da história do dia que ainda não foi tratada e integrada no padrão da mente consciente.

A psicologia moderna veio, recentemente, a aceitar a hipótese do subconsciente como a área onde os desejos enterrados do homem e as experiências esquecidas irrompem para a mente consciente sob forma e ação simbólicas. Mas nenhum reconhecimento semelhante foi ainda concedido ao poder e à importância da mente supraconsciente.

Considero o subconsciente como contendo o ego inteiro e completo do homem. Mas, embora o subconsciente seja completo e autocontido, tal como é o caroço da semente de onde, por fim, brotará uma árvore perfeita, com tronco, ramos e folhas, o cumprimento do processo e da mecânica desta experiência depende da sua inter-relação e troca com o seu próprio supraconsciente. Se o subconsciente representa a semente da árvore, o supraconsciente é como a folha e representa o agente externo pelo qual a árvore da consciência vive e respira.

Em cada fase da evolução, todas as mudanças nos estados de consciência passam a envolver-se numa forma externa apropriada ao seu grau de ser. Esta transformação é evidente na evolução de toda a vida, da planta ao animal e depois ao homem. Não há razão para supor que este processo se interrompe na fase atual de desenvolvimento do homem. Estados superiores de consciência inevitavelmente evoluíram formas correspondentes de ser. E sei que isto é verdade pela minha própria experiência pessoal de ver e viver em áreas supranormais.

Embora penetre esses níveis através da direção da mente e do controlo da respiração, faço-o com o acompanhamento de um campo magnético de vibração rápida. A forma desse campo, embora invisível à vista normal, é o corpo que acompanha o funcionamento da supraconsciência no homem. E, embora a mente possa estender-se no espaço através da radiação do pensamento, cada fase de consciência encontra-se envolta em alguma forma de veículo — subtil e invisível, por mais que seja — que é apropriado ao estado de evolução do seu ser.

Descrevi os passos pelos quais procurei uma explicação fundamental da mediunidade no meu trabalho com os investigadores psíquicos e os cientistas. E, quando todos falharam em apresentar qualquer forma de interpretação do funcionamento supranormal, vi-me obrigada a voltar-me para dentro de mim e assim procurar descobrir uma compreensão mais profunda do significado da mediunidade. Mas, antes de apresentar as minhas próprias conclusões, devo, no entanto, recordar brevemente que a psiquiatria continua a avaliar todos os aspetos da mediunidade como estados anormais, nos quais todos os graus de dissociação, incluindo o transe, são considerados fugas neuróticas à realidade.

Embora eu possa concordar em que algumas pessoas “dissociadas” sejam neuróticas, não consigo entender por que razão isso deveria condenar todos quantos manifestam sinais de dissociação como necessariamente anormais ou desequilibrados. Seria bom lembrar que toda a pessoa normal tem também os seus momentos de dissociação em devaneios ou fantasia, e que estes não passam de expressões menores do mesmo fenómeno que ocorre em estados mediúnicos.

Onde, então, está a linha divisória entre o que é normal e o que é anormal na dissociação? E quanta fantasia pode um indivíduo permitir-se antes de ser classificado como neurótico? Isto levanta a interessante questão de saber se artistas e sensitivos estão a “fugir da realidade”, quer ao criar obras de arte, quer na mediunidade. Ou se não existirá, no estado de supraconsciência, uma realidade mais elevada da qual o artista e o sensitivo extraem inspiração?

Cheguei agora a um ponto da minha própria vida em que estou preparado para tomar uma posição e afirmar, de forma positiva, que a superconsciência não é uma condição de doença e desequilíbrio, mas, antes, de vitalidade, harmonia e completude, um estado de realização do qual derivaram todas as grandes criações e profundas iluminações da humanidade. E, quando falo de superconsciência, refiro-me a um estado que conheço através de todas as manifestações de mediunidade. A dissociação tem sido considerada uma anomalia e uma fonte de destruição para a vida e a personalidade do indivíduo; mas, ao longo dos anos, vim a saber que, nos meus próprios estados de separação, quer em transe quer fora dele, consigo ser construtivo e prestável para os outros, assim como para mim próprio.

Quando me recolho ao estado de transe, isso nem me cansa nem me esgota; pelo contrário, ganho força e uma compreensão mais profunda dos níveis supranormais a que então acedo. Quando pessoas de mente aberta e sinceras, livres das limitações de uma fé espírita, ou de qualquer outra fórmula ou crença fixa, trabalham comigo, costumam relatar que lhes foi dada, durante o meu transe, ajuda construtiva na cura, iluminação e entendimento.

Recebi tantas provas do caráter construtivo dos meus estados de transe, tanto para os outros como para mim, que, por mais que o transe possa ser interpretado como um meio de fuga aos problemas da vida, estou certo de que é mais do que isso, já que contém determinados elementos positivos e construtivos de importância suprema para o crescimento da personalidade humana. Acredito, portanto, que ainda está por fazer muito estudo e investigação, por parte do investigador científico, quanto à natureza do transe.

Porque a mediunidade de transe é hoje tão pouco compreendida, dediquei-lhe aqui uma atenção considerável. Os que não estão familiarizados com as várias expressões da mediunidade poderão não ter consciência de que tanto os seus aspetos mentais como os físicos se manifestam durante o estado de transe. Mas não tenciono discutir longamente a natureza da mediunidade física, porque a encaro apenas como uma transformação adicional dessa mesma energia patente na mediunidade mental e em todas as outras formas de fenómenos supranormais.

Na mediunidade física, creio que é o desejo da mente inconsciente que dirige a energia (sem meios materiais) capaz de atirar jarros ao chão ou erguer mesas no ar. Se a mente inconsciente pode influenciar objetos por meio da sua energia, quanto mais eficazmente poderá a mente consciente, com o seu poder mais claramente focado, provocar o movimento de objetos e a atividade de pessoas, na proximidade ou à distância. Digo-o sabendo, através das minhas próprias experiências, que sou capaz de influenciar os movimentos de objetos e o comportamento das pessoas sem meios físicos.

Com a direção da mente consciente, posso também obter, à vontade, certos números num jogo de azar, com uma frequência muito além do que seria de esperar segundo a lei das probabilidades. Posso levar mais longe uma tal experiência e controlar assim a mente de outra pessoa que esteja a jogar, de modo a produzir o número que

previamente selecionei. Com tais resultados, mostrei repetidas vezes como a mente consciente pode controlar fenômenos físicos; prova de que a energia pode ser dirigida à vontade e de que a vontade e o desejo controlam a ação física. Sem dúvida que tais experiências convidam a uma investigação objetiva mais aprofundada.

Foram realizadas experiências controladas, não apenas com o controle de objetos, como no caso dos jogos de azar, mas também com a influência do comportamento de pessoas à distância. Posso citar um exemplo muito simples da minha própria experiência. Quando a minha filha sai, ainda que eu não saiba onde ela está, posso, se assim o decidir, projetar à sua mente o meu desejo de que, ao regressar, me traga flores de determinado tipo e cor. Quando chega a casa, à noite, trará as flores que lhe “encomendei”, com a minha mente consciente, que me trouxesse.

Neste caso, o uso da vontade para dirigir energia é semelhante ao processo que tem lugar no controle dos resultados do jogo de outra pessoa, nos jogos de azar. Como foi possível que coisas assim acontecessem? Acredito que o pensamento é um processo de energia que tem o poder de se deslocar através do espaço com uma rapidez invisível à visão comum. Nos dois casos citados — o sucesso nos jogos de azar e as flores desejadas trazidas pela minha filha — considero que tais resultados se devem ao meu controle das radiações de energia emitidas pela minha mente, quer para os dados de um jogo, quer para a mente da minha própria filha.

Tais experiências (de entre muitas, muitas semelhantes) provam-me que o pensamento tem o poder de mover objetos e influenciar pessoas e acontecimentos, e de interferir com os resultados previstos pela lei das probabilidades. Estes acontecimentos tornam-se significativos para nós quando reconhecemos que a mente está aqui a evidenciar o poder de desviar a energia de um acontecimento “destinado”, antes de ele ocorrer no tempo.

O poder do pensamento está, portanto, intimamente ligado à natureza do tempo. Consequentemente, somos obrigados a perguntar-nos o que é o tempo, cujas leis podem, em certas condições, ser superadas pela mente? O tempo é um produto da mentalidade do homem. Diz-se que consiste em passado, presente e futuro. Mas estes não passam de categorias mentais limitadas que o homem cria, para

sua própria conveniência, ao tentar focar a sua existência fluida dentro das áreas ilimitadas do espaço.

Para mim, enquanto sensitivo, tais divisões do tempo não têm significado. Pois o presente é apenas o instante que se situa entre o passado e o futuro e, no momento em que pronunciamos “agora”, já se tornou parte daquilo a que chamamos passado. Nem podemos referir-nos a estas classificações do tempo — passado, presente e futuro — sem as relacionarmos necessariamente com os nossos estados mutáveis de consciência, que se movem tanto dentro como fora do tempo. Com efeito, o presente é tão fugaz e ilusório como aquela área efêmera da consciência a que chamamos mente consciente.

A mente consciente identifica-se, então, com essa estreita faixa temporária da vida do homem onde o inconsciente e o superconsciente se encontram e se fundem. Termos como “tempo presente” e “mente consciente” são a forma como o homem exprime aquele instante de paragem e foco na sua própria percepção, que ocorre dentro dos limites do tempo e do espaço, tal como os conhece. Tais são os limites do que o homem costuma chamar “realidade”. Uma condição limitada ao uso prático, nos seus tratos quotidianos dentro de um mundo tridimensional.

Mas o homem é seguramente mais do que um ser tridimensional. Pois, através da mente ou consciência, é capaz de penetrar tanto no passado como no futuro; recuando e recordando as suas memórias sepultadas, é capaz de recuperar o passado; e, projetando o seu pensamento para a frente, pode aprender a controlar o futuro. Se o homem compreendesse o alcance potencial dos seus poderes, seria capaz de ir para além do tempo, até um estado em que passado, presente e futuro são um, e para além da mente consciente, até uma área onde o subconsciente, o consciente e o superconsciente estão unidos. Quando o homem passar a reconhecer tal experiência como o seu direito de nascença, então será realmente capaz de viver consigo próprio, ao mesmo tempo, nesses estados fora do tempo, que ainda são por ele pouco conhecidos ou compreendidos.

Falei muitas vezes da radiação como o meu próprio meio de contactar o mundo dos acontecimentos exteriores; e recorro a ela, sobretudo, como forma de me relacionar com esse mundo supranormal de que tenho consciência constante. Embora o processo do poder de radiação do homem seja ainda tão pouco compreendido

ou aceite pela ciência, estou convencido de que, num futuro próximo, a exploração do campo magnético provará que o homem é um “mundo” ou “sol” vivo e que está rodeado por uma certa névoa luminosa, como todos os corpos de luz; e descobrir-se-á também que esse campo ou nimbus que envolve o seu corpo físico o liga, bem como à sua consciência, à mente de todas as outras formas de vida e também à Mente maior do Universo. Com o avanço do conhecimento sobre a ciência da luz e da cor, o homem poderá fotografar a forma do campo magnético que o envolve e a cada outro organismo vivo.

Em breve serão construídos instrumentos de precisão para registrar a própria radiação do homem e a sua relação com outros tipos de energia no Universo. Terão de ser mais delicados do que quaisquer outros até agora construídos, para captarem as emanções velozes que irradiam do corpo e do cérebro do homem. Acabará o homem por começar a descobrir que o seu próprio corpo tem, dentro e fora de si, a resposta para o sentido da sua existência na Terra e para o enigma de todos aqueles outros estados de consciência que hoje o desconcertam.

Embora esteja vivamente consciente da luz e da cor no mundo de que faz parte, o homem não chega a reconhecer que também participa na brilhante página da paleta sempre mutável da natureza. Este campo magnético em que habita pode ser comparado ao fulgor cambiante de um arco-íris. Inconsciente de se encontrar envolto nesta película de cores constantemente variável, o homem cobre o corpo físico com roupas vivas para satisfazer a sua própria necessidade de cor. Tem esta necessidade profunda, embora esteja longe de compreender que, na verdadeira ciência da cor, cada tonalidade e cada matiz têm um efeito particular sobre o organismo vivo.

A medicina tem-se tornado mais claramente consciente da importância terapêutica da cor em várias formas de tratamento, assim como tem sido mais bem-sucedida no uso de raios X, infravermelhos e ultravioletas. Mas ainda há muito por descobrir quanto ao valor curativo dos raios de cor na investigação e na experiência do futuro. Quando começarem a revelar-se as possibilidades inexploradas da própria radiação do homem, será formulada uma compreensão nova da natureza e do funcionamento da mente e da consciência humanas, e a ciência desenvolverá uma utilização mais ampla do espectro de luz e dos raios magnéticos.

A cura, numa escala ainda não sonhada pela medicina e pela psicologia, tornar-se-á em breve possível, quando forem cartografados e devidamente dirigidos novos conhecimentos sobre a natureza e a força dos raios contidos em cada corpo. Então, será mais amplamente reconhecido que estados fundamentalmente destrutivos de negação, como a dúvida, o medo e a insegurança, estão na raiz das doenças físicas do homem. Quando, finalmente, compreender que é ele próprio quem emite os raios vitais que podem curar ou destruir a vida, começará a aceitar a sua própria responsabilidade e desejará aprender a dirigir e a controlar as suas próprias radiações para o uso positivo de si mesmo e dos seus semelhantes.

Tal autoconhecimento poderia ser ampliado e orientado pelo uso correto da sugestão e da autossugestão. Existe hoje pouca compreensão do uso terapêutico e educativo da sugestão para abrir as potencialidades que permanecem ainda por desenvolver na personalidade de cada ser humano. Os que atualmente usam a sugestão não demonstram qualquer reconhecimento sério da complexidade do processo, nem da técnica especial exigida para a utilizar corretamente.

Terão de tomar consciência dos muitos níveis da mente consciente e inconsciente, a alcançar e a tratar em todos os seres humanos, antes de poderem recondicionar as forças emocionais e espirituais daqueles que a eles recorrem em busca de ajuda. Observei que os médicos, educadores, pais e mestres religiosos que procuram usar a sugestão, chamem-lhe esse nome ou não, costumam insistir num estado de passividade ou de falta de sentido pessoal da parte dos que tratam. Isto é um erro, pois, embora esse método possa resultar num domínio rápido e fácil da mente de uma pessoa e ainda produzir uma melhoria temporária, só pode conduzir a uma dependência crescente e a uma perda de iniciativa por parte do paciente. Só quando a sugestão ajuda a libertar os poderes de um indivíduo e, assim, lhe dá a compreensão de como aplicar a autossugestão para o crescimento da segurança e do autodomínio, é que começa a cumprir a sua promessa como arte de cura.

A maioria das pessoas ainda não tem consciência de que, na nossa vida e pensamento diários, libertamos continuamente energia para formar raios de luz que irão incidir e “aterrar” algures. Quando o homem reconhecer que pode dirigir as energias da mente, não apenas em formas mentais como as que surgem na telepatia e na projeção,

mas também numa forma física capaz de influenciar e mover a matéria, então começará a compreender que tem a capacidade de desafiar conscientemente a lei do acaso ou da probabilidade.

A mente é a verdadeira força que cria todas as coisas no Universo. Tal como o arquiteto tem de imaginar na sua própria mente o edifício que um dia irá erguer, assim também a mente, no Universo, tem de conceber todas as coisas antes de poderem nascer. Primeiro vem a imagem ou a visão ao artista ou criador e depois segue-se a realização do sonho numa obra de arte concluída, ou num mundo. Num futuro não muito distante, as pessoas tornar-se-ão conscientemente cientes do tremendo poder contido no pensamento e de como ele atua por todo o universo, carregando e recarregando incessantemente a corrente das nossas vidas diárias. Pois, repito e sublinho: o pensamento é uma força ativa, que parte da mente do homem como um relâmpago, o qual atinge e afeta outras mentes ao mover-se e viajar através do espaço. É tão potente que nos pode fazer ou desfazer. Se nos déssemos conta do poder inerente e imperioso do pensamento para dirigir e controlar, ou criar e destruir, pensaríamos profundamente e de forma construtiva antes de nos deixarmos arrastar por grande parte da nossa vivência inútil.

O pensamento é a grande força motivadora de onde dimana todo o desejo. E o desejo é o sopro do Infinito em toda a vida pulsante. No mundo de hoje há sinais de que a natureza profunda do pensamento está novamente a começar a ser reconhecida, compreendida e aplicada à nossa existência diária. Se o homem vier, por fim, a aceitar mediante prova objetiva que a mente pode transformar-se em energia, assim como a energia se pode tornar mente, em breve será capaz de compreender o princípio da percepção supranormal e tudo o mais que tem lugar no Universo. Grande é esta verdade e maior o homem que realmente percebe que o espírito é a força da humanidade e que o pensamento é o monarca do mundo.

Capítulo XXXX

ONDE ME ENCONTRO E EM QUE CREIO HOJE

ESTOU agora pronto para explorar novos níveis de investigação objetiva, impossíveis no passado devido à minha falta de saúde. Durante vários anos, tive consciência de um poder de cura dentro de mim, mas sabia que ainda não chegara o momento de o poder usar

corretamente em meu benefício ou no dos outros. Eu ainda me encontrava naquela fase do meu desenvolvimento em que questionava e negava os aspetos positivos dos meus poderes supranormais. Mas estava suficientemente consciente da lei para saber que não podia aceitar a responsabilidade desses poderes até conseguir curar-me a mim próprio por meio deles. Reconheci que, até poder crescer numa plena aceitação do uso e da responsabilidade dos meus próprios poderes supranormais, não poderia começar a extrair verdadeira satisfação do meu trabalho.

Estão agora a perguntar-me onde me encontro hoje e qual será a direção do meu trabalho futuro. Sinto-me relutante em continuar as minhas atividades como médium profissional, pois estou convencido de que isso interfere com a investigação objetiva a que desejo agora dedicar-me. Cheguei à conclusão de que a hipótese espiritualista, por si só, limita a liberdade de tal investigação; nem o ponto de vista da maioria dos investigadores psíquicos é ainda suficientemente objetivo ou desprendido para penetrar naquelas áreas novas e inexploradas da mente com as quais proponho agora experimentar.

Para o conseguir, devo primeiro regressar àquele ponto do meu próprio desenvolvimento em que permiti que a interpretação espiritualista do estado de transe me fosse imposta como a única explicação verdadeira de tal fenómeno. Estou agora convencido de que tal uso enviesado do transe limitou, para mim, o funcionamento natural de muitos estados de consciência que já se vinham a manifestar na minha vida. Nos últimos anos, para além do meu trabalho como médium de transe, consegui usar esses outros aspetos da consciência no trato comigo e com os outros; o uso eficaz de tais áreas trouxe-me uma compreensão mais profunda das leis que regem o meu próprio corpo e mente e, por conseguinte, pude também aplicar essa realização à vida dos outros.

No trato dos níveis mentais em mim, encontrei o caminho para certas áreas hoje não compreendidas, mas que se relacionam certamente com a linguagem simbólica e os alfabetos do passado. Embora tenha consciência de que o simbolismo do inconsciente desempenha hoje um papel importante na psicologia, isto parece-me apenas o início de um processo que tem de ir mais fundo nas áreas subconscientes e também superconscientes do ser humano. Este é um

dos campos de investigação mais importantes em que espero em breve tomar parte ativa.

Tenho tomado cada vez mais consciência da forma como o pensamento pode ser utilizado para construir estados mentais que se tornam tão reais e objetivos quanto a realidade material tridimensional. Pode ter acontecido que, na primeira infância, eu tenha criado as imagens protetoras que mais tarde se dramatizaram em controlos; mas é também possível que memórias inconscientes ou raciais tenham fornecido a substância que deu personalidade aos controlos. Ao longo dos anos das minhas comunicações e investigação em transe, duas personalidades de controlo, as mencionadas anteriormente neste livro, estiveram sempre identificadas com o meu trabalho e nunca deixaram de manter os seus “eus” independentes e separados. É interessante notar que sempre acolheram todas as formas de investigação científica sobre a natureza do seu próprio ser e os mecanismos do meu funcionamento supranormal; mas, até ao presente, quaisquer esforços para as desalojar ou as reduzir a aspetos da minha própria consciência não conduziram a qualquer mudança na sua atitude, posição ou estado de ser. As personalidades de controlo mantêm ainda os papéis que sempre desempenharam em relação a mim, desde que o meu trabalho em transe começou.

Cheguei a um ponto do meu desenvolvimento em que posso viver em harmonia comigo e em paz com essas chamadas personalidades, pois sou agora capaz de as encarar como os aspetos mais finos do meu verdadeiro eu. Qualquer que seja a sua origem, não tenho, por ora, ao meu alcance os meios de a conhecer; mas, por enquanto, contento-me em aceitar os controlos como aspetos de um princípio construtivo sobre o qual toda a minha vida foi edificada.

Uma vez que acredito que o pensamento é o processo fundamental da criação e que nada do que uma vez se manifestou neste mundo se perde, é possível que aqueles que existiram antes de nós tenham impresso uma memória viva de si próprios no éter do nosso cosmos e que tal forma possa, pelo desejo, ser vivificada e evocada por aqueles de nós que possuímos em nós algum laço especial com esse aspeto do passado. Todas as minhas experiências supranormais convenceram-me de que o passado, o presente e o futuro não passam de aspetos de um processo contínuo no Universo. Numa tal evolução, o nascimento e a morte encaixam como fases necessárias

de um ciclo eternamente mutável que aspira à perfeição da alma humana.

Uma vida é, para um ser humano, um único fragmento da sua experiência total e, através de tal existência, o homem fica ligado pela memória e pela sensação a todas as formas vivas que foram e que serão. Para mim, portanto, o estado de morte não é mais do que um intervalo para respirar, no qual a alma que saiu desta vida pode tomar tempo para extrair a essência dessa experiência antes de entrar noutra fase do ser. A morte contém, por conseguinte, em si mesma, uma preparação subtil para aquela nova e imprevisível aventura que, embora o homem possa, ainda, ser incapaz de perceber, jaz seguramente para além de toda a vida e morte. Quando o homem vier, por fim, a recordar aquele estado de realização que outrora conheceu, então, verdadeiramente, recuperará o poder do Espírito e a derradeira reunião com o seu Deus.

O Fim.